

Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. BUSTAMANTE

Secretário — T. A. ARARIPE

Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR, 164

ANO XVI

Brasil — Rio de Janeiro, Julho de 1929

N. 187

Edição de 80 paginas

SUMMARY

EDITORIAL

QUERER — NÃO BASTA SABER E PODER FAZER, — É IMPRESCINDIVEL QUERER FAZER..... 323

COLLABORAÇÃO

- ASSUMPTOS NAVAES — *Escola Naval de Guerra* — Vice-Alm. Souza e Silva..... 324
- Fogo e movimento* — Cel. Bandouin..... 326
- Um aspecto do problema da aviação no Brasil* — Maj. Ajalmar Mascarenhas..... 335
- As vantagens da nephrectomia da egua e da mula nos corpos de tropa* — Ten. Vet. Castro Fretz..... 340
- Reeducação (transc.)* Dr. Renato Pacheco..... 348
- A aviação em ligação com a Infantaria (trad.)* Cap. A. J. Bellagamba..... 350
- O tiro na Artilharia de Costa* — Cap. Ary Silveira..... 357
- Recordações do Marechal Petain sobre a batalha de Verdun (trad.)* — Ten. Segadas Vianna..... 367
- A Infantaria na defensiva em grandes frentes (trad.)*..... 370
- A segunda parte (O Combate) do Reg. frances de Infantaria de 1928* — Cap. T. A. Araripe..... 375
- Notas sobre a instrução de conjunto do R. C.* — Maj. Collin..... 380
- Estudo da progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia* — Cap. Portocarrero..... 391
- Estudo de Direito militar* — Cap. Silva Barros..... 396

DA PROVINCIA

Inspeção do Chefe do E. M. da 6ª R. M. no 28º B. C. (conc.) — Ten. Cel. Camucé..... 356

DA REDACÇÃO

- Educação physica Nacional*..... 343
- Necessidade de produção e divulgação*..... 344
- Escola de Aviação Militar (condições de matrícula)*..... 346
- A lei do sorteio e os insubmissos*..... 356

SUBSIDIOS

Tactica de Infantaria..... 398

EXPEDIENTE

"A Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000
Avulso	2\$000

Permanecem em vigor as reduções para alumnos da E. M. e Sargentos. (5\$000 por semestre).

As assignaturas terminam nos mezes de Junho e Dezembro, podendo ser iniciadas em qualquer época; neste caso o assignante pagará os mezes restantes do semestre a razão de 1\$500 por mez.

Os pedidos de numeros atrasados devem ser acompanhados da importancia respectiva, isto é, 2\$000 por exemplar. (Preço de venda avulsa).

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, suggestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancia deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As vias de remessa da revista devem ser devolvidas como sinal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da sede da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia deverão propor um official, para substitui-lo definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

— apresentar os originaes sempre legiveis e se possivel dactylographados;

— só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilisem;

— se se tratar de assumpto tecnico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescritas pela R. S. C.* (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos toca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Os annuncios e quaesquer publicações pagas, tratam-se com o Director de Publicidade: Sr. Ernesto Dornelles.

Toda a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou rua do Ouvidor 164.

Mudança de residencia

Para evitar faltas pedimos aos interessados que communiquem á gerencia suas mudanças de Corpo, pois dobrando assim a ligação feita por intermedio dos Representantes não deixarão de receber a revista.

ASSIGNATURAS AVULSAS

Prevenimos aos Srs. assignantes avulsos que iremos inclui-los nos grupos dos respectivos Corpos ou Estabelecimentos pois as remessas por intermedio dos representantes, são registradas.

Aos demais assignantes avisamos que não nos responsabilizamos pelos extravios no Correio, salvo se indemnizarem a importancia equivalente ao registro respectivo.

EXPEDIENTE

"A Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000
Avulso	2\$000

Permanecem em vigor as reduções para alumnos da E. M. e Sargentos. (5\$000 por semestre).

As assignaturas terminam nos mezes de Junho e Dezembro, podendo ser iniciadas em qualquer época; neste caso o assignante pagará os mezes restantes do semestre a razão de 1\$500 por mez.

Os pedidos de numeros atrasados devem ser acompanhados da importancia respectiva, isto é, 2\$000 por exemplar. (Preço de venda avulsa).

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Todo que se refira á collaboração, suggestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer communicação, deve-se fazel-o ao *Director*.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Snrs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da sede da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia deverão propôr um official, para substitui-lo definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

— apresentar os originaes sempre legiveis e se possivel dactylographados;

— só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilisem;

— se se tratar de assumpto tecnico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Os annuncios e quaesquer outras publicações pagas, tratam-se com o *Director de Publicidade: Odilon de Queiroz Lucd.*

Telephone: Norte 5818.

Toda a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou rua do Ouvidor 164.

Mudança de residencia

Para evitar faltas pedimos aos interessados que communiquem á gerencia suas mudanças de Corpo, pois dobrando assim a ligação feita por intermedio dos Representantes não deixarão de receber a revista.

ASSIGNATURAS AVULSAS

Prevenimos aos Srs. assignantes avulsos que iremos inclui-los nos grupos dos respectivos Corpos ou Estabelecimentos pois as remessas por intermedio dos representantes, são registradas.

Aos demais assignantes avisamos que não nos responsabilizamos pelos extravios no Correio, salvo se indemnizarem a importancia equivalente ao registro respectivo.

Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. Bustamante

Secretario — T. A. Araripe

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANO XVI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1929

N. 187

DITORIAL

QUERER — NÃO BASTA SABER E PODER FAZER; É IMPRESCINDIVEL QUERER FAZER

De boa fé, ninguém poderá negar que a vontade seja o elemento primordial das acções humanas. E se considerarmos a significação que a Psychologia chegaremos sem esforço á conclusão de que ella por si mesma basta para o poder de obrar. Na verdade, todo acto humano é precedido de reflexão: "Querer, é um partido com conhecimento de causa, do que se o toma e propondo-se a tal ou tal

desse modo, o acto voluntario ou a volição exige certa dose de conhecimento dos factos meios de execução, isto é, certa dose de saber e de Poder. Antes de se tomar uma decisão é preciso reflectir, conceber o acto e comparar os motivos pró e contra a execução desse acto. E', após essa deliberação, o homem determina a sua acção ou melhor a sua resolução, que constitue então o primeiro passo do acto voluntario. Porém, se não houver nesse pé, não haverá vontade e sim intenção. Em boa logica, entende-se que a acção só será completa quando a resolução seguida da execução, o que importa necessariamente no dispendio de certo esforço.

Assim, quando encaramos o factor QUE-
rer no desenrolar da actividade humana, lhe damos o significado de resolução acompanhada de esforço; porém, não resolução irre-
flexiva e sim determinação consciente.

* * *

A actividade militar, mais do que qualquer outra, o QUERER FAZER, isto é, a VONTADE, representa o factor de maior monta, principalmente para o nosso caso particular, em que os mais elementares problemas apresentam momentos obstaculos que para serem vencidos exigem resolução firme e serio esforço. É curial que, quando se dispõe de saber e meios de execução e não se quer fazer, nada consegue realisar e se commette falta grave de inação — para a qual não ha attenuante. A nação e a causa publica podem e desculpar os erros advindos de falta de acção ou de emprego defeituoso dos meios

porém incriminarão, sem piedade, os servidores que se mantiverem fakirescamente de braços cruzados ante as suas diversas necessidades.

Por outro lado, de nada valerão a concepção dos problemas e o conhecimento dos meios e processos se não houver applicação delles, se não houver execução segura. Não havendo vontade firme de executar, todo o saber, a concepção, o estudo e o conhecimento das cousas só dão lugar a um desejo, uma boa intenção. E esta não é sufficiente. O que se quer são factos. O vulgo diz com acerto que "no inferno ha muita gente de boas intenções".

Muitas vezes a não satisfação das necessidades das Forças Armadas, por parte dos mais elevados escalões de commando e administração, como também por parte dos elementos subalternos, tem sido justificada pela falta ou deficiencia de recursos.

Ora, semelhante razão não subsiste em face do mais ligeiro exame. Quando se quer, sabe-se conseguir meios, senão todos os necessarios, pelo menos os sufficientes para dar uma solução modesta mas satisfactoria ao problema.

E' indispensavel fazer alguma coisa de util no sentido desejado. Para isto convem que tenhamos como lemma o aphorismo ouvido de energico Coronel de tempos que já vão longe:

"Quando não se póde fazer o que se deve, deve-se fazer o que se póde".

* * *

Felizmente o sentimento desse aphorismo vem aos poucos ganhando terreno entre nós. Na tropa, nos estados maiores e nas diferentes esferas da administração comprehende-se que a insufficiencia dos meios longe de constituir um embaraço ou uma attenuante para a inercia, é muito ao contrario um incentivo para maior esforço e mais trabalho.

Não está propriamente nas leis ou regulamentos, nas reformas e nos actos governamentais a chave da solução do problema militar. Em nosso fraco modo de entender, ella se encontra em nós mesmos, officiaes de todos os grãos da hierarchia, executantes e verdadeiros plasmadores do aparelhamento militar do paiz.

Assumpção Navaes

ESCOLA NAVAL DE GUERRA

ABERTURA DOS CURSOS DI 1920

DISCURSO DO DIRECTOR VICE-ALMIRANTE A. C. DE SOUZA E SILVA

Nota da Redacção: — A "A Defesa Nacional" tem o prazer de publicar em a numero de hoje o discurso proferido na Escola Naval de Guerra pelo seu Director Sr. Vice-Almirante A. C. de Souza e Silva, em 1º de Março do corrente anno, a ocasião da abertura das aulas nesse instituto de ensino superior da Marinha. "A Defesa" agradece ao Sr. Almirante Souza e Silva a gentileza da permissão que nos deu, facultando a publicação, e manifesta o conforto da valia do documento que hoje figura em suas paginas.

Senhores Commandantes.

Encetais hoje um periodo da vossa carreira, cuja importancia não preciso encarecer.

O Commando das forças destinadas á defesa naval da Nação, em que vos investe a confiança do Presidente da Republica, é uma missão tão gloriosa quanto é difficil.

Commandais: vossos navios ahí estão á espera do vosso signal; recebestes a vossa missão, examinastes a situação, tomastes a vossa decisão. Esta terá sempre, por objecto, a imposição da vossa vontade ao inimigo; por meio, a violencia

E' necessario que todos queiram sinceramente, pela acção, pela pratica, realizar a tarefa particular a cada um.

Nos corpos de tropa, esta regra encontra facil execução.

Desde que nunca se esqueça de que o Exército de paz existe para preparar soldados e quadros para a guerra, é sempre possível attingir o desideratum — ter soldados mobilisaveis e quadros treinados no commando de suas unidades. Então, basta que haja boa vontade e pequeno sacrificio de commodidades para se amoldar ás exigencias d'fíteis da improvisação de recursos.

Temos visto, por exemplo, cruzarem-se algumas vezes os braços sob o pretexto de que os contingentes incorporados ficam muito aquém do effectivo normal de instrução. Ora, quando tal se dá é sempre possível dispensar maior cuidado a instrução do soldado e se dedicar com maior intensidade á instrução dos quadros, na realidade a parte essencial da preparação para a luta. Mesmo nas unidades sem effectivo a instrução dos quadros deve, para compensar a falta da pratica real do commando, ser muito mais desenvolvida do que nas de effectivo.

Tambem nos estados maiores e nas repartições administrativas é necessario vencer os pretextos, querer afastar os obices que se oppõem ás realisações. Ahí, onde os resultados a attingir provêm de varios individuos e organismos e dependem da continuidade do esforço, a vontade deve ser persistente mesmo apesar do pequeno rendimento que possa apresentar o esforço de cada um.

Mas não é tudo. Onde a vontade e a energia de execução se manifestam imperativamente é na nossa tarefa de Chefes.

Nesta não se exigem só a orientação e o conhecimento dos meios e processos; mais do que

que o coage. O cerebro concebe o braço executa mas que valerá ella sem vossa capacidade executiva? Esta, só a superioridade do vosso poder a dará.

Mas como conseguil-o?

As peculiaridades da guerra naval já tendo sido frequente objecto de vossa observação, já terdes constatado que, no mar, a superioridade é um termo de todo relativo, jamais absoluto porque não se exprime, como na guerra em terra, em numero — unidades, mas em dynamicidade — poder de destruição, poder de resistencia. Um pequeno submarino tem no bojo o poder para

tudo é necessario caracter firme e energia flexivel para vencer as resistencias, contra os maus habitos, corrigir os erros e muitas vezes enfrentar a malquerença dos descontentes. E' sob este aspecto que o verdadeiro Chefe — homem de intelligencia, homem de acção e mem de vontade — se impõe. Por muito inteligente e trabalhador que seja o official não passará de um bom moço, de um homem de intenções se não tiver fibra moral para executar as suas decisões e conseguir que os subordinados lhe dêem completa satisfação.

Assim, em ultima analyse, todos os que quiserem ser dignos da honra de commandar de dirigir deverão possuir inflexivel energia, profundo sentimento do dever, de modo a não ceder a transigir com a propria consciencia e a car, sem temor, com as responsabilidades respectivas funções.

A solução das differentes necessidades do Exército, não negamos, depende em grande parte dos meios que lhe são fornecidos pelos dirigentes da Nação. Pela criação dos recursos, dispensaveis devemos sempre nos bater com pertinacia junto aos poderes publicos, para celerar o completo aparelhamento da machina militar, para que nunca se nos incriminem por falta de previsão ou por ausencia de conselhos opportunos.

Já para semelhante acção de interferir junto aos órgãos do governo torna-se necessario querer com energia para convencer e afastar preconceitos erroneos. Porém, é no aproveitamento dos meios, quasi sempre deficientes, devido varias contingencias, que a vontade deve manifestar-se.

Sob a acção desta os resultados serão sempre compensadores, porque "o trabalho vence" e "nada resiste a uma vontade que quer" e a uma intelligencia que sabe".

varios dos mais poderosos encouraçados, e irammente invulneravel ao seu ataque; mas sua vez indefeso contra a mina e contra a mergulhante e de precaria defesa contra o; alguns navios torpedeiros podem desorientar uma linha de batalha e fazer recuar uma esquadra encouraçada; mas um simples cruzador os varrerá do seu caminho; um armado poderá perturbar o trafego marítimo numa extensa zona onde patrulhem cruzadores numerosos, mas de menor velocidade; mas o tempo, de um só golpe feliz. Desconcerta os antagonismos que dão ás operações navais a epica dos grandes heroismos e o terrapavorante das catastrophes historicas, e que em do official de marinha uma capacidade de revisão, um poder de combinação, uma rapidez de decisão, uma audacia de resolução, guiadas por um julgamento lucido, uma fortaleza de animo e uma impavidez difficil de se encontrar nas outras fórmulas da actividade humana.

No mar não ha terreno; uma posição é uma vantagem temporaria ás vezes instantanea, o no tiro.

O balanço, as modificações do rumo, as alterações meteorologicas, as pequenas falhas do local, podem ter effectos consideraveis na batalha; o acaso, que desvia os torpedos e cavalan granadas, tem muitas vezes a palavra final. — Tendes que fazer face a todas essas eventualidades e a muitas outras que a melhor visão ignora. Vossas decisões, de que podem depender imperios e de que certamente dependem o sucesso ou o desastre, tem de ser tomadas em poucos minutos, affrontando os mais arduos lances, no meio das mais variadas contingencias, e das quaes a menos ponderavel não por certo a decifração, pela preseruação da vida e do paciente, incessante e incansavel, da vida e dos designios do inimigo, a cujos empenhamentos abrem-se todos os rumos do oceano e sobre cujas iniciativas fecha-se a impeneabilidade dos horizontes.

E é no meio de dados tão incertos, de fortificações formidaveis, de factores tão caprichosos, elementos tão fugidios, que haveis de executar a vossa missão, tendo talvez a sorte da tria suspensa nas pontas do vosso compasso nas adriças dos vossos signaes.

Mas o vosso dever é — vencer — não pôde outro e tendes de cumpril-o. E como vencer? — *saber* —.

"A victoria é dos exercitos que manobram". para os exercitos, esta sentença de Foch, o grande mestre da guerra, é uma condição de existência, para as armadas é ella o proprio fundamento de sua existencia, porque a mobilidade é caracteristico constitucional do navio e é a força que a dirige e utiliza.

No mar, sem manobra não pôde haver iniciativa, porque todo empenhamento naval é móvel. Em terra, um exercito estacionado, a fortaleza, podem garantir uma fronteira, impedir uma passagem. Mas como manter livre a linha de comunicações maritimas com os pontos que não se movem, como ganhar o domínio do mar com uma esquadra immobilizada,

sem ir atalhar o passo ao inimigo e sem tentar destruir o que faz a sua força?

Em terra, operações militares cobrem zonas restrictas de territorios; as operações navaes são limitadas pelos proprios limites do oceano. Vencerá quem melhor manobrar. Isto é, quem melhor souber dirigir suas esquadras, melhor mover os seus navios, porou a guerra decide-se pela batalha e esta vence-a. no mar, quem a ella souber acudir com superioridade de poder de destruição.

Venceréis pela manobra porque só ella vos permittirá atingir o inimigo, contrariar os seus empenhamentos e crear as situações que o angustiam e o forcão ao combate; só ella vos assegurará no momento do choque a superioridade dinamica que é a condição do vosso triumpho.

Para a creardes, manobrareis para a concentração no ponto onde a força houver de decidir em movimentos de grande amplitude e cuidadoso preparo que effectuareis com segurança para terdes liberdade de acção, mediante a cobertura, que previniará as surpresas e frustrará as expectativas do inimigo, a caça, que o descobrirá e afustará o vosso golpe, e a economia de forças que vos tornará presente e forte sómente onde preciso. Manobrareis na batalha em movimentos rapidos, audaciosos, fulminantes, para obterdes pela utilização mais completa, mais coordenada, mais opportuna, mais concentrada, dos armamentos dos vossos navios um maior effecto dinamico, no ataque, uma maior eficiencia, na repulsa.

Tendes, assim, que será pela Estrategia e pela Tactica que articulareis e executareis a manobra que ha de pôr o inimigo entre as tenazes onde em seguida o esmagareis sob o tiro da vossa concentração de artilharia, sob a explosão da massa dos vossos torpedos, sob a surpresa dos vossos submarinos, sob a devastação das bombas dos vossos aviões. Vêdes assim o quanto é indispensavel a investigação dos principios que regem a guerra, a habilitação sem falhas no emprego do material, o conhecimento exacto dos recursos para a acção, porque a Estrategia, que colloca os navios onde devem estar, é governada pela Logistica, que alimenta a acção e subordina a Tactica que bate o inimigo. Manobrareis para executar a vossa decisão desde o momento em que vos fizerdes ao mar até a terdes obtido pela victoria, e quanto melhor manobradres, vós e os vossos commandantes, mais rapida, mais completa, mais fecunda será a decisão que buscais. E' o *saber* que vos dará acerto nas vossas resoluções, a confiança no exito, e a segurança na execução. Guiando a vossa intelligencia e fortalecendo o vosso coração, só elle vos tornará capazes de assumirdes sem temor e de executardes com successo a ardua missão do commando. Esta Escola vol-o proporcionará.

Não basta porém o *saber* para vos investir de toda a idoneidade para o commando. Ha de elle ser utilizado por uma — *vontade* — que será expressão material da vossa personalidade, vontade que não terá outro objectivo senão o successo a todo transe, mas que não será a vossa propria, o vosso arbitrio pessoal, mas sim um reflexo da vontade do vosso commandante em chefe, e que se tornará a vossa; será a

FOGO E MOVIMENT

(INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS MANOBRAS ESTRATÉGICAS E TÁCTICAS)

Conferencia realizada na E. E. M. pelo Cel. BAUDOUIN

M. M. F. e Director de Estudos daquella Escola

N. da R. — Esta revista, para corresponder a um dos seus principaes es-
— a divulgação dos trabalhos uteis, tem conseguido dos professores francezes
missão para publicar seus estudos mais importantes.

Hoje estampamos a conferencia inaugural do Curso de Tactica Geral na E. E. M.
e cujo valor naturalmente decorre da autoridade de seu autor, o Director da Escola
da nossa mais elevada Escola.

I — CONSIDERAÇÕES GERAES

A guerra é a luta de duas vontades; tra-
ta-se, para cada um dos adversarios, de que-
brar a potencia material e a força moral do
outro.

Para attingir esse duplo fim, para materi-
alisar a superioridade da vontade, só existe um
meio — a batalha — e, assim mesmo — o prin-
cipio é universalmente reconhecido — a ba-
talha offensiva.

Com effeito, enquanto não se avança, em-

impulção que aos vossos actos ha de dar o senti-
mento da disciplina que vos prescreve a obedi-
encia e vos impõe, sem restricções, os mais tre-
mendos sacrificios, será a iniciativa que a vossa
intelligencia ha de indicar a consciencia do de-
ver, que exige a vossa cooperação illimitada e
sem reservas.

Antes um mal que um bem o *saber* que gera
essa *indisciplina intellectual* a que se refere Foch,
causa de tantos desastres historicos, que leva o
subordinado a adoptar suas proprias vistas com
desprezo das do commandante em chefe, que põe
tibièza, carencia, irresolução e duvida do que lhe
é ordenado, que pela — *semi-obediencia*, cam-
minha da deslealdade para a traição, através
da desordem e da confusão que crê; *saber* que
a presumpção e a inconsciencia fazem olvidar que
a disciplina na cadeia do commando não é a disci-
plina material, empertigada na compostura e bu-
rocratizada nos regulamentos, que simula a ob-
ediencia mas não a pratica, mas a outra, a dis-
ciplina *espiritual*, a que vem do sentimento, im-
pellindo o subordinado a realisar com ardor e
resolução, sem subterfugios nem meias medidas,
a intenção do commando supremo, e o aferra ao
cumprimento do *dever*, sejam quaes forem as di-
vergencias de vistas e quaesquer que sejam as
circumstancias, até ao aniquillamento, porque
na guerra não ha segurança sem obediencia in-
telligente nem ha victoria sem sacrificio consen-
tido.

“Em nossa época que julga poder dispen-
sar-se de ideal, escrevia em 1913 nosso mestre
Foch, rejeitar aquillo que ella chama abstrac-
ções, viver de realismo, de racionalismo, de po-
sitivismo, tudo reduzir a questões de saber ou
ao emprego de expedientes inventados dia a dia,
constatemo-lo aqui, não se encontra ainda para
evitar o erro, a falta, o desastre, para fixar a
tactica e praticar em dado dia, senão um uni-
co recurso, — mas este é seguro, e fecundo: —
o culto exclusivo de duas abstrações do domi-

quanto não se penetra profundamente nas li-
nhamas, não se pôde desorganizar o adve-
rio. A defensiva é apenas uma fórmula de
bate imperfeita: um inimigo em posição de
sua pôde deter seu adversario, pôde fazer
soffrer perdas importantes, dar-lhe mesm
impressão de uma derrota, mas não o des-
niza completamente. Os exercitos fran-
VERDUN conseguiram uma victoria defe-
contra as investidas das tropas allemães;
taram-nas, em parte, mas essa victoria não
tou para a decisão da guerra.

nio moral — o *dever* a disciplina, culto
allias, para produzir resultados felizes ex-
saber e o raciocinio”.

Senhores commandantes, a Escola vos
nistrará o *saber* e vos habituará ao racio-
pelas demonstrações da technica e pela inv-
gação historica, e vos proporcionará o teres
a tranquillidade e o conforto para vossas m-
tações. A consciencia do dever, que traz
uma carreira toda ella devotada com fidelidade
ao serviço da Nação d'elle fará uma força
contrastavel, invencivel, immune a quaesquer
fluencias ou preoccupações materiaes, e ingu-
e exclusivamente consagrada á nossa nobre
gloriosa missão de assegurar a defesa, a
rança, a tranquillidade e a grandeza do B-

O conhecimento do quanto tem a Escola
val de Guerra contribuido para a formação
uma officialidade de alto preparo e de ele-
mentalidade; do interesse que a presença de
Presidente da Republica ás solemnidades de
tribuição dos diplomas tem demonstrado
seus resultados; da solicitude com que o S-
nistro da Marinha se empenha em aperfe-
os nossos methodos, dão-me a segurança de
terei a mais devotada collaboração para o
funcionamento dos nossos trabalhos. A
la não é mais do que um meio para vos ma-
porcionar elementos de investigação e de es-
proprio. Aqui estamos, eu e os meus dedico-
e competentes auxiliares, para cooperar Est-
vosco na vossa nobre tarefa e com a se-
muito valiosa collaboração da Missão N-
Americana. Ella será ardua sem duvida,
não são o esforço, o estudo, o sacrificio agr-
da nossa profissão desde os primeiros
ultimos postos? Recebei, Senhores comar-
tes, as boas vindas com que vos acolho
contal que tudo o que aqui realizardes sem-
pre para a maior efficiencia da Marinha, las
beneficio da fortaleza da Republica e da
rança da Patria.

Devemos considerar, pois, o combate defensivo como um elemento de batalha, como uma manobra tendo por fim economisar meios em certas partes do campo de batalha para empregar os em outras partes onde os requerem operações offensivas, ou para ganhar o tempo necessário á reunião de novos meios offensivos.

A batalha comprehende, portanto, duas fórmulas: uma offensiva, outra defensiva, as quaes poderão realizar successiva ou simultaneamente. Uma consistirá em fazer avançar as tropas, a despeito do inimigo, para desorganizar seu dispositivo e destruir sua resistencia. A outra consistirá em conservar o terreno, apesar dos esforços do inimigo, isto é, impedir que elle avance.

Mas o objectivo final continuará a ser sempre a offensiva.

Os meios de acção empregados para realisar este objectivo, foram sempre, e continuam a ser, de duas espécies:

1.^a — acção das armas e dos engenhos destinados á destruição, distante, das forças do adversario: é o que communmente chamamos acção do fogo, designação que, com o desenvolvimento da sciencia moderna, com o augmento da potencia dos engenhos de destruição, deverá chegar não sómente o emprego dos projectis (bolas e granadas) mas, ao contrario, tornar-se extensiva a todos os elementos destruidores como os gazes, as lanças flammas e, talvez no futuro proximo, as correntes electricas e electro-magneticas, as ondas hertzianas, etc.,

2.^a — acção do movimento, tendo em vista: a) a conveniente localisação dos meios de acção;

— a luta corpo a corpo;

— ou a occupação de certos pontos importantes do terreno.

Se examinarmos os modos de applicação dos dois meios á luz dos acontecimentos da guerra, veremos que um não ultrapassa o outro.

Effectivamente, a acção do fogo só se póde fazer sentir se os meios necessarios forem convenientemente conduzidos e collocados face aos pontos de applicação. Por outro lado estes pontos de applicação variam de accordo com o fim que se tem em vista e com as proprias fluctuações do combate que exigem, tambem, deslocamento de meios.

Quanto ao movimento, por si só, é irreallizavel em frente de um inimigo obstinado em defender-se, porque em si mesmo não encontra meios para destruir ou neutralisar as forças offensivas que lhe são oppostas.

E' pois, pela combinação dos meios, fogo e movimento, que se exerce a acção do commando. A combinação é a manobra.

Póde-se dizer que a manobra é preparada pelo movimento e realisada pelo combate, no qual, a um desses meios desempenha papel bem definido.

Haverá preponderancia de acção de um sobre o outro?

E' evidente que os caracteres offerecidos pelas combinações de forças, de que acabámos de falar, variam com os escalões de commando; não só os mesmos no escalão Exercito ou Grupo

de Exercitos que no escalão Divisão ou Regimento.

Examinemos pois, rapidamente, esses caracteres, sob os dois pontos de vista — strategico e tactico.

II — MANOBRAS ESTRATEGICAS E TACTICAS

A estrategia comporta operações de grande envergadura que têm por fim surpreender o inimigo, pela direcção dada a essas mesmas operações. O chefe procura conduzir suas tropas a pontos do terreno particularmente sensiveis para o inimigo; busca attingir seus centros vitales (communicações, centros de reabastecimento, pontos geographicos cuja occupação deve influir desfavoravelmente sobre o estado moral do adversario, etc.), antes que este possa ahi tomar disposições preventivas. Em outros termos — o commando concebe operações baseadas na orientação dos meios.

Mas, esta orientação dos meios permite apenas crear disposições favoraveis, sem, entretanto, assegurar o successo. Para desorganizar ou destruir as forças inimigas é preciso, sempre, chegar ao choque, isto é, á batalha. Ora, a menos que se trate de um adversario desorganizado, de duas uma: ou o inimigo retira e, neste caso, suas forças ficarão intactas (elle se reagrupará, sem nada ter feito), ou então elle reduzirá a surpresa com o auxilio de reservas ou de tropas de segunda linha, o que, aliás, é facil em vista dos poderosos meios de investigação e de transporte de que dispõem os exercitos modernos.

Portanto, em presença de um inimigo decidido a defender-se, as operações strategicas terminarão, fatalmente, pela batalha, ou seja — obedecendo á mais formal das conclusões tiradas da grande guerra — por uma acção de destruição que se traduzirá pelo emprego de poderosos meios de fogo.

O primeiro elemento da manobra será, pois, o movimento. Se, a seguir, o fogo dá o resultado que se espera, se elle alcança o successo na batalha, praticando uma ruptura ou forçando o inimigo a deslocar sua frente, o movimento readquirirá sua oportunidade de emprego para utilização dos espaços livres; elle se manifestará, aqui, pela perseguição, ali, por novas operações do genero das primeiras, a que nos referimos antes. Estas novas operações conduzirão, ora a uma nova batalha, ora, apenas, á occupação de um ponto vital para a resistencia inimiga.

Foi assim que, em 1914, a manobra strategica allemã consistiu, inicialmente, na execução de uma grande conversão pela ala direita, atravessando a BELGICA. O objectivo era alcançado por revés as defesas da fronteira franceza, envolver os exercitos francezes para dar-lhes batalha decisiva em condições favoraveis e, ao mesmo tempo, desborden e occupar PARIS.

Esta manobra resultou em successivas e violentas acções de destruição, nas batalhas da BELGICA (LIEGE e NAMUR); na batalha das fronteiras (CHARLEROI — ARDENNES), onde o fogo obrigou a ceder a frente franco-belga; no MARNE, finalmente, onde o fogo de am-

dos os lados se desencadeou com a maior violência, até o esgotamento quasi completo das munições dos dois contendores, mas encontrou a superioridade nas tropas francezas e deteve a invasão allemã.

Essa victoria do MARNE, entretanto, não decidiu a guerra. Voltaremos mais tarde a este ponto mas, desde já, notemos simplesmente que o movimento strategico termina sempre pela acção violenta do fogo.

Se passarmos, agora, do dominio da estrategia para o da tactica, veremos, sem difficuldade, que a combinação dos dois factores — fogo e movimento — torna-se muito intima. O fim da manobra tactica é, com effeito, permittir a progressão das tropas reduzindo o obstaculo que lhe oppõe o inimigo. Ora, o fogo é o mais poderoso de todos os obstaculos: enquanto não se encontra uma barragem de fogo inimigo, pode-se transpor rios, desdobrar alturas inacessiveis, etc. Mas o fogo só pôde ser destruido pelo fogo.

A manobra tactica consistirá, portanto, em realizar sobre a campo de batalha a potencia maxima de fogos, no logar e no momento desejados e, em seguida, executar, pelo movimento, o dispositivo conveniente.

E' pela combinação successiva desses dois elementos que se conduzirão as operações tacticas.

III — VALOR RELATIVO DO FOGO E DO MOVIMENTO

De tudo que acabamos de dizer, tanto do ponto de vista strategico como tactico, parece que, em qualquer situação, dos dois elementos da manobra, o fogo desempenha o papel principal, porquanto, sem elle, sem seus effeitos destruidores não seria possivel obter resultados decisivos. Sua potencia na ultima guerra, dizem os regulamentos francezes, affirmou-se esmagadora, sua acção preponderante. Incontestavelmente o que mais claramente resalta da grande guerra são os progressos realidados no armamento das tropas e no augmento dos meios de destruição.

Devemos nós, por isso, concluir que as manobras, tanto tacticas como strategicas, são inteiramente subordinadas á acção do fogo?

Talvez não seja conveniente avançar muito nessa theoria nem dar-lhe a importancia de uma verdade absoluta. São tantas as circumstancias que intervêm na guerra — situação material, moral e physica, caracteristicas do terreno, emprego da surpresa, etc., — que a verdade parece muito mais complexa.

Não seria melhor, desde já, dizer que cada um dos dois elementos, fogo e movimento, tem valor relativo segundo as circumstancias, mas que a acção de um é rigorosamente complementar da de outro?

IV — O FOGO E O MOVIMENTO NA GRANDE GUERRA

A grande guerra nos mostra, de maneira evidente, que a natureza particular de cada um dos seus theatros de operações, sua duração, a importancia dos effectivos postos em linha, a natureza e quantidade dos meios materiaes em-

pregados, tiveram repercussões variaveis sobre a acção dos dois factores — fogo e movimento — ora combinando estreitamente seus effeitos, ora dando a preponderancia a um delles, em postumo momento determinados.

Dissemos, ainda ha pouco, que a batalha do MARNE desenvolveu poderosas acções de fogo e que o consumo de munições tinha sido uma das causas — senão a causa principal — de não se fazer a exploração do exito.

Deve-se dizer que o movimento ali não desempenhou papel importante?

O plano de campanha allemão, baseado principalmente sobre o movimento, fracassou deante a vontade e das medidas tomadas pelo adversario. E estas medidas não repousavam tambem no movimento? O dispositivo preparatorio da batalha foi realisada pelo Gen. JOFFRE:

1.º — decidindo uma retirada de grande envergadura que seria levada até o momento em que fosse possivel effectuar o restabelecimento geral das tropas. Esta retirada traduziu-se por uma serie de movimentos consideraveis e dos mais utilizados, para todas as unidades e para todas as armas.

2.º — transportando forças importantes da ala direita para a esquerda com o fim de ali constituir uma massa capaz de oppôr-se á offensiva inimiga, transpor o ponto que redundou a inversão completa, de Oeste para Este, do dispositivo inicial dos exercitos francezes.

Quanto á batalha, em si mesma, apparece evidentemente, em seu conjunto, como muito simples, como um choque brutal e immenso em que duas forças de destruição se oppõem uma á outra, com o maximo de energia. Entretanto não se pôde negar que na ala direita allemã (Exercito von KLUCK) e na ala esquerda franceza (VI Ex. francez, Ex. Britannico, e a 91.º mesmo o V Ex. francez) as operações do OURDES da região de CHATEAU THIERRY foram constituidas de fogo e movimento. Mas, no centro não foi por um deslocamento audacioso, por um movimento de rodada da 42.ª D; da esquerda para a direita, que o Gen. FOCH assegurou o successo do IX Ex. nos banhados de St. GOND.

Entretanto pôde-se dizer que não houve grandes movimentos strategicos, nas proporções da batalha em si, tanto durante, como depois da guerra; por falta de munições e de tropas frescas os francezes não poderam impedir que os allemães se firmassem no terreno, após um certo recuo não houve exploração completa do exito. A fôrça mossa corrida para o mar não pôde classificar-se como manobra: foi um prolongamento da fraqueza, de ambas as partes.

Que resulta então da manobra strategica? Nós o veremos mais tarde. Por ora basta reconhecermos que o fogo e o movimento têm valores relativos no decurso da manobra strategica, antes e durante a batalha.

O mesmo acontece no dominio da tactica. Já vimos as condições da manobra tactica: consistem em realizar, nos pontos e momentos dados, o maximo de fogos, o que importa na combinação do movimento e do fogo. Esta combinação corresponde á idéa de manobra do chefe, e

qualquer escalão. Mas, qualquer que seja a fórmula, a sua realização exigirá, sempre, dispositivo em profundidade. Isto indicará o mesmo dispositivo tem por fim exclusivo a alimentação e o reforçamento continuo do escudo de fogo da zona considerada? Em outros termos: Com um tal dispositivo, deve-se ter em vista, sómente, preencher os claros á medida que estes se vão produzindo, reforçar ou prover a zona de fogo de novos engenhos, novos combates, até o momento em que se suppõe ter superioridade?

Taes objectivos só serão admissíveis quando a acção considerada, bem como a das unidades vizinhas, forem constituídas por frentes absolutamente continuas.

Não será possível ou não se deverá, ao contrario, encarar a possibilidade de aproveitar os intervallos livres para avançar, em condições favoráveis, novos elementos de fogo que possam atacar o adversario de flanco, de escarpa ou por revers? Certamente que sim; mas existirão intervallos? Se existem, o movimento continuará sem perda de tempo; se não existem, é preciso creal-os pelo fogo e utilisal-os em seguida. Portanto, o fogo e o movimento, ainda aqui, acharão ligados intimamente.

Estas ultimas considerações conduzem, finalmente, nossas idéas, ao que se passou na frente continua e estabilizada dos exercitos allemães e franceses, depois do MARNE.

E' interessante vêr como actuaram o fogo e o movimento na chamada guerra de posição.

OPERAÇÕES NA FRENTE OCCIDENTAL

Na frente occidental a chamada guerra de posição, isto é, aquella em que o movimento não é considerado com preponderancia sobre o fogo, e que parecia a unica admissível antes de 1914, cessou depois de dois mezes de hostilidades. As razões foram as seguintes:

1.ª — Em consequencia de perdas alarmantes devidas á acção do fogo, os dois adversarios passaram de procurar, na organização do terreno, o emprego do material de protecção, o meio de escapar á destruição.

2.ª — Em face da potencia dos effeitos do fogo, procuraram ganhar o tempo necessario para obter meios de fogo superiores aos do adversario (aperfeiçoamento e augmento dos meios de destruição existentes, procura de novos engenhos, etc.).

3.ª — Por causa do augmento dos effectivos postos em linha, as frentes se estenderam do mar ás montanhas, constituindo uma linha continua, apoiada em dois obstaculos intransponiveis.

Neste momento era natural que o movimento perdesse seu logar ao fogo. Mas encontra-se, aqui, a razão para sua abdicção definitiva?

A's tres causas que determinaram a interrupção do movimento, e que eu acabo de enumerar, corresponderam as duas consequencias seguintes:

- augmento da protecção;
 - augmento da potencia do fogo;
- mas tornou-se evidente uma terceira, resultante do novo aspecto da guerra:
- a procura dos processos convenientes pa-

ra obter a desorganização das forças adversas e, por consequente, a victoria.

A existencia da frente continua oppunha-se, evidentemente, a qualquer operação strategica baseada, inicialmente, no movimento, tal como expuz precedentemente. A estabilização dos exercitos belligerantes, seu aferramento ao terreno, indicava uma unica solução a encarar — a acção brutal do fogo e das operações de destruição. Pelo menos parecia a mais logica conclusão dos factos.

Dahi resultou a tendencia muito generalizada para demonstrar-se que o Exercito francez tinha abandonado sua concepção inicial da guerra de movimento para crystalisar-se na guerra de posição. Este julgamento tão absoluto não é exacto. Desde o começo do periodo de estabilização, ao contrario, o Commando francez procurou a possibilidade de recorrer ao movimento e provocar o successo, no sentido napoleónico da palavra, isto é, executar a manobra desmoralisadora que ameaça as linhas de comunicação do adversario e arrasta-o á retirada ou a derrota.

Mas, como não se encontravam alas, isto é, flancos, procurou-se creal-os e, para isso, só havia um meio — os ataques frontaes, sufficientemente poderosos para romper as linhas inimigas rapidamente e numa frente bastante larga para que as suas reservas não podessem fechar a brecha em tempo e, nem mesmo, oppôr-se á exploração do successo. Ora, pôde-se dizer que, de 1915 a 1918, fracassaram todas as tentativas feitas nesse sentido. A idéa, logica em si, não logrou execução mais cedo por causa de insufficiencia dos processos e dos meios empregados reforçados, ainda, pela reacção opposta pelo inimigo. Só depois de estudos e modificações successivas applicadas ás modalidades de execução, o Commando alliado conseguiu encontrar a formula definitiva que o conduziu á victoria, formula em que cada um dos dois factores, fogo e movimento, desempenhou seu papel.

E' interessante lancar um golpe de vista sobre a evolução dessa idéa.

No inverno de 1915 o Commando francez fez uma tentativa de ruptura na frente de CHAMPAGNE (16 de Fevereiro — 8 de Março de 1915). Mas a preparação de artilharia, reduzida a uma preparação pequena com o fim de economisar-se munições cujas quantidades estavam ainda longe de se tornarem consideraveis, e tendo em vista, tambem, realizar a surpresa, foi insufficiente, e a infantaria, apesar de uma primeira serie de successos apreciaveis, achou-se, finalmente, impossibilitada de avançar contra obstaculos defendidos por fogos de metralhadoras. O fogo do ataque tinha sido insufficiente para dar ao movimento possibilidade de acção.

Esta primeira experiencia dá logar a conclusões que o Commando francez expõe em uma "Nota" sobre o fim e as condições de uma acção offensiva de conjunto (19 de Abril de 1915). Os principios mencionados nessa nota eram os seguintes:

- Atacar sobre frentes tão largas quanto possivel;
- Procurar neutralisar a surpresa pela instantaneidade e rapidez das operações;

— Fazer preceder os ataques de uma preparação longa e minuciosa com o fim de destruir os órgãos de defesa inimigos;

— Explorar o successo intervindo vigorosamente com as reservas conduzidas, em tempo, ao alcance conveniente de emprego.

Entretanto desenrolava-se uma operação que parecia demonstrar uma possibilidade de abertura de brechas. Com o fim de diminuir a pressão sobre os exercitos russos na frente oriental, os exercitos britannicos e o X Ex. francez atacaram em ARTOIS, na direcção de LENS. A preparação de artilharia durou 6 dias e foi minuciosa; as baterias tinham sido levadas bem para frente; seus deslocamentos e suas ligações com a infantaria tinham sido previstas nas menores minucias. O successo foi completo. A frente inimiga foi rompida numa extensão de 6 kms. de largura por 3 de profundidade. Como se tratasse de um ataque de objectivo limitado não foi prevista a exploração de um tal resultado e, por isso, não se dispunha de reservas em condições de serem empregadas para esse fim. O inimigo ponde, portanto, fechar a brecha.

De qualquer modo, entretanto, essa operação vinha corroborar os principios preconizados pelo Alto Commando francez que, desde logo, empreendeu uma serie de offensivas pretendendo realisar o typo da batalha de ruptura. Mas, a cada processo novo, a cada melhoramento dos planos, a cada emprego de novo engenho, o inimigo oppunha novos processos e novos meios de defesa.

Na frente da CHAMPAGNE, em Dezembro de 1915, o Gen. PETAIN empreendeu a primeira grande operação desse genero (1). Sua preparação foi cuidadosa e, o que é mais, fixaram-se, ás tropas, objectivos afastados, de modo a ultrapassar largamente o dispositivo allemão.

Pois bem, desta vez ainda, apesar de um avanço que nos deu 15.000 prisioneiros e 100 canhões inimigos, a brecha não ponde ser realisada. Os allemães conseguiram deter-nos estabelecendo-se numa segunda posição sufficientemente afastada da primeira e em contravertente. A primeira posição foi bem conquistada pelas tropas francezas mas, no avanço impetuoso que lograram, apesar de todas as precauções tomadas, as ligações entre infantaria e artilharia não puderam ser mantidas. Por outro lado as reservas foram approximadas, tanto quanto possível, das tropas de ataque, tanta confiança se tinha nos ensinamentos da batalha d'ARTOIS, mas por isso mesmo ficaram sujeitas aos bombardeios dirigidos sobre estas; soffreram perdas e não puderam manobrar por falta de espaço. Finalmente, e talvez este seja o ponto capital, a preparação do ataque sobre a segunda posição, devido á distancia, só ponde ser feita pela artilharia longa. Resultado: com as difficuldades apresentadas para a destruição de suas defesas accessorias, pela posição em contravertente, quando nossas tropas, já abaladas pelo fogo inimigo, abordaram-na, foram encontrar as redes de arame intactas.

(1) — 30 D. I., 7 D. C., apoiados por 1200 peças de 75 e 850 de artilharia pesada atacaram numa frente de 25 kms.

Deante desse facto, uma nova preparação de artilharia se impunha e, em consequencia, um parada ou interrupção das operações. Foi assim que o fogo se revelou ainda incapaz de abrir immediatamente a porta ao movimento; pa isso tornavam-se necessarias duas acções de destruição successivas. Dahi uma nova observação: o inimigo que dispuzesse de reservas geracs, pderia certamente aproveitar o tempo necessario para esta segunda preparação e organizar um terceira posição, á retaguarda, possivelmente summaria, mas cujo poder de resistencia seria augmentado pelas difficuldades e fadigas successivas a que ficaria sujeito o assaltante. Resulta, pois, que se tornaria preciso não sómente abrir a brecha na frente do inimigo mas, ainda, que elle ficasse impossibilitado de fazer novas barragens com o auxilio de reservas. Ora já estava provado que as acções sobre outras frentes não seriam sufficientes para obter esse resultado. Só restava, portanto, um meio: insistir na usura previa do inimigo e foi dessa conclusão que resultaram os dois principios seguintes:

1° — Procurar gastar o inimigo por um acção geral das forças alliadas e pela destruição continua, effectuada, sobretudo, pela artilharia;

2° — realisada a usura e, por consequente esgotadas as reservas inimigas, procurar, então a decisão por uma acção dirigida sobre varios pontos bem escolhidos, sobre frentes de 20 kms no minimo e sob fórma de assaltos successivos.

Eram estas as idéas predominantes na França quando foi levado a effecto o poderoso ataque allemão a VERDUN. O Grande Estado Mayor Allemão, por sua vez, procurava tambem formula de offensiva que o conduzisse á victoria. Esta formula elle julgou ter encontrado no emprego de um material formidável, susceptivel de destruir, de aniquillar a barreira que lhe era opposta.

Para isso os allemães accumularam grandes massas de artilharia e de munições e, abandonando o processo de preparação de varios dias desencadearam, durante horas apenas, um formidável bombardeio até então nunca visto, sobre as organizações francezas, procurando os effectos da surpresa na instaneidade da acção e na potencia dos engenhos destruidores. O successo inicial foi obtido incontestavelmente, mas o Commando allemão não ponde ou não soube explorar a situação. Depois de 4 mezes de uma luctanica seu avanço não ia além de 12 kms. VERDUN continuava em nosso poder e os allemães tinham perdido 500.000 homens.

Foi então que o Commando francez, para desafogar a frente de VERDUN, concebeu uma vasta operação offensiva sobre uma frente de 40 kms. no SOMME, com a cooperação do Ex. Inglez.

O Commando contava com a usura allemã deante de VERDUN e com a efficacia de novos meios (emprego de materiaes modernos de artilharia, metralhadoras, fuzis-metralhadoras, aviões e engenhos de acompanhamento, etc.).

Aqui tambem os primeiros successos foram completos mas, ainda uma vez, os allemães, modificando sua tactica, oppuzeram novos processos de defesa aos do ataque: ampliaram

processo da defesa em profundidade e applicaram o processo da defesa elastica. Ainda mais uma vez houve successo local devido ao effeito de destruição, mas sem exploração pelo movimento para provocar a decisão (1).

Em resumo: tanto os allemães em VERDUN, como os francezes no SOMME, não conseguiram obter a decisão; o fogo produziu effeitos seguros, mas limitados e, por conseguinte, o movimento não encontrou possibilidades de explorar os resultados conquistados pelo fogo. As duas operações degeneraram-se em luta de usura.

Isto não quer dizer, entretanto, que os principios esposados pelo Alto Commando francez fossem falsos; o methodo francez parecia capaz de dar resultados, mas sua applicação havia sido defeituosa (2).

Em Dezembro de 1916, o G. Q. G. francez substituiu as instrucções precedentes por outras que, respeitando o methodo, precisavam certos pontos de execução dos quaes destacam-se os seguintes:

- Os ataques devem ser effectuados sobre frentes tão largas quanto possível;
- Os ataques devem visar a conquista da linha da artilharia inimiga;
- A artilharia será levada tão para a frente quanto possível, afim de effectuar a preparação sobre todas as posições que ella poder attingir;
- Os ataques successivos devem seguir-se no mais curto prazo possível afim de explorar a tudo os resultados obtidos;
- Finalmente, deve-se prever e encarar a exploração do successo do modo mais completo mais rapido.

O anno de 1917 viu a applicação desta doutrina, mas os resultados esperados não foram obtidos; uma nova offensiva franceza sobre a frente do AISNE não conduziu, ainda, a decisão; a usura do inimigo não tinha sido sufficientemente realisada. O Gen. PETAIN, que assumira o Commando dos exercitos francezes em Maio de 1917, resolveu tambem continuar a guerra o inimigo até o momento em que os exercitos francezes, reforçados em artilharia, munidos de arros de combate e apoiados por tropas americanas, pudessem aproveitá-la. Dahi a concepção de uma serie de ataques de objectivos limitados. Estes ataques attingiram plenamente o fim a que se propunham. Particularmente uma operação realisada em 23 de Outubro, em MALMAISON

(1) — Este ataque não deixou de dar resultados, pois, gastando e fazendo o inimigo, permitiu-nos executar, sobre a frente de VERDUN, duas offensivas de objectivos limitados, das que foram completamente victoriosas. Retiro-me aos ataques do Gen. MANGIN em ROUAUMONT e LOUVEMONT (24-10 e 5-11-1915), que nos restituíram o terreno em torno de VERDUN.

(2) — A batalha de VERDUN nos tinha sido imposta pelos allemães; a do SOMME, impoz-se, para nós, pela necessidade de desfogar justamente a frente de VERDUN.

Os successos parciais obtidos por nossas armas confirmavam os principios adoptados nas demonstrações que havia necessidade de precial-os mais.

deu-nos importantes resultados de ordem strategica, pois que, o inimigo teve de abandonar a famosa crista do CHEMIN DES DAMES e refluir para o Norte do valle do AILETTE. Este ultimo acontecimento parecia a confirmação definitiva do methodo, que foi codificado em duas instrucções sobre a offensiva e a defensiva, datadas respectivamente de 31 de Outubro e 20 de Dezembro de 1917.

A concepção da batalha sobre o conjuncto da frente foi assim definida por estas instrucções (definição que não é senão a applicação dos principios já expostos no começo deste estudo):

A batalha comporta acções offensivas e defensivas estreitamente ligadas umas ás outras.

Nas primeiras, o Commando, agindo constantemente sobre o inimigo, grupa e reconstitue suas forças e recursos de toda natureza, na previsão de grandes ataques ulteriores.

Nas ultimas elle desenvolve os ataques empregando, em toda sua plenitude, os meios que reüniu.

Como applicação desta concepção conserva-se a idéa de romper a frente inimiga, mas explorando a ruptura produzida em seu dispositivo geral por meio de acções offensivas, encadeadas em diferentes pontos com rapidez e variedade que devem permittir realisar a surpresa.

As acções offensivas deviam apresentar a forma de ataques a objectivos precisos e limitados; deviam ser repetidos e variados no menor tempo e maior espaço possíveis, até produzirem o deslocamento da couraça fortificada do inimigo. Além disso, deviam conduzir as operações de alcance cada vez mais afastado, em que a decisão da batalha e a desorganização dos exercitos inimigos fossem progressivamente encarradas.

Entretanto, mais uma vez a execução da doutrina foi interrompida em consequencia da grande offensiva allemã de 1918. O avanço dos exercitos allemães, em Março e Maio de 1918, foi terrivel; os ataques inimigos foram caracterizados particularmente pela surpresa, brutalidade e rapidez da preparação da artilharia, pela potencia dos meios de acção e, notadamente, pela massa destinada á exploração do successo inicial. Apesar disso, foram detidos, graças ás directivas dadas pelo Gen. PETAIN, segundo as quaes a batalha defensiva devia ser preparada sobre zonas profundas. A verdadeira posição de batalha, a posição de resistencia, não era mais a primeira posição; ella fôra recuada mais para a retaguarda. A primeira posição passou a constituir, para as Divisões em sector, como que uma cobertura cuja defesa devia provocar uma primeira dissociação das forças inimigas para permittir ao Commando a instalação do grosso na verdadeira POSIÇÃO DE RESISTENCIA, desconhecida do adversario.

A' surpresa do ataque contrapunha-se a surpresa da defesa.

As directivas receberam sua consagração definitiva na batalha empenhada em 15 de Julho de 1918, na CHAMPAGNE, pelo IV Ex. francez (Gen. GOURAUD), batalha que foi apenas um dos elementos da batalha de conjuncto, defensiva-offensiva, dirigida pelo Gen. PETAIN, nas condições geraes fixadas pela "Instrução"

de 20 de Dezembro de 1917, da qual vos falei precedentemente.

A 12 de Julho de 1918, com effeito, percebendo a iminência de uma nova offensiva allemã na CHAMPAGNE, o Gen. PETAIN organizou as seguintes directivas: enquanto o Grupo de Ex. francezes no centro (em particular o Ex. GOURAUD) receberem o choque e o detiverem pelos processos indicados, o Grupo de Ex. de reserva (Ex. MANGIN e DEGOUTTE) desencadearão uma contra offensiva no flanco direito dos allemães.

E' opportuno accentuar que estas directivas são de 12 de Julho e as condições estabelecidas para a contra-offensiva foram concluída a 13. O ataque allemão realisou-se a 15 e a contra-offensiva foi desencadeada a 18. Cito estas datas para mostrar que nesta batalha de conjunto houve uma manobra nitidamente concebida e preparada previamente pelo Commando francez.

A partir deste momento começou a grande offensiva do Gen. FOCH.

Este procurou obter o resultado, menos pela brutalidade do choque, numa região determinada, como o haviam tentado os allemães, do que por um esmagamento geral do dispositivo inimigo. Foi, sobretudo, pela escolha judiciosa dos pontos de ataque, pela variedade e rapidez com que desencadeou suas offensivas, que elle obteve resultados consideráveis. Sem nos deixarmos arrastar para fóra dos limites deste estudo, convém que nos detenhamos um pouco sobre a manobra de FOCH.

O plano do Gen. Cmt. dos Ex. alliados pôde ser resumido do seguinte modo:

1° — Antes de empenhar a grande batalha deverá ser executada uma offensiva preliminar, tendo por fim reduzir os bolsos formados em nossas linhas, pelos allemães e desembaraçar as vias ferreas dominadas pelo canhão inimigo (PARIS - NANCY - PARIS - AMIENS). Em outras palavras: trata-se de preparar a batalha estrategica assegurando uma base de operações e garantindo as linhas de reabastecimento de Este e do Norte.

2° — Empenhar todas as forças numa acção convergente, com o fim de romper a linha HINDENBURG; para isto, proceder, primeiramente, a uma acção frontal, de um e de outro lado do OISE, depois, aproveitando o enfraquecimento e a perturbação dos exercitos allemães, manobrar pelas alas: á direita os exercitos francezes e americanos marcharão pelos dois lados do MEUSE na direcção de MESIERES, á esquerda os alliados progredirão na FLANDRES, na direcção de COURTRAI. Vê-se a preocupação de envolvimento strategico dos exercitos allemães entre o mar e as ARDENNES.

Este plano constava das directivas dadas pelo Gen. FOCH, em 13 de Julho de 1918. Não me sendo possível tratar aqui de sua execução, recomendo vossa attenção:

1° — Sobre a manobra strategica prevista pelo Gen. Cmt. das forças alliadas;

2° — Sobre o facto de, em suas instrucções o Alto Commando prescrever o abandono dos processos da guerra de posição e orientar, nitidamente, todos os executantes, para os processos analogos aos da guerra em rasa campanha.

E, com effeito, a manobra não se desenrolou, em todas as suas phases, conforme fôra prevista.

Em primeiro logar os exercitos de ala, apesar de seus successos, encontraram serias difficuldades para progredir, por causa da devastação do terreno; além disso, ao reduzir-se uma resistencia inimiga, no centro, este foi forçado com tal rapidez que arrastou os allemães a uma retirada precipitada, impedindo qualquer tentativa de envolvimento.

Foi então que o Gen. FOCH se apressou em lançar novas forças na LORAINÉ para realizar definitivamente a manobra pretendida.

Sentindo o perigo que o ameaçava o Alto Commando allemão pediu o armistício.

Desse modo o Gen. FOCH deu á manobra feição apropriada, voltando á combinação classica do fogo e do movimento, combinação baseada na surpresa e na potencia.

FRENTE ORIENTAL

Se agora abandonarmos a frente da FRANÇA para lançarmos um golpe de vista sobre os outros theatros de operações, veremos, sem necessitar de analyses prolongadas, que ahi a manobra ainda conserva todas as suas caracteristicas.

Na frente oriental, com effeito, a guerra, em seu conjunto, conservava o caracter de guerra de movimento. Os theatros de operações offerecem vastas extensões que algumas vezes atingem, como na POLONIA, frentes de mil kilometros para effectivos menores do que da frente occidental.

Mas se, por vezes, os movimentos tiveram ahi uma amplitude consideravel, tendo em vista a occupação de territorios ou de pontos geograficos importantes, não é menos certo que elles conduziram sempre, tambem, a violentas batalhas em que se combinaram o fogo e o movimento.

As operações russo-allemães na PRUSSIA ORIENTAL, em 1914, e a batalha de TANNENBERG são de estylo napoleónico. Em presença dos 2 exercitos russos de RENENKAMPF e de SANSONOF, separados um do outro por uma centena de kilometros, o Commando allemão deixou uma mascara deante do Ex. de RENENKAMPF e levou todas as suas forças contra o de SANSONOF, por um audacioso movimento de flanco; em seguida executou uma manobra de envolvimento contra este Ex., pelas duas alas, com ruptura no centro. Apesar de notavel superioridade numerica, os allemães conseguiram, pela manobra, tornar-se superiores em numero no campo de batalha escolhido por elles. A batalha de TANNENBERG é bastante conhecida e dispensa-me de insistir mais nestas considerações.

Eu poderia citar ainda a offensiva russa da GALICIA, em 1914, com a batalha de LUBLIN; as operações dos allemães na POLONIA, em 1915, de onde, por um vasto movimento, elles foram conduzidos a VARSOVIA; a grande offensiva de BROUSSILOF, em 1916, a qual, depois da batalha de LUTSK, lhe deu a BUKOVINA; as invasões da SERVIA, da RUMANIA; a of-

fensiva victoriosa dos exercitos alliados na MACEDONIA e a victoria de DOBROPOLJE em que, tanto pela potencia do fogo como pela progressão audaciosa das tropas, o successo foi completo e seguido de uma perseguição prodigiosamente activa. (1) Finalmente a guerra dos bolchevistas contra a POLONIA, em 1920, é ainda um exemplo de movimento de grande envergadura. Depois de ter repellido seus adversarios atravez da vasta planicie polonesa, os bolchevistas tentaram uma manobra desbordante sobre o baixo VISTULA para fazer cahir VARSOVIA; batidos, e por sua vez, alcançados por uma manobra polonesa, elles foram vencidos nesse novo MARNE que foi a batalha de VARSOVIA.

Rompida a frente bolchevista, os exercitos polonezes apprehenderam uma exploração, toda feita de movimento, procurando cortar a retirada dos elementos da direita dos exercitos inimigos que se tinham aventurado sobre o VISTULA e perseguindo os outros com toda a energia.

V — NATUREZA DAS OPERAÇÕES NA AMERICA DO SUL

Desta revista rapida que acabamos de passar nos differentes theatros de operações da grande guerra, conclue-se que, nas manobras estrategicas e taticas, cada um dos elementos — fogo e movimento — tem um valor relativo, segundo o curso das operações, mas que, em todos os casos, suas acções são inseparaveis uma da outra.

No começo de grandes operações militares, como nas frentes da BELGICA e da FRANÇA, em 1914, no decurso de operações sobre frentes extensas como as da RUSSIA, e em fim de operações como na MACEDONIA, a manobra estrategica tem toda sua amplitude mas assignala-se sempre pela batalha, obra de destruição, associação intima do fogo e do movimento. Devemos sómente notar que a batalha tem duração mais ou menos longa e varia de aspecto conforme o terreno, os effectivos e os meios.

Não será razoavel classificar-se a chamada guerra de posição, na frente franceza, que succedeu ás manobras estrategicas do começo da campanha e precedeu á perseguição que se seguiu á ruptura da frente allemã, como uma imensa batalha, constituída, no tempo e no espaço, por batalhas parciais? Na FRANÇA a grande batalha estrategica durou 4 annos, sahio do MARNE e foi conduzida até o verão de 1918.

No Brasil onde os territorios são immensos e as fronteiras se estendem sobre milhares de kilometros, onde a densidade das tropas em campanha não poderá absolutamente comparar-se á das tropas europeas empregadas no correr da Grande Guerra, parece, desde logo, que o caracter das operações se approximarão do das operações da frente oriental da Europa. O movimento, isto é, a mobilidade e as aptidões manobreras das tropas terão importancia capital; mas, não se deve esquecer, como já ficou dito, que

sempre haverá batalha em pontos importantes que as batalhas serão acções de destruição e que o fogo desempenhará papel de destaque.

Lancemos a vista sobre a guerra do PARAGUAY. Certamente ella desenrolou-se em condições differentes das que poderiam ser observadas actualmente numa guerra em que se achasse empenhado o BRASIL; os effectos e o armamento não seriam os mesmos, as vias de comunicação e os meios de transportes seriam outros. Entretanto, continuariam, evidentemente, a existir pontos communs resultantes das caracteristicas geraes do terreno. E' interessante, por isso, lançarmos-lhe um ligeiro golpe de vista.

As operações no curso dessa guerra certamente comportaram series de movimentos de grande envergadura, mas deram lugar, tambem, violentos encontros em que as acções do fogo do movimento apparecem, nitidamente, como relativas e complementares uma da outra.

Examinemos primeiramente a batalha de TUYUTY (24 de Maio de 1866). Ahi vemos o Ex. paraguayo, com um effectivo de 23.000 homens, dos quaes 14.000 cavalleiros, e 4 bocas de fogo apenas, atacar de surpresa os exercitos alliados.

Estes têm effectivos mais numerosos, é verdade — 120 bocas de fogo e 28.000 homens — mas dispões apenas de 1.200 cavalleiros.

Por sua vez, o Ex. paraguayo goza das vantagens da surpresa e, graças á sua cavallaria tambem de maiores possibilidades de manobra. Mas faltam-lhe meios de fogo. Mesmo assim tenta envolver as duas alas inimigas, auxiliado poderosamente, á esquerda, por sua cavallaria, porém esta, mal conduzida, cae sob o fogo da artilharia dos alliados, enquanto que as columnas da direita se defrontam com um terreno difficil.

Durante esse tempo, as duas columnas paraguayas que atacavam de frente são dismuidadas pela artilharia brasileira, cuja rapidez e efficacia dos tiros foram maravilhosas.

O ataque paraguayo foi completamente annullado pelo fogo brasileiro e o movimento de envolvimento fracassou, de um lado, pela acção do fogo inimigo, do outro, pelas difficuldades do terreno.

Para os alliados, por sua vez, a victoria foi completa: não dispunham de cavallaria para perseguição, é certo, mas não aproveitaram a acção do seu fogo para progredir e occupar posições vantajosas como permittia a derrota de seus adversarios. O movimento não succedeu ao fogo e o Ex. alliado entrincheirou-se, o que permittiu que o adversario se reorganizasse.

Na mesma campanha, a tomada de CURUSU nos dá, ao contrario, um exemplo de manobra em que o movimento completa a acção do fogo.

A 3 de Setembro o Gen. PORTO ALEGRE ataca as organizações fortificadas de CURUSU com duas columnas de frente e uma no flanco direito, encarregada de desbordar a esquerda inimiga. O ataque fôra preparado e apoiado por um bombardeio effectuado pela esquadra brasileira. A manobra de envolvimento, bem conduzida, decidiu a victoria. Os paraguayos perderam 2.500 homens, os brasileiros 725.

Por fim, citarei a batalha de CURUPAITI que succedeu á tomada de CURUSU: foi um

(1) — Notemos, todavia, que se, houve marchas e batalhas de fogo e movimento durante estas operações, houve tambem periodos de estabilização em que a guerra tomou o caracter de guerra de posição.

ataque contra uma frente fortificada. O Gen. LOPES tinha estabelecido um solido systema de fortificações na frente de CURUPAITY. A posição principal de resistencia comportava duas linhas parallellas defendidas por 8.000 homens e 90 canhões.

Os brasileiros e argentinos, concentrados em CURUSU, atacaram a 22 de Setembro; a esquadra preparou e apoiou, por seu fogo, o ataque de frente executado por quatro columnas. O avanço aliado foi violento mas fraccassou sob o fogo do adversario; heroicamente foi conquistada a primeira parallella, as columnas brasileiras chegaram mesmo ao contacto da segunda porém o fogo inimigo as deteve. O Gen. MITRE teve de ordenar a retirada.

— Ahí não houve manobra; é possível que um movimento executado pela ala direita tivesse determinado o successo. Os alliados, muito superiores em numero (19.380 homens), talvez pudessem realizá-lo...

Em resumo: as operações desta campanha, dadas, embora, suas pequenas proporções em relação ás da Grande Guerra, mostram que não se pôde separar o fogo do movimento.

VI — CONCLUSÃO

Do exame de todos os factos que acabo de referir, resulta nitidamente que a manobra não consiste em uma serie de evoluções mais ou menos habéis, de character mais ou menos mysterioso cuja virtude se encontra sómente no movimento; também não reside unicamente em acções locais de destruição, mais ou menos violentas; ella é realzada pela combinação judiciosa desses dois meios.

Nas guerras do passado a manobra do campo de batalha concretisava-se:

— Quer pelo deslocamento de forças para fóra da frente de ataque, pelos espaços livres, deslocamento que permittia ao assaltante realizar, numa ala, um dispositivo perigoso para o adversario.

— quer pela conquista de pontos importantes do terreno, no interior do campo de batalha, cuja posse provocava, ás mais das vezes, a retirada do defensor para qualquer outra parte de sua frente.

— quer pela combinação desses dois processos.

A historia mostra que o inimigo, assim manobrado, cedia.

A nova potencia do fogo não modificou, essencialmente, a concepção da manobra do campo de batalha; hoje, como outr'ora, para que o inimigo ceda, torna-se necessario destruí-lo ou ameaçá-lo de destruição.

Entretanto, se a concepção não mudou, a execução soffreu modificações.

No que concerne ao primeiro ponto, a occupação do espaço livre, vê-se que esta se torna mais rara e mais difficil.

Com effeito, durante a Grande Guerra, viu-se apparecerem frentes continuas, em relação com a importancia dos effectivos postos em linha. Tal facto pôde reproduzir-se, senão no começo ou no fim das operações, ao menos quando a grande massa dos belligerentes já estiver em linha.

Isto se applica evidentemente ás frentes europeas. Na AMERICA a existencia de frentes

continuas é mais duvidosa. Entretanto, admitindo que estas frentes não existam, o actual armamento dará ao defensor meios de organizar rapidamente, cortinas de fogo sobre largas frentes, forçando o inimigo a perder tempo apreciavel durante as tomadas de contacto e, assim, levar as reservas, no momento opportuno, para a ala ameaçada. O desenvolvimento dos processos de investigação, da aviação e dos meios de transporte, facilitará incontestavelmente estas paradas resultantes da potencia do fogo actual.

As possibilidades de deslocamentos de forças, em terreno livre, para realizar e, depois, explorar um dispositivo sobre o flanco do inimigo, serão, pois, mais difficeis e, por consequente, mais raras que outr'ora.

No que concerne ao segundo ponto: conquista dos pontos sensiveis do terreno no interior do campo de batalha, a Grande Guerra mostrou claramente que a ameaça que dali poderia resultar para o adversario não era sufficiente para reduzi-lo. Viu-se, com effeito, tropas manterem-se em situações tacticas que, anteriormente, pareceriam inverosímeis; graças á protecção assegurada pela fortificação do campo de batalha e á potencia do armamento, o defensor pôde manter a posição, mesmo numa situação tactica desvantajosa. A ameaça não basta; é preciso realizar a destruição e esta só se obtém pelo fogo.

Em ultima analyse: se a concepção da batalha sobre o campo de batalha não se alterou, sua realisação modificou-se de accordo com a potencia do fogo. A manobra deverá ser acompanhada de realisações sob a fórma de destruição, sem o que se tornará inutil. Em outras palavras: a manobra não terá mais por base sómente o movimento, mas também o fogo. Ella não será mais fogo em potencia, porém fogo em acção, isto é, será traduzida por deslocamentos de trajectórias ou de materiaes, de maneira a permittir as concentrações de fogo necessarias, nas partes successivas da frente.

Ella será, pois, não sómente uma combinação dos dois elementos, movimento e fogo, mas uma serie de combinações impostas por modificações successivas realizadas em proveito de um systema de forças capaz de se fazer sentir sobre os pontos necessarios.

Para fazer actuarem estas forças torna-se necessario, antes de tudo, deslocá-las, dispô-las em frente dos pontos de applicação, depois deslocá-las durante a manobra para realizar as novas combinações: tem-se assim o movimento. Collocadas as forças nos logares convenientes, torna-se necessario pô-las em acção: emprego do fogo.

Quaesquer que sejam as circumstancias, chega-se sempre á combinação destes dois meios.

Não nos deixemos, pois, absorver por formulas muito absolutas que estabeleçam, de maneira dogmatica, a preponderancia de um dos dois factores sobre o outro. E' preferivel ficarmos com o Cardeal de RETZ: "Não ha nada no mundo que não tenha seu momento decisivo; a questão está em conhecer e escolher este momento".

Mas, para escolher e conhecer este momento, ha um elemento capital que deve ser levado em

Um aspecto do problema da aviação no Brasil

Pelo Major AJALMAR MASCARENHAS

A verdade de que em aviação temos tudo fazer resalta incontestavel, por muito evidente lançarmos um golpe de vista sobre o que, respeito, vae pelo mundo.

Claro é que esta noção de *tudo por fazer* relativa ao estado actual da sciencia aeronautica completada pelo magnifico esforço industrial dos paizes que se disputam a primazia na aviação melhor. Tomar-se para unidade de medida do nosso progresso a que teria curso na aviação dos primeiros Bleriot, será deslocar a aviação de seu systema planetario.

E' verdade capaz de demonstração — esta noção mais difficil quanto mais se accentua a aviação dos chamados paizes industriaes — que se devem a tres brasileiros a solução primeira do problema do aerostato, do avião e da dirigibilidade; mas a resultante desses esforços, em que ao genio não faltou a ajuda da aviação, não poudo vencer a inercia da desconfiança geral.

A semente lançada por mãos brasileiras amadureceu alhures porque a idade da aviação chegou.

Forçoso é aceitar que, se germinou extraordinariamente a boa semente, foi que lhe faltou o ambiente favoravel na terra da patria. Essa aviação de ambiente, que se explica na phase das iniciativas, as mais das vezes, malogradas, perde nos nossos dias, com a força de um preconceito, nas camadas populares, como nas elites, o soberano poder de attracção da aviação feita realidade, incontestavelmente a aviação forte de suas caracteristicas.

No Brasil, o ambiente da aviação ainda não existe; e por isso é que o esforço dos technicos aviação é inutil, as raras iniciativas particulares não podem nascer, os Aero-Clubs não podem desenvolver seus programmas, e a acção do órgão rector das energias nacionaes só mui lenta e difficilmente vence as passividades da massa recente.

O grande factor moral deste estado de coisas, automaticamente, nos põe fóra do rythmo mundial que a aviação concerta na hora presente. É o *preconceito da insegurança*, noção certa para o seu tempo, isto é, para os dias longinquos da aviação heroica, mas hoje relegada para o principio da historia, de modo definitivo.

Esta noção, pelo Chefe, em qualquer gráo da hierarquia — a noção das possibilidades.

Para o Chefe, esta noção pôde ser resumida da maneira seguinte:

1° — Conhecer precisamente os rendimentos dos meios de que dispõe;

2° — Appreciar com exactidão as resistências que lhe são oppostas;

3° — Dahi deduzir o resultado positivo que se pretender, numa situação determinada.

O arame farpado, por exemplo, flanqueado por metralhadoras, veio revelar certas impos-

Nenhuma idéa é mais persistente no povo do que a do *perigo do vôo*, e, no entanto, nenhuma idéa é mais falsa; attribuem-se ao aviador qualidades de heroismo ou desequilibrio, e, no entanto, os heróes não se contam por milhares e nada é mais necessario ao aviador do que um equilibrio perfeito. Um accidente tem força de lei, mas vinte mil vôos normaes não constituem regra.

Poder-se-ia vêr na falta desse ambiente de aviação um reflexo de nossa deficiente industria metalurgica; mas paizes que dependem, como o nosso, da industria estrangeira conseguiram crear uma aviação civil e militar efficiente, interessada a nação inteira no magno problema. E' que a aeronautica, por se completar com a aero-technica, não perde, nada obstante, sua personalidade, de tal modo que permite se caracterisar uma aviação pelo temperamento de um povo.

De facto, emquanto que a aero-technica cada vez mais se desnacionalisa tendendo para a collaboracção internacional pela realisacção do melhor typo, o emprego do material evidencia qualidades moraes, physicas e intellectuaes que bastam para definir uma raça.

* * *

Mas se ainda não existe no Brasil ambiente propicio á aviação, é preciso creal-o, creal-o já, creal-o antes de qualquer outra iniciativa.

A nação que deve fornecer o pessoal que a ha de servir na paz, como na guerra, ella que terá de contribuir com sommas relativamente fortes para a manutenção da aviação civil, como da militar, deve fazel-o com pleno conhecimento de causa, sem vacillações nem incertezas, segura da validade do seu esforço.

Será preciso na formação desse ambiente, reagir, antes de mais nada, contra o *preconceito da insegurança*, sem o que o recrutamento do pessoal de aviação não se poderá fazer com a largueza exigida.

A segurança do vôo resalta da observação pura e simples dos factos. Basta abrir os olhos e ver.

Compulsem-se as estatisticas, admirem-se os emaranhados de linhas aereas commerciaes

sibilidades tacticas, mostrou que existiam obstáculos cuja destruição não podia ser conseguida especulando sómente com forças moraes e cuja conquista exige o emprego de engenhos apropriados.

A noção das possibilidades é, portanto uma das qualidades essenciaes para o Chefe. E' o que ARDANT de PICQ chamava "*senso do praticavel*".

Na combinaçao do fogo e do movimento, que constitue a manobra, não deixemos de ter o "*senso do praticavel*".

DA PROVINCIA

Inspeção do Chefe do E. M. da 6ª R. M. ao 28º Btl.

Pelo Ten. Cel. CAMUÇÁ

(CONCLUSÃO)

DOCUMENTO N. 8 (*)

Apreciação sobre o exercício no terreno realizado, na manhã de hoje, por uma Sec. de Mtrs. P. da Cia. Mixta

O exercício no terreno, realizado pela manhã, causou uma boa impressão.

O thema que lhe serviu de base foi concebido com simplicidade, clareza e accentuado espirito de precisão.

Entretanto, existem alguns senões na elaboração do thema que, a título exclusivo de ensinamento, passamos a assinalar:

1º — Não foram fixados, nitidamente, os trabalhos que seriam executados, isto é, qual seria o objectivo do exercício.

(*) Lido na reunião de officiaes realisada na tarde de 19 de Março.

que cobrem, em todas as direcções os paizes que fazem aviação effective; olhe-se uma carta da França, da Alemanha, dos Estados Unidos com a impressionante rede de suas vias aereas — mas se olhe com vontade de ver; considerem-se os numeros que dizem da carga e dos passageiros transportados. E se pergunte depois qual a percentagem de accidentes, e de accidentes com damnos pessoasas.

Visitem-se os nossos aerodromos — e elles não são muitos — e se constate a intensidade do trabalho produzido; inquiram-se dos aviadores mortos victimados no voo, dos diplomados em nossas escolas, e se estabeleça uma relação. Nos Affonsos, onde está a nossa escola veterana, comparem-se os resultados obtidos no triennio 921-923 e no 927-929 e se tirem as conclusões que permittiram um material moderno e uma instrução apurada.

Frequentem os officiaes de todas as armas nossas escolas militares de aviação (exercito e marinha); mas não nas frequentem apenas, vãoem; e sintam a noção nova, surpreendente talvez, mas verdadeira, de um novo desporto agradável e seguro. Estabeleçam a ligação moral armas terrestres e aviação e confrontem os textos regulamentares com a justa medida de sua applicação no ar.

E não mais se falará, para se ser sincero, da supposta insegurança do voo.

* * *

Cumpra convir, no entanto, que os elementos de convicção, dispersos no tempo e no espaço, passem despercebidos da multidão.

Nossas conquistas aereas são mal conhecidas; nossas estatisticas não se publicam e o

O thema comportava o estudo de varios problemas; urgia, pois, que se estabelecesse d'um modo categorico, qual o assumpto a ser estudado no decorrer do exercicio.

2º — O thema tambem não fixava quasi como devia ser retomado o ataque. Basta uma indicação muito simples que poderia ser concebida, por exemplo, nos seguintes termos:

"O ataque recommençará á hora H, que responderá ao quarto de hora completo que seguir ao foguete lançado do P. C. do Cmt. do Btl."

Os executantes saberiam — pelo conhecimento que forçosamente teriam do codigo de vigor — qual seria o foguete convencional.

3º — Nada se disse tambem sobre o d'um positivo de ataque da Cia, nem se localisou o P. C. do Cap., o que no caso em estudo, tinha particular importancia.

4º — Tratava-se d'uma Sec. Mtr. que havia

que, sobre aviação, se escreve em letra de fôrma, traz a marca original do falso preconceito.

Contra este estado de coisas é que é preciso reagir; urge que uma propaganda honesta, continuada e intensa se faça, methodicamente, por todo o Brasil.

Annuncia-se para breve o apparecimento de um annuario de aviação, sob os auspicios do Ministerio da Viação, com a collaboração tecnica do Aero-Club. E' um passo largo no bom caminho.

Os esforços dos technicos civis e militares sob a autoridade de um órgão directo, precisa convergir para o objectivo immediato de propaganda intensa, se se pensa numa aviação nacional digna desse nome. A' aviação militar está reservada acção preponderante quando os Estados da Republica a conhecerem melhor.

Um elemento precioso devemos, no entanto, incorporar, desde já, á cruzada para o avião: elemento essencialmente educador e disperso em todo o Brasil inteiro: são os nossos camaradas de todas as armas distribuidos pelos corpos de tropa, o infante dos caçadores do Norte, são os cavalheiros de Jaguarão, S. Borja; elles, que, com a força de repetir, convencem o homem da região como o da cidade, poderão repetir connosco, persistentemente, a verdade, que o preconceito não cusa aceitar, de que a phase da aviação heróica passou.

E pois que "a preparação para a guerra com o fim unico da instrução" será preciso ensinar ao recruta, como ao reservista, que se faz mister confiar nas possibilidades da aviação, se não se quizer renunciar á victoria.

Aposta, pelo Cmt. do B. C., á disposição mt. da 1ª Cia.

Seria, pois, interessante, fixar onde a o passaria á sua disposição e quando.

5ª — Em tal hypothese, a Sec. Mtr. não p. receber a sua missão no Morro da Caixa mal...

A missão ser-lhe-ia dada pelo proprio Cap. no terreno mesmo.

Em Caixa d'Agua, ella receberia apenas ordem de deslocamento, muito simples, simples devem ser todas as ordens, poderia ser, por exemplo, a seguinte:

"Tal Sec. Mtr. deslocar-se-á immediatamente para as vertentes L. do Morro do Catavento, passará á disposição do Cmt. da 1ª Sec. P. C. se encontra nas vertentes L. do do Burro Vermelho".

O Cmt. da Secção, ao receber ordem, então, ao P. C. do Cap. após ter dado, algumas palavras, ordem para o deslocamento do material, que ficaria sob as ordens do sargento.

A sua presença junto ao material durante a marcha, além de desnecessaria, implicaria uma consideravel perda de tempo, que possou ser muito aproveitado no reconhecimento, tendo terreno, visando:

a) a escolha da posição;

b) a execução dos tiros.

Assim, reconhecimento do terreno e deslocamento do material seriam duas operações que se desenvolveriam parallelamente.

6ª — E' um bom habito o do chefe desprender-se, algumas vezes, da tropa para ir ao encontro das formações, reconhecer o terreno, etc.

7ª — Portanto, assim concebido, o nosso plano comportaria:

a) o recebimento da ordem na região do Morro da Caixa d'Agua;

b) a ordem verbal (muito simples) dada o Cmt. da Sec. Mtr. para o seu deslocamento;

c) o estudo da conduta pessoal do Cmt. Secção (deslocamento rapido até o P. C. Cia, reconhecimento do terreno, ordem para entrada em posição);

d) o estudo, parallelamente, da progressão da Sec. Mtr. sob as ordens do sargento;

e) a entrada em posição;

f) a execução dos fogos;

g) o estudo do remuniamento, etc.

Mostra, isso, que um exercicio, quando organizado, comporta o estudo, em um quadro tactico, d'uma serie de interessantes problemas de combate.

7ª — Convem que, em todo exercicio, haja, o director.

Em principio, o director não deve commandar a unidade que vai executar o exercicio.

Se, por exemplo, um Cap. quer fazer um exercicio de Cia., ha toda vantagem em que se chame a si a direcção do exercicio e dê o commando a um dos subalternos.

Notou-se, no exercicio de hoje, que o instructor teve a louvavel preocupação de an-

mar o campo de batalha, figurando, por meio de bandeirolas, os focos de resistencia que tiveram a progressão do ataque.

P. O. — (a) Suetonio de Siqueira Camões
Ten. Cel. Chefe do E. M.

+ + +

DOCUMENTO N. 9

O PROBLEMA DA INSTRUCCAO

Conferencia realizada no circulo de officiaes do 28º B/C, pelo 1º Tenente Arthur Carneiro, Chefe interino da 3ª Secção.

De que se trata?

Trata-se de formar — em um tempo limitadissimo — homens aptos ao desempenho das complexas missões que competem ao infante moderno.

Fazer de um simples recruta — bronco e inexperiente — um combatente.

E fazel-o apenas em quatro mezes; e fazel-o através de mil difficuldades, como sejam:

a) a irregularidade da incorporação;

b) a falta de officiaes nos corpos (marginal de que soffrem as nossas unidades);

c) o exercicio interino das funcções de commando, dando lugar á falta de continuidade na orientação da instrução;

d) a falta de auxiliares capazes e de bons soldados antigos que enquadrem os recrutas;

e) o serviço de guarnição que absorve, diariamente, muitos homens (guardas, escoltas, etc.);

f) o grande numero de assumptos que devem ser ensinados aos homens, os quaes se tornam cada vez mais vastos e mais difficil á medida que a infantaria, pela crescente complexidade do seu armamento, vai-se tornando uma arma verdadeiramente tecnica;

g) o analfabetismo dominante nas baixas camadas sociais.

Em uma palavra, trata-se de ministrar aos nossos patriotas — em face de difficuldades varias inherentes ás condições especiaes do nosso meio — um numero consideravel de conhecimentos em um lapso de tempo particularmente curto.

Portanto, a solução que surge espontaneamente ao nosso espirito, diante de tão magno problema, é a de:

a) seriar esses diferentes conhecimentos, estabelecendo uma verdadeira ordem de urgencia;

b) abordar os assumptos que visam directamente á preparação para a guerra, consagrando-lhes a maior parte do tempo disponivel e o melhor das nossas energias, reservando para os outros ramos de instrução o estrito minimo indispensavel.

Os exercicios de ordem unida — que são, aliás, uma bella escola de cohesão e disciplina — devem, fatalmente, ser relegados para um plano subalterno, cedendo o seu lugar aos exercicios de combate e serviço em campanha.

Não se admittem mais sessões especiaes de ordem unida; já longe vão os velhos tempos do formalismo, da rigidez de movimentos. Os interminaveis exercicios formalisticos no pátio do quartel ou nos campos de manobras devem ser irrevogavelmente substituidos pelas attrahentes e interessantes sessões de instrução em terreno variado.

Além d'isso, a nossa antiga mentalidade que a instrução de combate devia constituir o coroaamento de todo o ensino, já foi, em boa hora, derogada pela noção muito mais fecunda de que, já nas primeiras semanas de instrução, devemos familiarizar os nossos jovens soldados com os habitos da vida de campanha e com os problemas elementares de combate.

A ordem unida deve ser dada no intervallo desses exercicios, na ida ou na volta para o quartel e, principalmente, ao finalizar um exercicio qualquer (alguns minutos apenas).

E', isso, a consagração do que preconiza eloquentemente, o nosso R. I. Q. T. no seu artigo 5º.

"O preparo para a guerra constitue o objectivo unico da instrução da tropa".

"Os regulamentos concebem-no de tal maneira que a tropa mais bem preparada para a guerra tambem é, naturalmente, a que melhor se apresenta nas revistas e solemnidades".

Essa preocupação obstinada da instrução visando a preparação para a guerra domina a lettra e o espirito de todos os regulamentos.

O R. I. Francez 1924 estatue categoricamente:

"A instrução da tropa tem por fim crear e desenvolver, em todos, os reflexos do campo de batalha".

E não menos positivo é o ultimo regulamento francez de infantaria quando affirma.

"La preparation à la guerre est le but unique de l'instruction des troupes".

"Soule, la volonté de vaincre assure le succès. Animant les cœurs et surexcitant les énergies, elle rend l'infanterie ardant dans l'approche opiniâtre dans l'attaque, tenace dans la defense".

Inspirer la volonté de vaincre et en enseigner les moyens, tel est l'object essentiel de l'instruction".

Eis, pois, a formula fundamental que deve inspirar os bons infantistas na elaboração dos seus programmas de instrução.

E', entretanto, logico, evidente, indiscutivel, que a instrução da tropa só poderá attingir o seu completo desenvolvimento se dispusermos de bons quadros, bem adextrações para o desempenho da nobre missão de instruir.

E' por isso que o nosso R. I. Q. T. prescreve, d'um modo claro e positivo, que a instrução dos quadros não deve visar somente a formação dos chefes, mas tambem a preparação dos instructores.

"A instrução dos quadros, diz elle por objecto desenvolver-lhes a aptidão commandar e para instruir".

"Os officiaes e sargentos deverão trar-se capazes de commandar e instruir unidade correspondente ao seu posto e de mandar a superior".

Logo, na instrução dos nossos quadros — particularmente dos quadros *perma* (officiaes e sargentos) — devemos, ante tudo, objectivar a cuidadosa preparação de instructores e auxiliares capazes.

E' indispensavel que, em um corpo de tropa, todos tenham o mesmo methodo de trabalho.

Só pela instrução de quadros, inteltemente ministrada, obter-se-á tão bello resultado.

Em particular, a instrução dos officiaes deve merecer uma attenção toda especial.

Fazer do official um instructor á da sua missão, — eis um dever dos chefes.

Já se foi o tempo, felizmente, em que bom official aquelle que tinha uma bonita de commando, que sabia marchar com gracia e elegancia e que executava irreprehensivamente, diante da sua insidia escola de recrutas de praças, o tempo um do "hombrão-armado" "direita volver".

Hoje, semelhante bagatella deve ficar no cargo — não do sargento que póde e aspira algo de mais elevado — mas d'um dado antigo intelligente ou de outro modo qualquer, dedicado e bem instruido.

O papel do official é mais delicado e complexo.

Tornemol-o, pois, apto ao desempenho de sua tarefa.

O melhor meio de conseguillo é torra instrução dos officiaes uma realidade, no bito mesmo dos corpos de tropas.

E' bem verdade que existem as escolas, mas, nem todos os officiaes conseguiram mental-as, muitas vezes por circumstancias alheias á sua vontade. Outros, já possuem curso da E. A. O.

De que lhes serve, porém, esse curso no corpo, não têm oportunidade de metter em dia os conhecimentos adquiridos na escola?

Urge, pois, uma instrução dos officiaes dos corpos, visando:

a) ensinar os que não frequentaram as escolas;

b) revêr e manter em dia o pessoal d'aquelles que já possuem os respectivos cursos.

Além disso, é na tropa que estes ultimos poderão achar a melhor forma de diffundir e applicar o que viram e aprenderam!...

De que serve um curso — por mais importante que seja — se não se procura tirar o maximo que nos póde dar?

De que serve, por exemplo, um curso E. M. para um official que, munido do diploma correspondente, se encerra nas quatro paredes d'um gabinete, ao envez de procurar contacto com os seus camaradas da tropa, procurar vêr, de perto, as suas necessidades de velar constantemente pelo bem estar,

conforto e pelo maior desenvolvimento possível da instrução da tropa?...

A caserna continúa a ser a melhor das escolas!...

E' nella, pois, que, sob a orientação dos chefes experimentados se formarão os bons officiaes, — aptos para o commando e a instrução das suas unidades.

Tudo deve gravitar, em um corpo de tropa, em torno da instrução dos seus officiaes, cuidada com esmero, com fé, dedicação e confiança!...

E que se não julgue que essa instrução deve limitar-se á preparação dos officiaes combatentes!

Não é bastante que se estudem os problemas relativos ás marchas, estacionamentos e combate; é indispensavel tambem que se colha dos importantes problemas de reabastecimento, remuniciamento e evacuações.

Por consequencia, ao lado dos combatentes, devem tomar parte, em sessões especiais de instrução, os medicos, os officiaes de aprovisionamento, afim de que se trate, nas diversas situações de guerra, do estudo da organização e funcionamento dos diferentes serviços.

Não nos esqueçamos que, em campanha, não se trata apenas de combater; é preciso tambem viver, e, nessa ordem de idéas, não podemos passar sem o valioso concurso dos serviços.

Na infantaria, a questão do remuniciamento assume uma importancia vital. Detada de um numero consideravel de armas automaticas — consumidoras fabulosas de munição — ella precisa assegurar, graças a um bom serviço de remuniciamento, a possibilidade de alimentar essas armas, que, na ancia de semearem a morte por toda a parte, vomitam, em alguns minutos apenas, uma quantidade formidavel de projectis, cada vez mais mortiferos, mais brutaes, mais inclementes...

O serviço de saúde tambem assume para a infantaria uma primordial importancia. Rainha das batalhas — destinada á conquista das maiores glorias — cabe-lhe, em troca, a mais rude e a mais laboriosa das tarefas.

E' ella, pois, a que soffre as mais cruéis e pesadas baixas!...

Um medico de batalhão ou de regimento deve ser um perfeito conhecedor do metier.

O estudo da organização e do funcionamento do S. S. do ambito do R. I., do Btl. e mesmo da Cia. deve constituir objecto de exercicios especiais no tempo de paz.

A instrução dos padroleiros, por exemplo, é uma especialidade que deve ser bem cuidada o que mostra que a um medico incumbe o triplice papel de ser profissional, chefe e instructor!

Vê-se, pois, que os não combatentes devem ter um lugar — e lugar de destaque — em um programma de instrução de officiaes.

Em uma palavra, é necessario que todos se preparem no tempo de paz, ao cabal desempenho das funções que lhes competem na guerra.

Esse resultado brilhante só poderá ser obtido por uma instrução de officiaes cuidadosamente ministrada.

Não é menor o cuidado que devemos ter com a instrução dos sargentos, entre os quaes encontramos, muitas vezes, auxiliares capazes, dedicados, dignos dos mais francos applausos.

Nesse sentido, a E. S. I. tem prestado ao Exército um relevantissimo serviço, particularmente no que concerne á instrução physica.

Contudo, á semelhança do que se passa com os officiaes, nem todos os sargentos passaram por aquelle modelar estabelecimento; além d'isso, aqui na Região, não lhes foi proporcionada, ainda, a oportunidade de frequentarem um curso de Cmt. de pelotão.

Por isso, a sua preparação deve ser meticolosamente feita nos corpos.

Um sargento digno d'este nome deve estar á altura de ministrar a instrução individual no concernente ao combate e ao serviço em campanha e perfeitamente apto para o commando do pequeno posto, da patrulha e do G. C. sob todas as suas formas.

A instrução tactica dos nossos sargentos, apesar dos beneficios prestados pela E. S. I., é ainda insufficiente.

E' nos corpos de tropa, sob os olhos dos officiaes, que se deve sanar essa deficiencia, mediante uma instrução minuciosa, progressiva e que tenha por base o methodo do caso concreto.

E' bem verdade que a falta de terreno nos arredores immediatos do quartel exige um tempo consideravel para a realização d'uma pequena sessão de instrução.

Essa difficuldade não deve ser um motivo de desanimo; descobre-se sempre um bom meio de instruir os nossos quadros inferiores.

O caixa de areia, por exemplo, é um magnifico recurso!...

Pessoalmente, já o utilizei com successo, quando tive a honra e o orgulho de ser instructor de cavallaria do C. P. O. R. da 1ª R. M.; no 1º R. C. D. tambem, instruindo o pel. de candidatos a sargentos obtive os melhores resultados.

E' de toda vantagem que cada Cia. tenha a sua caixa de areia, onde se pôde representar, seja um trecho de carta conhecido, seja uma faixa de terreno imaginado pelo instructor.

O caixa de areia nos presta um grande serviço nos seguintes casos:

a) quando se quer preparar um exercicio que deverá ser realizado, ulteriormente, no terreno;

b) quando se pretende repetir um exercicio já feito no terreno, afim de se focalizarem certos assumptos que não foram bem comprehendidos ou que, pela sua importancia, merecem ser tratados com especial cuidado;

c) nos dias de mau tempo.

Além disso; é um bom meio de familiarizar os graduados com as diferentes formas do terreno, ensinar-lhes a sua nomenclatura e o seu valor militar, etc.

AS VANTAGENS DA OOPHORECTOMIA DA EGUA E DA MULA NOS CORPOS DE TROPA

Pelo 2º Ten. VET. CASTRO FRETZ

Quem fizer uma visita aos nossos Regimentos de Cavallaria e Artilharia, principalmente aos R. C. I. da 3ª R. M., verificará que, em muito delles, 66 % das eguas, em media, não prestam o serviço que verdadeiramente deveriam prestar na tropa; é que se acham prenhes e paridas nas invernações.

Vou, aqui, mostrar algumas observações, obtidas durante 5 annos em que sirvo arregimentado, sendo estes dois ultimos de serviço no 2º R. C. I., em São Borja.

* * *

Existiam, em carga, no 2º R. C. I., em Dezembro de 1926, 9 eguas e 2 potrancas recém enfreçadas. Prestavam serviços, nesta data, apenas as duas potrancas e a egua 79, que estava prenhe e que abortou em 10 de Fevereiro de 1927. Das restantes 3 eram viçadas e 5 estavam prenhes.

Em 23 de Março de 1927, foram incluídas na carga do 2º R. C. I., 19 eguas vindas do 1º R. C. I., assim numeradas: 293 — 345 — 365 — 274 — 375 — 376 — 377 — 380 — 381 — 383 — 384 — 385 — 386 — 394 — 396 — 398 — 399 — 402 — 407.

Ficava o 2º R. C. I., em Março de 1927, com 30 eguas, todas para o serviço de sella. Nesta data prestavam, apenas, serviços regulares as potrancas 109 — 111 — e a egua 97. Das restantes 13 eram chuchras e viçadas, 14 estavam prenhes e paridas.

Em 20 de Março de 1927 e 17 de Janeiro de 1928, o R. C. I. perdeu 2 eguas de parte — (187-83) — (Insufficiencia pelviana).

Em 21-7-1927 e 28-9-1927, pariram no Regimento as eguas nº 200-23, dois lindos burrinhos! Em Agosto de 1925, o 2º R. C. I. tinha em carga 26 eguas. Destas prestando serviços leves, existiam a potranca nº 111 (que já se achava prenhe de 8 meses) e as eguas

Não se trata de ensinar aos nossos sargentos cousas complicadas e dar noções theoreticas muito complexas; pelo contrario, a sua bagagem theoretica deve ser a menor possível.

O dominio da theoria confunde-se com o dominio das palavras, sempre nefasto, e no qual devemos penetrar com extrema cautela.

O essencial é que lhes ensinemos a raciocinar; familiarizal-os com o nosso methodo de raciocinio, é uma tarefa relativamente facil para o instructor e que nos pôde conduzir a resultados surprehendentes.

Dest'arte, officiaes e sargentos educar-seão á luz de uma mesma escola, assimilarão a mesma Doutrina de Guerra.

A partir d'um tal momento, poderemos ter a disciplina intellectual e os nossos instructores possuirão auxiliares capazes, conhecedores da arte de instruir.

Emquanto não realizarmos semelhante "desideratum", a instrucção da tropa ha de ser sempre um problema de difficil solução.

Verifica-se, assim, que a instrucção dos quadros, — officiaes e sargentos — constitua a base mesma da instrucção da tropa.

Se quizermos a tropa instruida, comecemos por instruir os quadros!

Do contrario, obteremos resultados mediocres e illudiremos os nossos homens.

Na preocupação constante de obter o maior rendimento possível, deve-se também cuidar da instrucção dos nossos cabos e dos soldados antigos, que poderão tornar-se habéis monitores.

E' sómente com grande numero de instructores, auxiliares e monitores que poderemos

ter uma instrucção individual, que é a que conduz, em menor tempo, a um resultado mais rapido e decisivo.

Em regra, os soldados antigos, por circunstancias diversas, ficam muito abandonados; descure-se extraordinariamente da sua instrucção, quando, pelo contrario, se devia aprimorar, aperfeiçoar o ensino desses homens formando os combatentes de escol — constituindo verdadeiras "élites" — destinadas ao enquadramento dos recrutas, que, então teriam no exemplo dos seus camaradas mais antigos, o guia mais seguro, o verdadeiro paradigma da sua conduda.

O bom exemplo é, na verdade, o melhor methodo de instrucção.

Resumindo, podemos dizer que a questão da instrucção da tropa nada mais é do que o corollario do problema dos quadros.

Mas... o elemento essencial, o factor preponderante para se levar a bom termo a solução racional e logica do palpitante "PROBLEMA DA INSTRUÇÃO" é, indiscutivelmente, a VONTADE... vontade firme, tenaz, persistente, que é a virtude militar por excellencia.

Todas as boas qualidades d'um chefe podem resumir-se na fórmula:

"SABER O QUE QUER E O QUERER COM ENERGIA".

Eis o lemma que nos deve inspirar no desempenho da nossa nobre, brilhante e incomparavel missão!...

P. O. — (a) Snetonio Lopes de Siqueira Camucé. — Ten. Cel. Chefe do E. M.

77 — 79, também prenhes de tres mezes e potranca n.º 219, recém-enfreada. As restantes achavam-se na Invernada sem prestar serviços.

* * *

Pelas razões expostas acima, penso que seja de grande alcance pratico a oophorectomia da egua nos corpos de tropa e o unico meio de resolver este importante problema economico para o Exercito.

O paragrapho 1.º do art. 34 do R. C. N. diz: "As improprias para esse fim, mas aproveitaveis para sella, serão entregues ao Depósito de Remonta de São Simão, destinadas aos serviços ou para distribuição á infantaria".

Vê-se, pois, que o D. R. fornece regulamentarmente, as eguas que, não mais servindo para a procreação, poderão, no entanto, prestar serviços de sella na tropa.

Por outro lado a C. P. R. compra de particulares, para o fornecimento da tropa, grande quantidade de eguas para todos os serviços. Ha pouco tempo, ainda, vieram do D. R. do R. G. do Sul 26 eguas que, foram distribuidas ás unidades da 1.ª R. M.

Como e porque perguntará, agora, o leitor, apparecem prenhes as eguas distribuidas nos corpos si nos mesmos não ha garanhões?

E' bem facil a explicação: No 2.º R. C. I. nunca existiram garanhões e nem me consta que existam em outros corpos de tropa.

Os criadores vizinhos das Invernadas riundas têm, quasi sempre, garanhões com manadas de eguas soltas em seus campos e estes valentemente enfrentam o aramado e vêm procurar as nossas eguas ou ellas proprias vão procurar no campo vizinho os machos para satisfazerem as suas necessidades physiologicas.

Ninguém ignora a loucura de que é capaz um garanhão para estar com a egua "favorita". O aramado pode ter cinco fios de arame farpado, com poste de madeira de lei e elle passará, de qualquer forma, muitas vezes ferindo-se seriamente!

Em via de regra as Invernadas riundas, no sul são de grande extensão, fazendo divisa com 4 ou 5 vizinhos.

A Invernada do 2.º R. C. I. tem 13 quadras, de campo e faz divisa, ao norte pelo do campo Alemão, pelo campo da municipalidade e o rio Uruguay; ao sul pelos campos do Sr. Brasil Fontoura; a leste pelos campos do Sr. Camargo e ao oeste pelos campos do Sr. Viriato Vargas.

Como se verifica a referida Invernada limita-se com 5 vizinhos sendo que destes os Srs. Brasil Fontoura e Viriato Vargas têm erlações de eguas e possuem, soltos no campo, garanhões crioulos.

Como se poderão evitar os "amores" clandestinos das nossas eguas com os garanhões vizinhos?

Só haverá um unico remedio: percorrer-se o aramado pelo menos duas vezes por dia, mantendo-se uma rigorosa vigilancia na egua da por meio de "pastorejo" de dia e de noite, o que seria impossivel. A questão de manter-se um bom aramado será coisa secundaria.

A castração, penso eu, poderá resolver este inconveniente e, neste caso, terá, ainda,

a grande vantagem de não só evitar a procreação, mas de remediar a nymphomania, tão frequente entre as eguas e mulas distribuidas aos corpos de tropa e de que trataremos opportunamente.

E' perfeitamente viavel a oophorectomia da egua para todos os serviços do Exercito, principalmente a artilharia e a cavallaria, bastando somente que os veterinarios dos D. R. effectuassem a operação antes que ellas fossem distribuidas á tropa.

A operação deveria ser effectuada nas potrancas de 2 a 3 annos, antes da doma. A mortandade não seria mais de 2 %, desde que a operação fosse feita com toda a technica de uma boa cirurgia.

Precisamos nos convencer que a egua que trabalha nunca deverá procrear!

Está, hoje, provado que a egua é muito mais resistente que o cavallo para todo e qualquer serviço. Esta resistencia nolla tem demonstrado a pratica.

No Rio Grande do Sul, principalmente nas cidades fronteirizas, São Borja, Uruguayana, Itaqui, a guecha é muito apreciada para o serviço de tracção e de sella, com grandes vantagens sobre o cavallo. Quasi todos os serviços de viaturas nas cidades acima mencionadas, são feitos por eguas.

E' commum o emprego nas colonias, de carroças puxadas por 4 ou 5 eguas, vendendo-se acompanhar a viatura o potrilho, filho, de uma das eguas que se acha atrelada, que lá vai a trote ou ao galope atraz do vehiculo.

Para a tracção dos arados de discos, na lavoura, empregam-se, no sul, as eguas com optimos resultados, substituindo os bois, com a vantagem de serem mais ligeiras do que estes. Como animal de sella, facil é também observar que a egua tem o trote mais suave que o cavallo.

Em Janeiro de 1928 operei 2 eguas do Sr. Ayres de Castro, em Abril do mesmo anno operei 4 eguas do Sr. Homero Loureiro e em Setembro — 2 potrancas, de 3 annos de idade, do Sr. Brasil Fontoura, todas para o serviço de tracção.

A operação deu os melhores resultados e não perdi nenhuma.

Das duas potrancas operadas por ultimo, em vespuras de minha partida de São Borja, tive, depois, noticias, por carta, de seu proprietario, que ambas se acham em optimas condições e que se estavam desenvolvendo muito rapidamente.

O emprego da egua castrada para a tracção deve dar optimos resultados. Digo "castrada" porque em geral as eguas são mais nervosas do que os cavallos, principalmente durante a passagem do cio. Durante este periodo de tempo ellas se tornam, não raro, irasciveis e até perigosas. Quando ainda no cio, a egua tem micções frequentes, o que é feio e incommodo para o cavalheiro que a ensilha.

A egua nymphomana é peor ainda. Dias ha em que não se deixa ensilhar. Tenho visto eguas nymphomanas disparadoras — um dos piores vicios para o animal no serviço de tropa. A castração vem resolver todos esses

inconvenientes. Desapparece o cio e a nymphomania, tornando-se o animal mais docil para o trabalho e a engorda-se faz com maior facilidade. Como sabemos os animaes castrados soffrem verdadeira modificações physiologicas e morphologicas.

Por certo que ninguem vae ensilhar uma egua para dar um passeio ou fazer um serviço, tendo por escolta um potrilho por mais lindo que seja...

Se se ensilha uma egua parida e se deixa preso o potrilho, para não acompanhar a egua mãe, esta nunca poderá fazer uma viagem satisfacta. Por um instincto natural de amor materno, ella quer, sempre, voltar ao ponto de partida para ver o filho, inconveniente este difficil de se remediar.

A castração da mula nymphomana distribuida á tropa, penso, tambem, que deve ser de grande alcance pratico. A sciencia ainda não desvendou a questão da esterilidade absoluta ou da fecundidade relativa entre os muarees.

Este facto biologico, investigado pelos histologistas Prevot e Dumas, parece-nos que ficou plenamente esclarecido depois de alguns estudos em que elles verificaram não existir espermatozoide no aparelho genital de alguns muarees, enquanto nas mulas existiam todos os indícios de fecundidade.

Hobenstraß, Walther, Hansel, Clatchem, Bony e Honamam são unanimes em concordar com as experiencias de Dumas e Prevot.

Infelizmente a causa da infecundidade dos hybridos ainda não poudo ser determinada exactamente.

O que se não discute mais é a existencia do ardor genético entre as mulas, cujos ovarios são tão perfectos como os das eguas.

A cobertura de mulas por cavallos e juvenes é de observação vulgar nas fazendas de criação destes hybridos.

A oophorectomia da mula trará, como na egua, a vantagem não só do desaparecimento

do cio, mas da cura da nymphomania, tornando-se um animal docil e um excellente animal de tracção.

E' preciso notar que o nymphomania muito mais frequente nas mulas do que nas eguas.

No 10º B. C., em Ouro Preto, existia em 1925 — 1926, tres mulas n.º 6-8-12, sendo uma de tracção e duas da C. M. M., atacadas do vizio de nymphomania. A "Falsca" n.º 6, dias havia em que se tornava um animal imprestavel para o serviço e até perigoso. Era collocada a cangalha da peça, para a tracção, mordida, dava coices e se deitava.

A mula "Corneiteira" de n.º 12, era das trépidas a pelor. Para ser ferrada havia de ser esolhada a occasião que ella melhor desejasse.

Em Março de 1926, feriu gravemente um soldado-ferrador de C. M. M. com um colpo na região fronto-nasal, soldado esse que foi soccorrido pelo Sr. 1º Tenente Medico Dr. A. Murilo Coutinho Cezar da Costa.

O mais interessante de tudo isto é que existia no B. C. o cavallo n.º 3, excellento cavallo de tropa, que era crytochida e o garanhão preferido das ditas mulas. Era necessario ter-se o cavallo n.º 3, sempre em sua balbena bem fechada e manter-se uma rigorosa vigilancia.

Ahi está, ainda, a castração das mulas como o unico meio de sanar todos esses inconvenientes. A operação do cavallo não roseveria, senão em parte, todos esses inconvenientes.

Aqui ficam as minhas observações de quasi 5 annos em que sirvo na tropa, pedindo apenas, aos distinctos collegas que tambem observem este importante problema economicamente para o Exercito e que me chamem a attenção se encontrarem alguns pontos falhos, ou ao discordarem das minhas observações e em qualquer menor receio de maguar-me. Ficar-lhes muito agradecido.

PHONERGINA
SILVA ARAUJO
PHARYNGITE
TOSSES
ROUQUIDÃO
TRACHEITE

educação physica nacional

Escola de Sargentos de Infantaria realia-
ta 22 do mez findo, por inspiração do Sr.
ro da Guerra, uma demonstração do me-
de educação physica ahi praticado, regu-
lar em todo o Exercito e que se quer ins-
em methodo nacional.

Esta prova, que constou principalmente da
ação dos resultados obtidos pela recente
de matricula de professores municipaes
Sargentos do Q. I. e da applicação do me-
a infancia, deve ter impressionado agra-
mente á assistencia, em cujo conjunto, ao
das mais altas autoridades militares, se
congressistas, autoridades municipaes, hy-
stas, directores de sociedades desportivas,
listas, etc.

A sessão de educação para a infancia cons-
a verdadeira revelação para grande parte
assistencia, que ponde apreciar a intelligen-
o methodo na attracção dos exercicios e no
evitamento de accções facilmente comprehen-
pelas creanças. Nessa apresentação de tur-
de meninos e meninas, demonstraram va-
sargentos do Q. I. o quanto se pôde delles
guir quando bem orientados; e dentre to-
cumpre-nos destacar os de nome Paulo Tei-
e Feliciano Guimarães, que ahi revelaram
dades especiaes no mistér de instructores
anças.

O esforço e a dedicação demonstrados pelos
sadores municipaes, submettendo-se exponta-
ento ás duras exigencias do apprendizado, são
s de consideração. Os resultados satisfas-
as por elles conseguidos excederam á nossa
tativa, por isso que julgámos defficiente o
de ensino em face do alheamento anterior
ai todos na pratica de exercicios physicos.
eu-nos que alguns professores, felizmente
inoria, não tinham physico recommendavel
a futura funcção. Comtudo, a maioria, tal-
lois terços dos matriculados, deixou-nos a
ssão de enthusiasmo, de conhecimento per-
do methodo e a crença de que, com o cabe-
edagogico de que são armados e com a prol
dedicação dos professores primarios do
cto Federal, muito poderão produzir na
do problema.

uvimos do Cmt. Ségur, professor de Edu-
Physica da M. M. F. e a maior autori-
o assumpto entre nós, rasgados elogios á
ança com que o chefe da turma de profes-
commandava e á firmeza de execução da
a. Este juizo que pedimos permissão ao
para externar é digno do esforço revela-

stá de parabens a Escola de Sargentos de
aria pelos excellentes resultados da prova,
os mais uma vez vêm pôr em evidencia as
gens da constancia de orientação em seus
hos sob tal ponto de vista.

operadora da M. M. F. na traducção e
do regulamento de instrução physica, em
procurou desde então applicar-o com cons-
e ardor, suprimdo com muito esforço as
ncias naturaes da falta de experiencia.
ros colhidos datam já de longa data; em

1921, na visita do General Mangin, este não oc-
cultou a sua optima impressão sobre o emprego
do methodo; e todos temos noticias da rude fran-
queza do Chefe francez. Dahi para cá tem-se
aproveitado a experiencia adquirida e todos os
diversos instructores que têm trabalhado no as-
sumpto são merecedores de encomios pelos resul-
tados agora alcançados.

Onde, porém, o trabalho da Escola se mos-
tra admiravel é na acção do medico sobre a edu-
cação physica. Essa collaboração do medico e
do instructor, a pedra fundamental do ensino da
educação physica, não tem sido infelizmente le-
vada a serio pela maioria dos medicos militares.
Com muito poucas excepções, estes encaram a
sua intervenção com bastante displicencia.

Na Escola de Sargentos é justo que salien-
temos os esforços e os trabalhos do Dr. Prado
Jacques a quem se deve a orientação actual nes-
no sentido, iniciando experiencias e creando o
embryo de um gabinete de educação physica.
Taes esforços foram bem comprehendidos e con-
tinuados pelo seu successor Dr. Alves Bastos,
que tem dado grande desenvolvimento á appa-
relhagem do gabinete e aos estudos do assum-
pto.

Occorre-nos aqui, a necessidade de uma cam-
panha e de providencias capazes de interessarem
os medicos por essa collaboração. Seria mesmo
vantajoso formar medicos especialistas de edu-
cação physica em numero apreciavel.

* * *

E' de esperar que a demonstração da Esco-
la de Sargentos tenha conseguido dar aos con-
vidados do Sr. Ministro noção summaria do pro-
blema cuja solução o titular da Guerra se pro-
põe iniciar e fomentar. Todos devem ter fica-
do convencidos de que ha ahi um trabalho de
grande monta a executar e no qual é conveni-
ente avançar lentamente porém com segurança
e muito criterio. O exito do empreendimento
fica dependendo da criação de *bases solidas*, sem
as quaes tudo o que se fizer será desperdicio e,
o que é mais serio, prejuizo para a raça.

Ora, a principal destas bases é o *especialis-
ta de educação physica* (instructor e medico),
de cuja formação devemos, antes de mais nada,
cuidar. Esta deve ser feita em Centro ou Es-
cola de Educação Physica perfeitamente appa-
relhada com material e professores competentes.
Sem esta providencia os resultados dos esfor-
ços despendidos na melhor das intenções pôdem
tornar-se inuteis ou mesmo prejudiciaes.

A solução de aproveitar-se o trabalho já
realizado pela Escola de Sargentos de Infantaria
apresentam, ao nosso ver, inconvenientes serios.
Em primeiro logar a Escola não dispõe de ins-
tallações que comportem o funcionamento de
um curso annexo de educação physica, installa-
ção que já nos parecem pequenas para a sua
vida normal. Por outro lado, o funcionamento
deste curso exigindo grande attenção pôde aca-
retar prejuizos para os objectivos da Escola
(formação de sargentos auxiliares de instructor

Necessidade de produção e divulgação

Não vamos tratar da produção industrial, de produção agrícola, de literatura profana, etc. Todos estes assumptos são muito complexos, de competência alheia, interessantíssimos sem duvida, mas não constituem o nosso objectivo nestas paginas.

Desejamos referir-nos á importante questão de actualidade, intimamente ligada á da nossa mentalidade profissional, isto é, ao problema de nossa produção escripta tecnico-militar, que não tem acompanhado a real evolução mental por que vamos passando. O estudo do problema parece mesmo revelar chocante contraste entre essa evolução mental e a produção.

Ora, as manifestações dessa produção devem ter por objecto a exploração geral dos assumptos de nossa technica e outros correlativos; quer se refiram a pontos ou aspectos da doutrina dos regulamentos, a desenvolver e a explicar para bom entendimento geral e em particular como beneficio aos menos treinados na materia; quer sejam ainda de ordem doutrinaria, porém mais caracteristicamente didactica, versando sobre o estudo de casos concretos ou themas analogos aos produzidos e desenvolvidos nas Escolas e que constituem magnifico processo de ensino e aprendizagem, quando os trabalhos são bem conduzidos; ou sejam conferencias sobre motivos technicos diversos, de ordem scientifica ou não, ligando-se estritamente á questão dos processos de combate; ou sejam historicos relativos a factos do nosso passado, commentando figuras tradicionais e passagens brilhantes das nossas epopeias guerreiras ou relativos á historia militar universal; sejam ainda e finalmente de ordem geral, sobre politica, philosophia e organização que se prendam ás circumstancias especiaes da defesa nacional, etc.

E' fact indiscutivel já affirmamos e todos sentem — mesmo porque cada um nota em si uma repugnância do phenomeno — que a intellectualidade militar brasileira se tem enriquecido de modo notavel nos ultimos tempos e experimentou importante incremento a partir da chegada das missões militares. Não porque estas aqui aportando lhe tivessem in-

jectado elementos fundamentais de cultura, de formação, de instrução geral e illustração, e de conhecimentos possua e sufficientes, já mantinha o pelo cultivo do dever profissional e já tinha a senda do cumprimento das obrigações porque forneceram-lhe base technica pensavel, a doutrina, e farto cabedal de ordem e porque delinearam e fixaram quadros geraes que não de fatalmente se zila a moldar-se aos surtos do progresso futuro.

Nestas condições desenvolvem-se fôrte e velozmente a aptidão pelo estudo das coisas profissionais; multiplicaram-se as Escolas, deu-se margem á emersão das melhores capacidades; ampliaram-se os horisontes; e os serios problemas geraes vão sendo nitidamente compreendidos e a pouco e pouco resolvidos. E uma boa orientação ha de certamente fixar os verdadeiros limites á impôr aos departamentos da organização para que a organização funcione perfeita, dispondo do mais pensavel aparelhamento.

Temos esperanças de que com o tempo nos integremos, não de um salto mas progressivamente porque atravessamos importante phase de transição, na rota da segurança definitiva. E' assim que esperamos se encerrar a nossa situação. Não é que enxerguemos o momento tudo cor de rosa. Imaginamos muitas questões a resolver, urgentes e inadmissíveis sentimos ainda falhas, deficiencias, incorreções, mas mais ou menos facilmente corrigíveis, porém as sentimos mais como imposições próprias de época de mutação que liga o passado ao porvir promissor do que como males mediaveis. Mesmo porque as actuaes condições da existencia nacional não permitem transformações radicais e bruscas. Estas sempre perigosas, quando não impossiveis, preferivel transformar por phases ou etapas, embora curtas, do que por pulos bruscos alcançarmos muito longe.

Porém em contraste com a real evolução intellectual que o meio militar experimenta, producto de elaboração sujeita a dynamismo ininterrupto e constante, nota-se a pobre produção escripta tecnico-militar corres-

da tropa e futuros commandantes de pelotões de guerra) objectivos estes de relevancia immediata para a vida do Exercito.

Aliás, esses inconvenientes não devem ter passado despercebidos dos interessados na questão. Para a Escola de Sargentos é imprescindivel que a vida do centro não perturbe a execução de sua tarefa principal. Para o proprio centro, sua independencia lhe permitirá maior liberdade para actuar e desenvolver-se.

Por outro lado, o aproveitamento dos sargentos do Q. L., como se está fazendo, póde ser prejudicial ao funcionamento das Sociedades de Tiro, já ás voltas com falta de instructores idoneos.

Fica ainda restando a questão dos profes-

sores do Centro, cuja formação está ainda a fazer-se. O aproveitamento das optimas aptidões reveladas pelos actuaes instructores da Escola sob a orientação do Cmt. Ségur da M. M. constitue solução immediata do problema. Temos razão porque até agora não se apertou a competencia e boa vontade do especialista francez na Escola de Sargentos. Tal providencia, pelo menos garantirá a uniformidade de orientação do ensino ministrado aos futuros sargentos na Escola Militar e aos sargentos mestres de educação physica do Centro. Não se conhece as vantagens de terem os futuros officiaes sahidos daquela Escola a mesma orientação em materia de educação physica que os mestres futuros, formados pelo Centro.

que não equivale áquella, não na reprehenção.

Quaes as causas ou os motivos?

Terá que mantenhamos ainda aquelle repto académico judicioso, mas recatado, que expôr a sua voz e a sua opinião alcançando de uma assembléa, porque quer evitação da crítica? Falta a predisposição e trabalho; falta o thema, o assumpto? a confiança nas proprias convicções? Por o desanimo campeia, alastra-se, dissolve energias, predispõe para o marasmo?

Não aceitamos essas razões absurdas; podemos crer que actuem sobre o animo cada um e o da collectividade.

Então a verdadeira causa talvez seja a falta de certo commodismo com certa dose de vaidade que influencia a classe, forçando membros a manterem-se em mutismo, fechos ou melhor tampados.

E' contra esse estado de cousas que nos ergimos. Para elle chamamos a attenção camaradas de boa vontade nas Classes Armadas. Não basta que augmentemos dia a dia conhecimentos individuais pelo esforço pessoal; é preciso pôr esses conhecimentos em communicação para que produzam e divulguem para o beneficio dos interessados e da classe.

Daqui fazemos um apello em prol da publicação e da divulgação desta. As nossas paas est'veram sempre ao intello dispôr de um quer que desejasse externar sua opinião e qualquer assumpto que interessasse directa ou indirectamente o problema militar. Mas bem, mais uma vez, reafirmamos o convite pela collaboração nesta revista, que tem curado, antes de mais nada, ser uma revista das Classes Armadas e não uma revista do povo que a mantem, como ás vezes se tem querido inculcá-la.

Contamos que, com o desenvolvimento que os alcançado nestes ultimos tempos e com o polo crescente que nos chega dia a dia de os os pontos do paiz e de todos os ramos das classes militares, se confirme o nosso grande desejo de reflectirmos nas nossas paas toda a actividade intellectual dos officiaes do Exército e Armada e dos estudiosos que quizerem tratar os problemas correctos dos problemas militares.

EM "A DEFESA NACIONAL" NÃO HA INTERESSES PESSOAES OU INTERESSES

BEXIGA-RINS
DO URICO-RHEUMATISMO
ARTHRITISMO
BI-UROL
SILVA ARAUJO

DE GRUPO; — SO' HA INTERESSE GERAL — O INTERESSE DAS CLASSES ARMADAS. E' o que esperamos que todos vejam e para isso cooperem sinceramente.

Corrigendas do numero anterior

No artigo *Tactica de Artilharia* do Cap. Alcio Souto devem ser feitas as seguintes corrigendas:

No titulo — Missões e repartição da Artilharia

Os fogos — classificação e condições geraes de emprego.

Nas 4 ultimas linhas da 2ª columna da pagina 275: mento de conjunto encarrega-se particularmente das missões de "protecção" (reforço do apoio directo), "objectivos inopinados" e "interdições ou inquietações" a menores distancias.

— No pé da 1ª columna da pagina 277:

(2) — Designamos por.....

(3) — Cel. Alléhaut.....

— Na 8ª linha, 2ª columna da pagina 277: aviação inimiga

— Na 23ª linha, 2ª columna da pagina 278: quer para

— No pé da 2ª columna da pagina 278:

(2) Que pôde attingir.....

— No pé da 2ª columna da pagina 279:

(2) Estudado nas Manobras.....

— Na 21ª linha, 2ª columna da pagina 280: (ataque seguindo imme-

— Na 27ª linha e seguintes, 2ª columna da pagina 281:

Admittindo que tenhamos os meios e a oportunidade de obter com boa approximação as correcções balisticas e athmosphericas, a falta de cartas ou a insufficiencia das que possuímos (com excepção da carta do D. Federal e alguns trechos do Rio Grande, na escala de 1/50.000) só raramente, nos periodos de estabilisação.....

— Na 51ª linha, 2ª columna da pagina 281:

a) preceder os ataques,....

— Na 8ª linha, 2ª columna da pagina 282:

e mais fraca — 4 minutos em.....

— Na 23ª linha, 2ª columna da pagina 282: descolando-se da barragem,

— Na 62ª linha, 1ª columna da pagina 284:

seus orgãos de fogo que se revelem mais pé-

— Na 1ª linha, 2ª columna da pagina 285:

que se sabe ou se presume utilizadas para taes operações, de modo a perturbar-as e.....

No artigo O Regulamento geral de Educação Physica:

Traduzido de "La Revue d'Infanterie" pelo Cap. Barboza Leite.

E outros de menor importancia facilmente corrigidos pelo leitor.

Em "Suggestões".

O autor é o 1º Ten. Irapuan Elyseu Xavier Leal.

Escola de Aviação Militar

Matricula no Curso de Sargento-aviador

INSTRUÇÕES PARA ORIENTAR OS CANDIDATOS A MATRICULA NO CURSO DE SARGENTO-AVIADOR DA ESCOLA DE AVIAÇÃO MILITAR

A) Vantagens do curso

Ao se approximar a epocha da inscripção á matricula no curso de sargento aviador da Escola de Aviação Militar, publicamos as instruções mandadas organizar por este Instituto de ensino e rogamos aos nossos camaradas dos corpos de tropas e estabelecimentos, em geral, e aos nossos representantes, em particular, que as façam chegar ao conhecimento de seus commandados.

Se cada Unidade quizer encaminhar á Escola dos Affonsoz dois candidatos capazes, terá concorrido com um contingente valioso na formação da Arma que ora se organisa.

Nota importante: As inscripções se encerram a 31 de Agosto.

I — A Escola de Aviação Militar, cuja sede é no Rio de Janeiro, entre outros fins, destina-se a formar sargentos para a arma de aviação. O "Curso de Sargento-Aviador" começa no primeiro dia útil do mez de Março e consta de dois periodos, o primeiro de cinco e o segundo de nove mezes.

II — Os alumnos approvados neste curso serão promovidos a 2º ou 3º sargentos e receberão um dos seguintes diplomas: piloto-aviador, photographo-aviador, mecanico de aviação, mecanico de armamento de aviação, electricista de aviação. Os portadores de qualquer dos tres primeiros diplomas são denominados "navegantes-aviadores"; os que possuem um dos tres ultimos diplomas são denominados "technicos de aviação".

III — Aos sargentos-aviadores é facultado o acesso ao quadro de officiaes-aviadores, desde que a isto se habilitem.

IV — Os candidatos ao diploma de navegação aerea (isto é, a piloto-aviador ou a metralhador-aviador ou ainda a photographo-aviador) quando não forem julgados aptos na inspecção de saúde para pessoal navegante, poderão tirar o diploma de technico de aviação, exercer assim, uma das funções de mecanico de aviação, de mecanico de armamento de aviação e de electricista de aviação.

V — Os candidatos que, findo o curso, não conseguirem o diploma de technico de aviação poderão ser aproveitados como especialistas de aviação e, assim, ainda serem cabos, 3º, 2º e 1º sargentos.

VI — Vencimentos mensaes (inclusive gratias e etapas):

Diplomados como navegantes:

Sargento-ajudante	840\$000
1º Sargento	750\$000
2º Sargento	720\$000
3º Sargento	690\$000

Diplomados como technicos:

Sargento-ajudante	810\$000
1º Sargento	720\$000
2º Sargento	690\$000
3º Sargento	660\$000

Alumnos navegantes:

1º Sargento	660\$000
2º Sargento	630\$000
3º Sargento	600\$000
Cabo (etapa a 3\$150)	380\$000

Especialista:

No 1º periodo	141\$000
No 2º periodo	228\$000

Alumnos technicos:

No 1º periodo	111\$000
No 2º periodo	198\$000

e ainda: roupa, alimentação e moradia.

VII — Attento ao destaque especial que no selo do Exercito gosa a Arma de Aviação e ás vantagens que offerece, regular tendo sido a affluencia ao Curso de Sargento-Aviador; mas, certamente, serão matriculados todos os candidatos, que preencherem as condições, abaixo, visto ser ainda bem deficiente o numero de sargentos e o de sargentos technicos de aviação, ora existentes na Arma.

B) Condições de matricula

VIII — Podem matricular-se no Curso de Sargento-Aviador: as praças não diplomadas da Aviação e das outras armas e os civis. Estes, têm a faculdade de só assentarem praça depois de approvados no exame de admissão.

IX — Para obter matricula o candidato deve:

- requerer ao Director da Aviação, de modo claro; 1º, qual o diploma a que é candidato, ou, pelo menos, si é candidato a navegante-aviador ou a technico de aviação; 2º, que se submeta á legislação em vigor no Exercito;
- juntar ao requerimento: 1º, certidão de idade que prove ser brasileiro, de mais de 17 e menor de 25 annos de idade (no dia 1º de Março do anno de admissão); 2º, autorização dos paes ou tutor, quando menor de 21 annos; 3º, attestado de que é solteiro ou viúvo sem filhos; 4º, attestado de conducta e proba fissão (passado por um official do Exercito) ou pela policia, com declaração do local e tempo de residencia); 5º, caderneta militar, quando

vista do Exército; 6º, diplomas universitários ou técnicos, se os possuir e quizer; entregar o requerimento, e demais dos anexos, no corpo de tropa ou Quartel do lugar mais próximo de sua residência, o mais tardar até o dia 31 de Agosto; aos requerimentos das praças annexas: 1º, a certidão de assentamentos; 2º, do seu commandante ou chefe sobre capacidade physica, e moral e intellectual; 3ª, da acta de inspecção de saúde.

Os requerentes que estiverem em posse serão submettidos á inspecção de saúde nos locais a que referem as letras c e d do artigo anterior, sendo sua acta annexada, ao requerimento que, assim informado, será encaminhado pelos tramites legais ao Director da Aviação.

XI — O Ministro da Guerra mandará publicar a "Concurso de Admissão" os candidatos que, em vista dos requerimentos, forem julgados em condições.

XII — O concurso obedece ás seguintes regras:

- Compreende dois exames escriptos: 1º, exame de selecção; 2º, exame de admissão.
- Os exames de selecção serão effectuados:

1º, na Escola de Aviação Militar, na primeira quinzena de Dezembro, para os candidatos da Capital Federal e Estados do Rio de Janeiro;

2º, nas sedes dos commandos de Região Circumscripção, na primeira quinzena de Dezembro (excepto a 1ª Região);

3º, nos corpos, quando afastados das sedes das Regiões, a critério dos commandantes das praças, e também em Novembro.

c) Os exames de admissão serão prescriptos na própria Escola de Aviação, na primeira quinzena de Fevereiro, pelos candidatos que forem approvados no exame de selecção.

b) Programma do concurso de admissão

XIII — O exame de selecção consta das seguintes materias: portuguez, arithmetica e algebra.

O exame de admissão versa sobre: historia do Brasil, geographia, geometria, mecanica, electricidade, topographia e regulamentos militares.

Nota — Os candidatos aos diplomas de pilotos de aviação são dispensados das provas de historia, geographia e topographia.

XIV — Os exames comprehendem as seguintes provas:

a) exame de selecção: uma prova escrita de tres partes, consistindo em: 1º, redacção sobre um assumpto de historia do Brasil; 2º, dois problemas ou questões theoreticas de arithmetica; 3ª, um problema ou questão theoretica de algebra.

Nota — Os candidatos dispõem de uma hora para cada parte, sendo reunidas as provas no fim de cada hora.

b) Exame de admissão: quatro provas escriptas de tres horas cada uma (só tres pro-

vas para os technicos), consistindo em: 1ª, redacção sobre um assumpto da actualidade; 2ª, sobre um de geographia; 3ª, dois problemas de arithmetica, um de algebra e dois de geometria; 4ª, uma questão de physica e outra de electricidade; 5ª, uma questão relativa á organização do Exército e aos regulamentos da Aviação; 6ª, uma questão theoretica de topographia.

Nota — Esta 4ª prova é de uma hora para os technicos.

XV — O valor das provas acima será caracterizado do seguinte modo:

a) Pelos coefficients abaixo:

Exame de selecção:

Redacção	4
Arithmetica	4
Algebra	2
Total	10

Exame de admissão:

	Nave-	Tech-
	gantes	nicos
Redacção	6	
Mathematica	5	10
Sciencia physica	4	8
Instrucção Militar	5	2
Total	20	20

b) Por grãos, de zero a dez.

Nota — Não poderão concorrer ao exame de admissão os candidatos que não obtiverem, no de selecção, média igual ou superior a tres; não serão admittidos como alumnos os que, não obtiverem, no de admissão, taes médias.

XVI — Serão os seguintes os pontos sobre os quaes versarão as provas de cada materia:

a) Historia do Brasil: D. João VI no Brasil; a independencia; reinados de D. Pedro I e II; campanha contra Rosas; guerra do Paraguay;

b) Geographia: elementos de geographia geral; climas; grandes vias de communicações terrestres, maritimas e aereas; estado physico, politico e economico do Brasil;

c) Arithmetica: operações fundamentais; fracções: operações sobre fracções; proporções: regras de tres; systema metrico; raiz quadrada;

d) Algebra: numeros e expressões algebricas; valor numerico; calculo algebrico: addicção, subtracção, multiplicação e divisão; potenciaes; fracções algebricas; radicaes; equações: resoluções do 1º grão a uma incognita e problemas do 1º grão;

e) Geometria: linha recta; angulos; perpendiculares; obliquas; parallelas; polygonos; triangulo; parallelogrammo; rectangulo; quadrado; losango; trapezto; circumferencia; superficies; medida dos angulos com o transferidor, construcções graphicas elementares; polyedros; esphera; volumes;

f) Mecanica: inertia; forças: composição e decomposição; momento de uma força; conjugado; momento de um conjugado; noções geraes de cinematica; trabalho, potencia, rendimento;

REEDUCAÇÃO

Educação physica-Orientação sadia

Nenhuma manifestação da vida humana, social ou individual, requer maior grão de saúde do homem, no espirito e no corpo, do que a da guerra. Ah! a magnitude dos esforços, quer physicos quer moraes, attinge ás vezes rapidamente valores incalculaveis em intensidade e duração.

Tudo o que contribue, pois, para fortalecer o nosso homem, todas acções tendentes a reeducal-o de modo o banir de vez os habitos que o tornavam mol'no e desperdiçavam as suas grandes qualidades racionais, de resistencia e sobriedade; todas estas conductas do despertar moderno que se vcm manifestando cada vez com maior intensidade e sob varias fórmas, merecem sem duvida nossos applausos e causam-nos contentamento.

Tnhamos, já ha muito tempo, a intenção de reproduzir em nossas columnas parte da palestra que no incio do anno, realizou no Rotary Club o Dr. Renato Pacheco, pioneiro da educação physica systematica entre nós e grande autoridade no assumpto pelas elevadas posições que tem desempenhado nos meios desportivos. Infelizmente faltava-nos espaço.

Agora, depois de termos assistido a demonstração de Educação Physica na Escola de Sargentos de Infantaria, onde encontramos o Dr. Renato Pacheco, com o seu espirito entusiasta prompto a emprestar o apoio de seu prestig'io e de sua sciencia á causa em que está empenhado o Sr. Ministro da Guerra, não resistimos ao impulso de divulgar os abalizados conceitos do especialista.

E assim fazendo, mais uma vez reafirmamos a grande vantagem e a necessidade im-

periosa da collaboração civil e militar, para a solução dos problemas nacionaes, que to interferencia mais ou menos directa,ção de nosso maior objectivo — a D. Nação.

Assim fala o Dr. Renato Pacheco. De momento, bem me recordei de pessoas am'gas que me têm invectivado por não dedicar nas raras horas de lazer, mais condizentes com a educação physica, nossos jovens patricios. De uma feita, lho amigo declarou-me que se não fosse sobejamente a severidade de meus pais não teria grande duvida em não me fazendo algum proveito maior, levando vantagem, como se diz na gíria, com a teoria de esportes; outros, mais completos não poder atinar como eu conter as afanosas obrigações da vida social, tão ardua, sem sacrifical-as, outros affirmam, cheios de dó que é de timar essa mania minha pelos esportes, decerto estarei abandonando ou descuidando compromissos da profissão... e eu como pensareis de m'm magnanimos e nos, que me ouvis com tanta bondade enc'a.

Posso, todavia asseverar que nada se verifica, porque, por intima e bem fundada convicção, não fumo, não bebo e não tendo fumado durante trinta e dois annos, usado bebida nas refeições, e jogado ker, até dez annos passados; durmo cedo me levanto ha seis annos e quando de attender aos deveres, imposto pelos estudos ou para simplesmente me divertir,

g) Physica: propriedades geraes dos corpos, diferentes estados dos corpos; gravidade, massas, medidas; principio de Archimedes; densidade; pressão atmospherica; propriedades dos gazes; med'ça da pressão atmospherica, barometro; principio de Archimedes applicado aos gazes, aerostatos; pressão de um gaz; manometro; compressibilidade de um gaz; lei de Mariotte; variação da densidade de um gaz com a pressão; bombas e siphon, escorvas; calor, temperatura, thermometro, diferentes escalas thermometricas; dilatação, coefficiente de dilatação; leis de Gay Lussac, temperatura absoluta; relação entre a pressão, o volume e a temperatura de um gaz; calorimetro, unidade de calor; mudança de estado, fusão, solidificação, vaporização, evaporação, ebulição; leis de ebulição; calor de vaporização; influencia da pressão sobre a temperatura de ebulição; propagação do calor, conductibilidade; thermodynamica; trabalho mecanico do calor; equivalente mecanico do calor; poder calorifico;

h) Electricidade: correntes electricas, analogias hydraulicas; consumo, intensidade;

força electro-motora, differença de potencial, resistencia; lei de Ohm, potencia; pilhas, pilhas tipos, associação das pilhas; acc'ção mica das correntes electricas; electrolyse, vanoplast'a; accumuladores, principios de carga, descarga, conservação; imans naturais e artificiaes, campo magnetico, linhas de força; preparação dos imans, o magnetico, electro-imans, produção do polo magnetico, applicação dos electro-produção das correntes electricas, origens das correntes induzidas, self-inducção, condutores, correntes de Foucault;

i) Regulamentos militares: organo do Exército Brasileiro em tempo de paz, organização da Aviação Militar Brasileira em tempo de paz; Lei n. 6.158, de 13 de maio de 1927; estatuto do pessoal; director da Aviação; regulamento de exercicios e de te da Aviação, regulamento do serviço em panha;

j) Topographia: noções theoricas mentares relativas á confecção das cartas gnaes convencionaes.

encontrar á mesa de trabalho ou á emington, onde me desobrigo de todos plos encargos da vida profissional ro que me seja possível, ir ás minhas e depois, calmamente, demandar po de football, uma quadra de tennis, terrestres ou aquáticas, afim de as-exercícios e o consequente desenvol-physico de algumas dezenas dos nos-os de hoje, os homens de amanhã, de interessantes, empolgantes e sala-a jogos.

o traço característico e predominante-mento é o trabalho que nossos mus-cisam ter, em todas as épocas da vida, e se desobrigarem de relevantes fun-ões são commettidas, desde que á-ryonaria succedem as primeiras ef-or-mação do corpo. Todos nós sabemos e para o 5º mez de existência intrau-omeça o feto a se mover, e nunca mais a hora do nascimento, sendo esse o grande labor imposto ao homem, por-para entrar na vida começa a "fazer

se semelhante phenomeno é de facil e analyse, porque havemos, depois-ados, vencendo as piores crises bio-a infancia e a adolescencia de nos-ões á uma vida de repouso muscu-opr'a nociva, absurda e contraria ás natureza?

primeiros periodos da existencia so-dos naturalmente, para esse estado-tilidade, proprio da saude do corpo e-irito, tão amilde observado na cre-o adolescente, e por isso nos move-ais, porém quando somos o grande-ante, o opulento banqueiro, o indus-erno, o medico de vasta clinica, o ad-e renome o engenheiro notavel, o pro-erito, o magistrado severo o jorna-lnador, o official de elevada patente ou de mar, o funcionario chefe de-umfim uma dessas coisas por todos-ente aspiradas, eis o maldito auto-paralysar nossos musculos, impedindo o necessario, creando estórvos as com-organicas, porque não se poderá ad-e a gente, assim elevada, faça um pas-sis a tres kilometros, vá de Botafogo por exemplo, pela manhã ou á tarde-rgores solares ou por lhes faltar o ou por não lhes ser proprio.

essa inerencia muscular ficam os nos-es homens sujeitos a uma vida, que resumida em bem poucas palavras:—se, ordinariamente, tarde de uma-ka, como é do estilo actual, e vão para morno, onde immergem o corpo e fi-ovels, sem fazer massagens ou outros-estímulos, ex'gidos pela pelle, que o suave attrito do sabão; tomam um-chá, iniciando, destarte, a intoxicação-afimo, completada pelo primeiro ci-mais raramente, pelo primeiro cha-gam nos jornaes e, com evidente sa-

crificio de rudimentares preceitos de hygiene mental, começam a intoxicar o espirito com as noticias dos trusts ou syndicatos, da marcha do cambio, da estabilização monetaria, da crise de tecidos aqui e fóra daqui, do estado actual da nossa industria e do nosso commercio em face do retrahimento do credito bancario, das fallencias hav'das e por haver, dos negocios da alta e baixa politica e, final-mente, dessa multidão de assumptos que nos enfeizam; descem para o automovel, seu maior inimigo, chegando ao escriptorio, onde o esperam as resoluções de mil negocios atormentadores, pela perspectivas de grandes lucros e possibilidade de prejuizos incalculaveis; depois de bem envenenados, vão para casa ou para o club ou para o restaurante, mirando o almoço e tendo nessa primeira metade do dia caminhado por seus pés, menos de duzentos metros; voltam para o escriptorio, onde continuam o lento suicidio, typico da vida do homem moderno de negocio até que as primeiras trevas da noite mostram que deve, de novo, tomar o automovel e voltar para o lar, onde chega com mais cem metros de andadura a pé, sem sufrir uma escada, sem fazer um pequeno esforço, porque o elevador veiu dar companhia ao automovel nessa obra de inactividade muscular; vão para a mesa do jantar, com a familia e algum commensal indesejado, a falar de negocios vantajosos, onde se conversa, muitas vezes, de coisas agradaveis e de outras de assumptos aborrecidos; terminado o repasto, espera-o a macia e carinhosa meale, onde cochila um pouco, depois de ouvir o radio ou victrola inclementes, até que ás 10 horas a filhinha galante lembra o cinema abafado ou o theatrinho por sessões, para onde se vai de automovel, e eis tudo...; depois de tudo isso, cama, onde varios problemas financeiros, industriaes ou commerciaes devem receber a sanctão e o conselho do travesseiro amigo; dormem mal algumas horas de um somno in-tranquillo, de ordinario povoado de maus sonhos e, quantas vezes, é nesse miseravel estado de alma que se exercem funções primordiales.

Pela manhã, fatigados, como se não houvessem descansado, abatidos, levantam-se para continuar a mesma faina da vespera, e ahí tendes, carissimos e benevolentes senhores ro-tarianos, a largos traços debuxada, a vida dos maiores homens, desses que têm a desgraça de subirem ás cumiadas de qualquer posição social.

Para mim seria motivo de intensa alegria saber que desta palestra possa resultar alguma coisa de proficuo para os que me ouvem, os quaes, fazendo uma analyse retrospectiva, poderão, talvez, fazer-me a justiça de não me considerarem exaggerado. Quantas vezes somos surprehendidos com a morte subita de um amigo, ainda moço victima de uma urímia isidiosa, de um mal cardiaco, não percebido em tempo, de uma insulto nervoso, e todos se admiram, sem perquirir as causas do accidente, quasi sempre facilmente de ser posto no quadro, que vos apresentei, do nosso homem de negocios, de vida intensa e annihiladora.

A Aviação em ligação com a Infantaria

TRADUZIDO DE "LA REVUE D'INFANTERIE" PELO CAP. A. J. BELLAGAMR

(cont. do n.º 186)

II

O estudo das possibilidades da aviação, feito no numero anterior, permittiu fazer idea sobre os serviços que d'ella poderá esperar a infantaria.

As diversas especialidades da aviação: *observação, bombardeio* podem trabalhar em proveito da infantaria. Sómente, porém, a aviação de *observação* viverá as peripecias do combate, empenhando-se na luta cujas flutuações segue de perto e realisando a segurança immediata da infantaria, de quem o observador se torna um camarada de combate.

A aviação de observação cumpre numerosas missões cuja resultante consiste em preparar e facilitar a missão da infantaria. Assim, o *acompanhamento da infantaria no combate* avulta entre as principais missões da aviação de observação, pela importancia, consequências e difficuldades a superar para assegurar bom rendimento.

Estudar-se-ão neste artigo, estas difficuldades e as condições indispensaveis a realizar para vencel-as.

Designada a missão de ligação entre a aviação e a infantaria por *missão de acompanhamento no combate*, pode parecer aos interessados como *permanente*, cousa de realisação impossí-

vel, ao menos no inicio do conflicto. A infantaria disporá em cada divisão, de duas ou tres aviações por dia, cujas caracteristicas estudaremos a seguir.

ORIGENS. Até 1915, agindo a aviação geralmente acima de 2.000 metros, em movimentos estrategicos, escapavam-lhe os perigos do combate, onde apenas intervinha para auxiliar a artilharia.

Em breve, a lacuna existente se encheu por occasião do ataque francez no Arto, tendo-se produzido uma brecha nas linhas alemãs, não poudo o commando aproveitá-la em favor de suas reservas em tempo opportuno, tendo sido esclarecido muito tarde. Para suprir a falta de ligação causadora de demoras, foi lançado o avião e desde então a aviação tornou a trabalhar abaixo de 2.000 metros, tornando esta consagrada pelo uso sem que se hesse realmente as razões determinantes.

Progressivamente foi a aviação operando a vez mais baixo para ver a infantaria ensinada pelas experiencias do começo, simulava extraordinariamente no terreno.

Os animadores resultados obtidos na campanha, em 1915 e comprovados em Verdun, em 1916, foram neste mesmo anno coroados pelo exito no Somme, onde a *observação* gozando de superioridade aerea, seguiu in-

Meus senhores, é por isso, é porque tenho um decidido e entranhado amor á vida e quero viver, que me dedico aos esportes, praticando os compatíveis com a minha condição, e, não contente com tal, desejo, altruista que me prezo de o ser, que todos pensem, como eu penso, e tirem os proveitos que estou tirando...

Mens sana in corpore sano, essa tão sedida e conhecida phrase de Juvenal, mostra que a saúde do corpo é condição essencial da da alma, e o homem de bom juizo, é ainda o poeta quem o diz: só pede aos céos a saúde da alma com a saúde do corpo...

E como obtel-a? Pela pratica systematica dos esportes, aptos para attenderem a todos os homens, moços ou velhos, doentes ou sadios, todos podendo dispensar, de suas occupações algumas dezenas de minutos, que podem e devem ser destinados a qualquer exercicio muscular, intenso ou moderado.

Desde a caminhada a pé até á gymnastica respiratoria, onde se dará ao pulmão maior capacidade para beneficiar o sangue, na hematóse, com evidente repercussão sobre os demais órgãos de economia humana, ha uma infinidade de exercicios physicos, para o uso dos quaes bastará um pouco de boa vontade e o reconhecimento de sua imprescindibilidade.

Não devemos exigir, e nisso não ha verencia, que, por exemplo, o Sr. O. Costa vá jogar box, nem o Sr. Luiz o football, nem o Sr. Albino Bandeira a romana, nem que o Sr. Raul Lette entre a pista para uma corrida de velocidade, meu collega e companheiro Carlos R. para uma competição de athletismo, demos lembrar a esses apreciados, que faz o Sr. Rocha Miranda com a sua te e tantos outros, que nas quadras do esporte de tennis ou nas aguas de uma activam as combustões de seus organos, não impedindo que a pelle exerça o seu auxilliar o rim na sua função de libertar toxinas e outros venenos, ali formados naturalmente, e que precisam ser eliminados, pena de se incorporarem de novo ao organismo.

Não posso citar o nome, mas ha cidade um homem de alta posição social, occupação sedentaria que para compensar maleficios, dali oriundos, vai ou vem diariamente, de casa para o escriptorio, fazendo uma caminhada de cerca de quatro metros. Pois sabem o que dizem desse cavalheiro cauteloso? Que é um sitão, evitando o contacto de seus linthentes."

a infantaria, assegurando-lhe o apoio efectivo da Artilharia. Então evidenciou-se a eficiência do processo que foi seguido durante a guerra, obtendo successo completo na execução mas necessitando ainda experiencia no periodo delicado da *guerra de movimento*.

DA MISSÃO DE ACOMPANHAMENTO

Desencadeado o ataque, as unidades proprias por lances, utilizando o terreno para se abrigar ao fogo do inimigo. Após percurso de 500 metros o infante mais experiente da primeira linha está impossibilitado de precisar sua situação exacta. Deitado atraz de um abrigo, mal pode levantar a cabeça para tirar alinhamento de pontos de referencia que communmente se usam.

Além d'isso, embora pudesse precisar sua situação exacta, nos periodos de crise, justamente mais interessantes, o infante não poderá comunicar a retaguarda: ao commando que o sustenta e a artilharia que o quer apoiar. A experiencia demonstra serem em geral os meios de transmissões: o telephono, as suas linhas interrompidas e as antenas T. S. F. e T. P. S. se revelam inutilisadas nas regiões revolvidas e batidas por intenso.

O avião libertado dos obstaculos do solo, ao sobrevôar os objectivos e apreciar a situação em conjunto, precisará o local da primeira linha. Dotado de meios de transmissão se informará instantaneamente aos interesses e trará a infantaria o concurso da artilharia. O avião se definiu assim, como o orçara fazer a ligação fundamental: infantaria, artilharia e para realizar a *segurança imediata da infantaria*.

Que se pede ao avião de acompanhamento infantaria?

Seu papel complexo está definido pelo seguinte da maneira seguinte:

1° — informar o commando sobre a situação das tropas amigas e inimigas, particularmente as primeiras linhas e dos postos de commando. Observar e assignalar as fluctuações do commando.

2° — assegurar a ligação infantaria-artilharia.

3° — esclarecer a infantaria e os carros, mostrando a sua *segurança immediata* e assignando-lhes os centros de resistencia que atraem a progressão.

4° — intervir eventualmente na batalha.

Apresenta-se, portanto, a missão:

Complexa, porque o avião deve coordenar informações e dar satisfação ao commando das tropas sobre numerosos pontos.

Perigosa, porque o avião deverá evoluir a pequena altura, na zona das trajetórias e sob o fogo das metralhadoras terrestres.

Capital, pela importancia das informações a transmittir e as consequências resultantes. A missão do avião de acompanhamento se resume em duas missões principais seguintes: *esclarecedor e agente de ligação*, e na missão secundaria *instrumento de combate*.

Justo é, portanto que se considere esta missão como a mais delicada e seja ella confiada,

nos momentos de crise, somente a equipagens confirmadas.

O observador que a desempenha, necessita conhecer completamente a situação: meios empregados, pormenores da operação, informações sobre o inimigo. Condição indispensavel para lhe permittir formar deducções, ligar certo detalhe insignificante na apparencia ao conjunto coordenado e d'ahi concluir indicações precisas e orientação segura.

As difficuldades de execução do conjunto das missões da aviação de observação, se apresentam variadas e progressivas: as missões com objectivos definidos são os mais facéis, constituindo o desenvolvimento de scenario previsto e regulado previamente, as de vigilância são mais delicadas e necessitam mais de treino, bom senso e espirito deductivo para discernir rapidamente a situação e intervir com rapidez e precisão. Ora, entre estas, as missões de acompanhamento merecem particular menção: preenches de imprevistos, vivendo no ambiente da batalha, exigem para o observador solidas qualidades: calma reflectida, golpe de vista e vontade tenaz.

O AVIÃO COMO ESCLARECEDOR — Em que quadro operará o avião de acompanhamento considerado como esclarecedor? Geralmente sobre a frente da divisão e suas investigações em profundidade terão por fim realizar a *segurança immediata das tropas*.

O regulamento não define a profundidade de tal zona de acção: convém, no entanto, estabelecer distincção nitida entre o avião de acompanhamento e o de segurança approximada que intervem contra os objectivos a cargo da artilharia divisionaria; o primeiro deve se limitar aos objectivos que constituam ameaça immediata e directa para a infantaria: contra ataques, canhões anti-carros, metralhadoras, centros de resistencia, ameaças estas que se apresentem ao alcance maximo e directo das metralhadoras, cerca de 2.000 metros, para dar um numero que fixe ideas a respeito.

Como se apresentam os objectivos que deverá vigiar?

Na zona activa em que as duas infantarias em contacto estreito, buscam se destruir, certamente os objectivos serão numerosos, mas cuidadosamente escondidos ou disfarçados e portanto difficéis de descobrir.

Por occasião do ataque, a infantaria parte de sua base e progride por lances de coberta em coberta, amoldando-se ao terreno. Em breve, não mais existem linhas geometricas, mas simplesmente uma dispersão de homens, formando grupamentos esparcos que apparecem e desaparecem confundidos com pó e a fumaça das explosões. Uma hora após o desencadeamento, a linha de ataque progrediu irregularmente e o objectivo fixado pode ter sido alcançado em certos pontos e não n'outros. O primeiro trabalho do avião de acompanhamento consistirá em precisar a situação exacta desta primeira linha em momentos determinados pelo commando.

Adstricto ao emprego dos seus meios, o observador descerá o necessario para ver estes elementos amolgados ao solo ou dissimulados atraz de obstaculos. A 400 ou 500 metros de altura poderá ver os homens e situar-os na carta.

Então, grave problema de consciencia se apresenta ao observador: assignalar a primeira linha. Serão os elementos vistos, os primeiros, nada mais haverá na sua frente? Sómente quando o observador se certificar de que está em face da linha mais avançada, é que deverá enviar a informação porque esta será explorada pela artilharia de apoio directo que, guardando a distancia de 250 metros como margem de segurança para os tiros de 75, moldará seus tiros de deter pela linha sinuosa desenhada pelo observador. Irá este expor aos tiros os elementos mais avançados?

E' então que o observador descerá ainda mais. Duvidas innumeradas sobre a occupação de varios pontos lhe ocorrerão. Assim uma fazenda, uma trincheira, tal sêbo, ou capoeira não conterão tropas amigas? Cada um destes pontos será verificado por vôo muito baixo, até 100 metros si possível e até o contacto com o inimigo, cuja descoberta se torna ainda mais difficil, sendo sua observação á vista uma excepção e sua situação é sempre feita por deducção: sobre o mamelão 2335, o observador, recebeu tiros de metralhadoras, etc. Sómente apóz tão penosa observação, delicada e perigosa é que o observador situa os pontos extremos attingidos pela primeira linha de ataque e transmite suas coordenadas por T.S.F. Vêm-se claramente as difficuldades que deverá superar o observador, a incerteza sobre a situação dos primeiros elementos e as consequências que podem resultar. A infantaria portanto, deverá concorrer para simplificar o trabalho do observador, balisando seus primeiros elementos.

Como fazer este balisamento?

A ordem de operações da divisão prescreve as horas de balisamento, fazendo-se, em geral, tres na jornada de ataque; o primeiro cerca de duas horas apóz o desencadear, o segundo ao meio dia e o terceiro á tarde.

O balisamento tem, portanto, por fim informar o commando, em horas determinadas, da situação exacta da primeira linha e é ordem formal dada pelo commandante da divisão que usa como intermediário e instrumento o avião.

O regulamento prevê tres modos de se executar o balisamento:

- 1.º — ao chegar sobre o objectivo;
- 2.º — por iniciativa da infantaria.
- 3.º — á pedido do avião.

Evidentemente o último processo é effizaz e deve ser de uso generalisado, porque o observador só estará em condições de receber ou perceber os signaes de terra quando pedir o balisamento. Apenas em casos particulares, excepções, a infantaria, sobrevoada por seu avião, depois de convenientemente identificado e desejosa de se lhe denunciar para pedir-lhe auxilio (por exemplo: para pedir o alongamento de tiros de artilharia que a estejam molestando) poderá balisar por sua iniciativa. O observador talvez perceba taes signaes, mas o processo é aleatorio, sendo o pedido previsto para os postos de commando de batalhão e de regimento, como se verá depois.

Para effectuar o pedido de balisamento, o observador chega cerca de 1/4 de hora antes do momento prescripto e reconhece o seu sector voando a 500 ou 600 metros de altura, emquanto

desperta a attenção da infantaria pelas flammulas características que tráz nas azas (1).

O observador, que conhece *approximadamente* a situação da primeira linha segue o combate e por deducção, precisa a situação ta quanto fôr possível. Para pedir o balisamento escolherá o *momento proprio*, o mais próximo possível da hora ordenada pelo commandante da divisão. Claro é que si, na hora prescripta infantaria se achar sob violento tiro de bodega, ou si progredir visivelmente, ou ainda sustentar combate a granada por exemplo, o observador esperará pela calma relativa que succede aos momentos de crise para pedir o balisamento.

Percorrendo a frente da divisão a 500 metros de altura e aquém da linha presumida, o observador soltará então o foguete combinado, que apresenta a ordem formal do commandante da divisão: "Onde estaes?" A tal signal, urge silenciosamente que os *infantes da primeira linha* denunciem sua presença agitando os painéis individuais, gesto que deve se tornar acto reflexivo na infantaria. Desse modo deve o infante abair ao painel individual, tanta importancia si quanto liga ao fuzil ou ás granadas. Deve informar o observador que o sobrevoa, um camarada si o votado cuja vontade unica consiste em apparecia-lo, facilitando-lhe a penosa missão.

Como devem balisar os infantes da primeira linha?

O foguetes do avião se dirigem exclusivamente aos *infantes da primeira linha*, isto é, á linha que sabem perfeitamente que entre ellas e o inimigo nada mais existe. Taes elementos avançados se aproveitam das cobertas, dos abrigos, dos taludes e dos buracos de obuz. Submettidos á fúria dos fogos de toda a natureza, esforçam-se instintivamente por se occultarem pois temem a observação aerea inimiga.

Assim, convém esclarecer os infantes sobre a sua situação exacta, mostrando-lhes que o bombardeio lançado entre os fracos inconvenientes e as enormes vantagens de se mostrar ao avião amigo, da linha, resulta sempre em seu favor.

E' humano emprestar ao inimigo possivelidades exageradas. A infantaria que soffre todas as necessidades numerosas, das quaes triumphar não é arraijado sentimento do dever e pelas solidas tradições mantidas, deve conhecer as possibilidades exactas do avião adversario, que a justiça teme.

O que já se viu neste particular, na primeira parte, deve ser transposto integralmente para o lado do inimigo, concluindo-se portanto que todos os aviões inimigos que sobrevoem a *linha de combate* acima de 1.000 metros, nas horas de verão e os que voarem mais baixo, soffrem as mesmas identicas difficuldades que atrapalham os aviões amigos no desvendar as tropas adversas.

Ora, quando se sobrevoa a linha de combate é grande a difficuldade em precisar qual a linha cuja localisação approximativa o observador conhece, mesmo quando a infantaria agita os painéis, pois que estes, se não houver especia-

(1) — Admittindo tres divisões empenhadas na mesma frente, o avião da divisão da direita ostentará a flammula na aza direita, o da esquerda na aza esquerda e o da do centro, das flammulas, uma em cada aza.

apresentam-se sujos, informes e com o terreno circumvizinho. Póde-se ar, portanto, que o avião inimigo voando e passando uma só vez sobre determinado não verá a tropa terrestre se ella agir da seguinte:

infante que deve balisar utilizando qual-quer cobertura que o esconda do inimigo (sebe, talude, orla de matto) ahí se deitará e verá o painel ao mesmo tempo que o vivo-cto é, o sacode para tornal-o movel em ao solo em que se projecta. O avião de anhumamento, voando aquem da linha da presumida, verá os signaes dos amigos, o serão vistos pelo avião inimigo.

ão se trata de facilitar unicamente a ta-ção avião, mas sobretudo de lhe dar infor-ção certa que immediatamente beneficiará a artilharia: o commando informado attenderá ás ordens da infantaria; a artilharia esclare-ecerá assegurar seu apoio indispensavel. Os paineis serão assim agitados até que o dâ o signal comprehendido.

segunda missão do avião esclarecedor é em realizar a segurança immediata da infantaria e dos carros. Com esse fim, vigia todos os objectivos que constituam ameaça immediata a infantaria: reuniões, contra-ataques, anti-carros, metralhadoras, etc.

eria evidentemente favoravel proporcionar a infantaria a permanencia de um avião para operações importantes e quando os meios o permitissem. Viu-se já, porém, que apenas tres dias no maximo e por dia poderão ser facultados á infantaria na frente de divisão. Segun- a natureza dos objectivos e a urgencia na-ção, o avião os assignalará de modo difi- cil: por meio da T. S. F. indicará á artilharia divisionaria as reuniões, as peças anti- as situadas a 1.500 ou 2.000 metros no in- das linhas inimigas e o agrupamento de-cto sobre ellas intervirá.

um contra ataque ameaçar qualquer ponto- nha amiga, uma mensagem lastrada aher- a unidade interessada, batalhão ou regi- . No decorrer da missão de acompanhamen- mensagem lastrada será o principal meio- transmissão, meio claro, preciso, a que se- scentarão um croquis, dirigido directamente-teressado e cuja eloquencia suprirá sem- ligeira demora de transmissão. Ou então, uso de urgencia, o avião "picará" na direc-ção objectivo lançando ao mesmo tempo um- te vermelho: ameaça de contra ataque na-ção que siga.

Os centros de resistencia e as metralhado- que entravarem a marcha do ataque, serão- naladas do mesmo modo. As peças anti- e as metralhadoras que se revelarem na- imidade da primeira linha, merecem men- especia, pois podem embaraçar seriamente- que e impõem intervenção immediata; além- o, o tempo morto necessario á transmissão- pedidos, poderia acarretar o desencadeamen- dos tiros da artilharia justamente quando já- necesarios e já a tropa amiga invadis- se a indicada. A dupla consideração exposta- termina a conducta a seguir pelo avião de- anhumamento que deve, neste caso, intervir- seu fogo sobre taes objectivos.

Quando a infantaria fôr embaraçada na progressão, deve apellar para o avião, assigna-lando-lhe a direcção que a embaraça. Para isto o posto de commando de batalhão usa do signal convencionado: "exclarecei-me nesta direcção". Outro processo mais rapido, preciso e explicito consiste em lançar varios foguetes de um unico fogo na direcção perigosa; os foguetes materia- lisam a direcção e chamam a attenção do avião para ella. Em ambos os casos a attenção do avião é despertada para um ponto preciso e será facil descobrir o objectivo.

O avião esclarecedor é portanto, ao mesmo tempo os olhos do commando e o anjo da guarda das tropas terrestres cuja segurança immidia- ta realisa.

Precisando a situação da tropa, o avião en- viará mensagens da forma seguinte:

A X	T P I	I F D	2342-3725
(indicativo da D. L.)	(Tropas inimigas)	(Infantaria desenvolvida)	(Coordena- das)
A X	T P A		3722-4387
(Indicações da D. L.)	(Tropas amigas)		(Coordenadas)

Quanto á segurança immediata, o avião as- signalará os objectivos por meio da T. S. F. ou mensagem lastrada, mas suas informações poderão ter caracter negativo, por exemplo, a mensagem lastrada:

"7 h. 45. Nada de inimigo visto no valle do Somme, entre Biaches e Maisonnette.

A região não parece occupada."

O facto do avião não ter visto inimigos, não quer dizer absolutamente que a zona esteja li- vre. O estudo das possibilidades esclareceu o assumpto perfeitamente.

O AVIÃO COMO AGENTE DE LIGAÇÃO

Sua missão principal consistirá em realizar a ligação artilharia-infantaria, sempre delicada e em transmittir ao commando os desejos e as necessidades da infantaria.

Aproveitando-se da faculdade de ver em conjunto a infantaria, o avião recolherá os pe- didos e os transmittirá instantaneamente á re- taguarda. Para isto entrará em ligação com os P. C. dos batalhões e regimentos, que deverão se mostrar por meio de seus paineis de identi- ficação. O facto de se expôr, num P. C., tal painel, significa: "Estou prompto para vos es- cutar ou para vos fallar". O annexo das trans- missões, simples e completo, permite communi- car ao avião, as necessidades e desejos dos P. C. "Ajuda-e-nos em tal direcção".

"A artilharia leve amiga atira sobre nós".

"Remuniciamento..."

Taes pedidos, traduzidos pelo avião, serão transmittidos immediatamente com o indicativo da divisão e recebidos pelos interessados (artil- haria divisionaria e pesada, etc.) que estão em escuta.

Nas condições actuaes das transmissões da infantaria, sómente o escalão regimento pos- sue T. S. F.

Ora, quando unidades de carros de combate forem postas à disposição da divisão, esta centralisará os carros de T. S. F. que collocados na altura dos P. C. de batalhão, funcionam como collectores de informações.

Estes carros munidos de postos de ondas continuas, fazem parte de rédes terrestres. Poderão, contudo, mediante comprimento de onda conveniente, receber as ondas amortecidas. Conviria então realisar a ligação batalhão-avião pelos carros, que, sendo protegidos, a assegurariam com mais facilidade:

Solo-avião pelos painéis do batalhão;

Avião-solo por meios de T. S. F. (recebendo as ondas amortecidas do avião).

CONCURSO INDISPENSÁVEL DAS DUAS ARMAS

Conhecedora, assim, a infantaria dos serviços que poderá receber de "seu avião" não se deverá deixar inactiva sob os golpes que a ferem. Esforçar-se-á por entrar em ligação com o avião, por fallar-lhe, por chamar-lhe a atenção e pedir-lhe auxilio. Para isto, urge que a infantaria esteja habituada a trabalhar com o avião, a reconhecer-o e identificar-o. Ainda perdura na memoria dos commandantes actuaes da infantaria a recordação d'essa acção commum, tão fructuosa durante a Grande Guerra, mas impõe-se dizer que agora o concurso das duas armas é muitas vezes abandonado, facto resultante das difficuldades do periodo de organização e de adaptação de após guerra.

A improvisação constitue solução phantastica e preguiçosa, sancionada ás vezes duramente quando submettida á prova do fogo. Convém, portanto, encarar as consequencias funestas de semelhante abandono, realisando a meu do os indispensaveis exercicios desde o tempo de paz. Nos campos, nos polygonos, tudo se desenvolve segundo programma sabiamente regulado e traçado, conhece-se o terreno, cream-se os observatorios e, deliberadamente, prescinde-se da observação aerea, *nada se lhe pedindo* como informação. Vem depois a guerra e então será forçoso pedir ao avião *quasi tudo*, queira-se ou não; é a dura realidade, que urge reconhecer antes de se ter de soffrel-a.

A principal fonte de informações para o commando é a aviação.

Quem realisará a segurança immediata da infantaria e acompanhará sua progressão? A aviação.

Quem verificará os tiros da artilharia? A aviação.

A solução é simples, mas exige applicação immediata.

E' capital attribuir á aviação, desde a paz, o papel obrigatorio que representará na guerra: *ver para as outras armas.*

Semelhante axioma fundamental apresenta importancia particular nas relações da infantaria e da aviação.

Si o infante não fôr treinado desde já em presenciar o avião sobrevôar acompanhando seus exercicios, si não lhe conhecer a silhueta, si nunca fallou ao avião ou balisou a seu pedido, os primeiros mezes da campanha serão de duras experiencias, tanto mais dolorosas porque facéis de evitar.

Cada unidade de commando das tropas infantaria deve possuir observadores esadados para identificar os aviões, avaliar a tura e recolher seus signaes. Taes observadores serão treinados no manuseio dos painéis de ligação e a conversar com o avião.

Os P. C. possuem os painéis de significação, unico meio de attrahir a atenção do avião. O codigo das ligações e transmissões per assignalar suas necessidades; a divisão ordenar o pedido de balisamento sobre a parte da sua zona (direita, esquerda, etc.). Os regimentos e batalhões poderão exprimir desejos e necessidades e o avião, bem como para os ver, fará o impossivel para satisfazer.

O concurso activo da infantaria é, por condição indispensavel para permittir ao utilizar no maximo suas possibilidades e. Em todos os escalões, a infantaria deve fazer exercicios com a aviação afim de que a ligação se torne acto reflexo. Tal concurso treito e fecundo das duas armas só será alcançado pelo conhecimento reciproco das posições, baseados na crença absoluta da importancia dos resultados que poderão ser obtidos.

Desde a paz, a infantaria deverá estar penetrada da necessidade de ligação com a lharía que lhe assegura o apoio de seus e no mesmo gráo estará capacitada do concurso indispensavel da aviação que constituirá o elemento os seus olhos, assignalando-lhe as buscas e acompanhando sua progressão. O papel do avião *esclarecedor*, bem como suppr as falhas dos meios de transmissão nos momentos de crise: é o papel do avião *agente de ligação*.

Em summa, é a educação das duas armas a realizar desde a paz. Manobra alguma, ou qualquer exercicio no campo, deverá realisar a ligação sem o concurso da aviação.

Para isto preciso se torna a existencia de campos de aterrissagem que permittam aos regimentos de aviação destacar um ou dois melhores. Estes exercicios em commum, repetidos com frequencia, apresentam a dupla vantagem:

a infantaria se habituará a ver os seus aliados identificar-os e a conversar com elles; a aviação poderá educar seus observadores e proporcionar á sua instrução theorica a que os torne indispensavel dos exercicios praticos.

Os commandantes da infantaria, depositarios de suas tradições e cheios da experiencia da Grande Guerra, devem tomar a peito a realisação de obra tão indispensavel, bastando a mobilidade que se lembrem do concurso que trouxe a aviação na ultima campanha.

Em compensação, importa que cada infante reconheça no observador o camarada de combate, compenetrado da importancia de sua missão, consciente dos serviços que poderá prestar e inteiramente devotado á consecução do fim: *ajudar o infante que soffre*.

Assim, de boa mente se lançará na batalha as trajetórias dos tiros de barragem e afillem-se-á em plena luz, alvo vivo, as metralhadoras inimigas, porque nos instantes criticos em que a vontade deve predominar sobre os nervos, mostra-lhe olhar para a infantaria cujo heroismo se revela a cada momento: de baixo, do chão, vem o exemplo e o conforto.

Afim de reviver as recordações que se es-
tendem e illustram o papel do avião de acom-
panhamento da infantaria, citar-se-ão alguns
exemplos, tirados de documentos officiaes, (bo-
nos do 1º exercito, em 1918, quando o Cmt.
audier commandava a esquadilha da 37ª D.
que bem mostram o que se poderá esperar
da cooperação infantaria-avição.

1º exercito do Q. G. A., 1º de Setembro de
1918.

Na offensiva do 1º exercito, de 8 de Ago-
sto a 1º de Setembro a acção da aviação em li-
ção com as tropas foi particularmente activa.
Havia-se ordenado que a aviação apoiasse
estavelmente por tiros de metralhadoras e lan-
çamento de granadas Brandt a acção da infan-
taria. Tal apoio foi regularmente proporcionado
ante cada dia da batalha, tendo-se manifesta-
do com realce no dia 8 de Agosto, para a toma-
da do bosque *Circulaire* e a 10 de Agosto so-
m os combolos inimigos em retirada na região
Roye.

TOMADA DO BOSQUE CIRCULAIRE PELOS ELEMENTOS DO 9º CORPO DE EXERCITO

No dia 8 de Agosto, ás 8 horas e 45, a cota
(sul do bosque de Genonville) estava occupa-
da pelos francezes. Os inimigos mantinham dois
elementos de trincheira, 5200 e 5203, submettidos
a tiro de um grupo de 75. O commando suppu-
nha a cota 95 ainda em poder dos adversarios,
e por isso os aviões assignalasses sua occupação
pelos francezes, cujos elementos haviam sido des-
truidos por tiros de metralhadoras vindos do bos-
que *Circulaire*, do bosque *Fresney* e das vertentes
oeste da cota 102.

O avião de infantaria da 15ª D. I. colo-
metralha com balas luminosas os occupantes
das trincheiras 5200 ou 5203 e as metralhadas
inimigas das vertentes oeste da cota 102.
Os francezes manifestamente impressionados com
os tiros, refluem sobre o bosque *Circulaire*.
A infantaria franceza que percebe o recuo, se-
gue (2ª Cia. do 2º P. I. colonial).

As baterias do 75 ignorando a progressão da
infantaria amiga continuam a atirar. O avião
vive por T. S. F. a divisão e por mensa-
gem lastrada uma bateria.

As tropas da cota 95 abandonam immidia-
tamente suas posições e regulam sua progressão
com os elementos avançados. O avião metra-
lha então de pequena altura os allemães do
bosque *Circulaire* e das circumvizinhanças. O
inimigo recua ainda e se esconde nos pomares
a oeste de Plessier. Os francezes se apo-
iam do bosque *Circulaire* sem combate e lá se
reorganizam. Elementos da 37ª D. I. se infil-
tram nos pomares do Plessier e desalojam os
allemães.

Elementos da 15ª D. I. parecem desconhe-
cer factos, o avião lhe indica a situação por
mensagem lastrada, fazendo com que a infan-
taria retomasse a progressão.

Pode-se affirmar ter sido pela intervenção
directa do avião e pelo emprego de suas men-
sagens lastradas que os francezes conseguiram
tomar o bosque *Circulaire*.

II — ATAQUES DOS COMBOIOS DA RE- GIÃO DE ROYE

A 10 de Agosto, ao meio dia, a aviação as-
signala grave desordem nas linhas inimigas en-
tre Roye e Villers les Roye. Rapidamente or-
dena-se a todas as esquadilhas disponiveis (seis)
metralhar os allemães, de baixa altura e lançar
granadas Brandt.

A 50 metros, estas esquadilhas executam
tres vôos successivos e provocam atravancamen-
tos nas ruas de Roye.

A 10 de Agosto, uma equipagem de aéro-
nautica do 10º corpo assignala a um esquadrão
de cavallaria que a villa de Marquelliers esta-
va desoccupada. Momentos apóz, vendo o esqua-
drão detido na sahida da villa a equipagem pro-
cura a causa e descobre a tras de uma sebe, cer-
ca de quinze adversarios. Em mensagem las-
trada precisando a situação e importancia do
destacamento inimigo, foi avisado o esquadrão.

Mais ao norte, descobrindo atiradores alle-
mães em retirada, a mesma equipagem os ata-
ca com metralhadoras e assignala o recuo á
infantaria que recomeça immediatamente o seu
avanco.

A 20 de Agosto, outra equipagem effectua-
ndo uma ligação de infantaria, surprehende re-
forços inimigos (cerca de 100 homens que se
dispunham para contra atacar na região de
Beuvraignes), os metralha e dispersa, annullan-
do a operação.

A 27 de Agosto, outra equipagem ataca com
metralhadoras alguns elementos inimigos e en-
via uma mensagem á infantaria assignalando-
lhe a situação e importancia do inimigo.

A intervenção directa na batalha foi muito
efficaz, mas tal operação quando emprehendida
na proximidade das linhas amigas, deve ser de-
sempenhada por equipagens que conheçam ca-
balmente a situação e com precisão o local ocu-
pado pelas tropas.

Deve, portanto, ser tarefa da aviação do
corpo de exercito (1), reservando-se para a
aviação de combate a intervenção sobre os ele-
mentos inimigos bastante afastados da frente
afim de evitar equivoocos funestos.

O Cmt. de Batalhão

Taes são, em rapido resumo, as possibili-
dades e o papel do avião de acompanhamento da
infantaria. As difficuldades a superar apresen-
tam-se numerosas e para obter pleno rendimento
é-lhe indispensavel a ajuda esclarecida da infan-
taria, convencida por sua vez do auxilio que po-
derá receber do avião.

A seguir, ver-se-á a conducta da infantaria
em relação á aviação inimiga.

1) Divisões para nós.

(continua)

~~~~~  
"As únicas faltas do commando que sem-  
pre merecem censura são: o esquecimento da  
missão recebida, a inacção e o temor da res-  
ponsabilidade". — (R. E. C. I. - 2ª Parte  
pag. 12).

# A lei do sorteio e os insubmissos

E' evidente que a actual Lei do Sorteio e o seu Regulamento não se enquadram bem dentro das condições especiaes de existencia do nosso Paiz. Dir-se-ia communmente á bocca pequena que o sorteio fracassou. E' um erro, revela um desanimo injustificado. Si houve fracasso, elle não deve ser attribuido ao sorteio, sim á Lei e seu Reg. que não levaram sufficientemente em conta todas as circumstancias variaveis que caracterisam a complexidade do assumpto num paiz vastissimo como é o nosso; onde a politicagem é mestra, a percentagem de analfabetos é formidavel, e as communicações são precarias; onde a educação civica do povo ainda é um mytho, e de modo quasi geral as tradições guerreiras não existem; onde portanto é quasi nullo o gosto ou a predisposição pelo serviço militar organizado. Em consequencia, todos sentimos a urgencia da modificação da Lei, mas tambem sentimos a possibilidade de collocar-a perfeitamente dentro de moldes adaptaveis ás condições especiaes a que alludimos inicialmente.

São de facto de tristeza certas impressões de quem aprecia de perto as cousas relativas ao serviço do sorteio. Procure-se por exemplo o Serviço de Justiça Militar e frequente-se amudadamente, digamos, as tres auditorias da 1ª Circumscripção Judiciaria. Os respectivos conselhos de Justiça compostos de officiaes, auditores, promotores e advogados, todos consciuos de seus deveres, integros, consciences, absolutamente devotados á causa da justiça, fazem-na, mas no que respeita ao assumpto, sentindo evidente prejuizo para a causa geral, porque na quasi totalidade dos casos são levados a absolver.

E' dos conselhos a culpa? absolutamente não; alguns até procuram interpretar de modo especial a situação creada, e condemnam na persuasão de que concorrem para corrigir as cousas, mas condemnam injustificadamente em face do Código Penal Militar. Em pura perda. A Lei e seu Reg. é que facilitam, permittem, facultam, sancionam o commettimento do crime, sem responsabilidades, sem onus para os infractores. Instituiram a notificação individual para os cidadãos sorteados. Essa notificação se faz communmente por intermedio da repartição do Correio que deve exigir do notificado um recibo por elle assignado e em seguida devolve tal recibo á Junta de onde proveio a notificação.

E' patente a difficuldade na execução de tal serviço e ahí reside o principal motivo ou causa das infracções; mas tambem é sabido que circumstancias multipas ainda mais a difficultam e complicam, favorecendo extraordinariamente o não cumprimento da Lei. Todos sabemos que as mudanças de domicilio, de localidade, ou transferencia de uma região para outra são communs. Nunca é encontrado em casa o cidadão a ser notificado, mesmo que eventualmente aconteça morar elle ainda na residencia indicada por occasião do alistamento, ou pelo registro civil (1). E quem garante que o recibo de notificação assignado, o tenha sido pelo proprio a ser notificado?

Em tudo isto o resultado é o seguinte: os insubmissos capturados ou os que se apre-

sentam voluntariamente, comparecem sempre barra dos tribunaes quer já de posse de um pré-sentença passada pelas proprias Juntas "não notificado"; quer pleiteando a falsidade da assignaturas constantes dos recibos de notificação, o que em summa vem a dar no caso anterior si persistir duvida sobre a sua authenticidade ou ficar provada a falsidade. Em face da doutrina do Art. 18 do Código Penal Militar que declara que as acções ou omissões contrarias á Lei penal commettidas sem o attributo de intenção, etc., não são passíveis de pena, não devem e não podem ser condemnados aquelles que, entre outras circumstancias favoraveis constantes dos autos, não revelaram a intenção de commetter o crime. E não podem ter a intenção de furtar-se ao cumprimento do serviço militar pelo sorteio, aquelles que não são notificados quando sorteados, como exige a Lei. Dir-se em abono desta, que o cidadão ao entrar na casa dos 21 annos tem estrieta obrigação de procurar informar-se por todos os meios e modos ao alcance, para conhecer o que com elle passa acerca do sorteio. Isto é certo, em regra para determinadas categorias de cidadãos, principalmente para os que habitam nas capitães nos centros mais ou menos importantes, populosos; mas considere-se o caso do interior despovoado, sem meios de communicações, e o pobre Jéca sem saber ler, morando a varias leguas da séde do conselho districtal!

E' preciso fazer intervir o conceito a que vimos de alludir, constituindo-o em principio de exigencia da Lei; mas que se o faça com discernimento, e na concomitancia de muitas outras exigencias. Faça-se intervir energica e obrigatoriamente a acção das autoridades municipaes districtaes em todo o Brasil; imponham-se penalidades insophismaveis para os infractores; agite-se e aproveite-se totalmente a imprensa em serviço da causa; torne-se o crime impronunciavel, etc., para que se tenha de futuro conselhos de justiça funcionando nos casos de insubmissão com mais garantias para integral instituição do sorteio nos seus propositos.

## A autoridade do Chefe

"Em qualquer situação a autoridade constitui o principal requisito para o Chefe. A frente das tropas torna-se ainda mais necessario do que qualquer outro logar; mas isso quando não se esteia sómente sobre os galões do mao datario. Se tal acontecer, se fôr o resultado de um constrangimento, não resistirá ante as terribes realidades da guerra.

Quando, ao contrario, sua origem e poder provém da propria *personalidade* daquelle a quem cabe commandar, é sufficiente para sagrar est como verdadeiro *conductor de homens*" (GEN. WEIGAND — LE MARECHAL FOCH).

# O Tiro da Artilharia de Costa

(TRADUÇÃO)

Pelo Cap. ARY L. M. DA SILVEIRA

(Continuação do n. 185)

## PARTE III

CAPITULO I: *Introdução.* — CAPITULO II: *Contrôle do fogo e Direcção do fogo em um Commando de Defesa de Costa.*

### CAPITULO I

#### *I n t r o d u ç ã o*

A "*Direcção do fogo*" é definida como o exercício, pelo commandante de uma bateria ou outra unidade de tiro, das funcções de commando necessarias para assegurar a justeza do tiro sobre um objectivo designado. E', portanto, principalmente, uma funcção dos commandantes de unidades de tiro.

Actualmente, nas operações de defesa de costa, a bateria é considerada a unidade normal de tiro, porém é provavel que futuros progressos tornarão o grupo a unidade normal do tiro.

Nas operações terrestres a bateria é a unidade normal, comquanto unidades maiores possam, ás vezes, ser empregadas.

Em combate os commandantes de unidades de tiro geralmente controlam a identificação de objectivos designados, a applicação dos methodos empregados para a determinação dos dados para o tiro e para a observação e regulação do tiro, e serviço das peças. Em alguns casos, quando atirámos contra objectivo móvel, a determinação da posição do objectivo e dos pontos de queda dos projecteis relativamente a esta posição, fica sob o "*contrôle*" dos altos commandos.

"*Contrôle do fogo*" é definido como o exercício das funcções de commando relativas á concentração e distribuição do fogo, inclusive o assignalamento e indicação dos objectivos. E', portanto, principalmente, uma funcção dos commandantes superiores da artilharia.

Em combate taes commandos superiores "*controlam*" o assignalamento dos objectivos, e o progresso da acção, bem como calibre e typo de armamento a empregar, a distribuição, intensidade e duração do fogo, e a quantidade de munição para ser gasta. Em alguns casos, em tiros contra objectivo móvel, os commandos superiores podem controlar a determinação da posição do objectivo e dos pontos de queda dos projecteis relativamente a esta posição.

A "*Installação de Contrôle do Fogo*" é definida como o material, depois de installação, que é empregado no contrôle do fogo, na direcção do fogo e no serviço de "*determinação de posição do objectivo*" (1) de uma unidade. O serviço de "*determinação de posição do objectivo*" comprehende o pessoal e material empregado para a determinação da posição dos objectivos móveis e dos pontos de queda dos projecteis em relação a esta posição. (2).

Nas partes precedentes deste texto as operações necessarias para deter-

(1) Serviço telemetrico. A expressão norte-americana empregada nos parece porém mais precisa. Com effeito, este serviço consiste em determinar não só a distancia como também a direcção do objectivo em relação á bateria, o que é conseguido pela determinação da posição do objectivo sobre a "*prancheta de levantamento*". N. do T.

(2) Actualmente para este fim ha uma secção a parte. N. do T. E' a secção de correcções pela observação dos tiros.

minar os dados para apontar as peças foram delineadas e foram dados detalhes de taes operações. Os detalhes do systema de contrôle do fogo e do "serviço de determinação de posição do objectivo" não foram, entretanto, dados. Estes detalhes são discutidos nos capitulos seguintes.

## CAPITULO II

### *Contrôle do Fogo e Direcção do Fogo em um Commando de Defesa de Costa*

Todos os meios de comunicação e determinação de posição (inclusive observação do tiro) são incluídos no "systema de contrôle do fogo", do commando de artilharia. O systema de illuminação (1) e o de informações são estreitamente ligados ao systema de contrôle do fogo, e as instalações por meio da qual certas partes destes dois systemas são postas em acção e controladas podem ser consideradas propriamente como uma parte da instalação de contrôle do fogo. Rigorosamente o systema de contrôle do fogo pertence tanto ao contrôle do fogo como á direcção do fogo; certos elementos pertencem sómente a um ou outro, e certos elementos são communs aos dois systemas.

Assim, o systema de contrôle do fogo comprehende todos os meios para a conducta do fogo e o material empregado no contrôle do fogo e na direcção do fogo.

O systema padrão para defesa dos portos consiste em uma inter-communicação telephonica entre as estações do commando do forte, do grupo e das minas, das baterias, e as camaras de levantamento, estações de observação, baterias, etc.; das campainhas de intervallos iguaes de tempo, nas estações do commandante da bateria, estações de observação e nas baterias; da zona de signaes, entre as camaras de levantamento e os paiões (2); systema de signaes de fogo (3) das estações do commandante de bateria aos fossos das baterias de morteiros; instrumentos e equipamento das estações meteorologicas, e todos os instrumentos e material para identificação, observação, e levantamento das posições dos objectivos e dos tiros.

A figura 1, que é de character geral, mostra tanto quanto possivel todas as comunicações approvadas em uso no systema padrão de contrôle do fogo.

As linhas telephonicas, empregadas para transmissão dos dados, são chamadas "linhas de leitura" e as outras, empregadas com outros fins, "linhas de entendimento". Todas as "linhas de leitura" são "linhas reservadas". Ha casos em que taes linhas são ligadas por duas ou mais linhas ás outras estações, porém em taes casos sómente dois dos instrumentos são empregados simultaneamente.

São accessorios do systema principal de contrôle de fogo: o systema de postos telephonicos, a estação radio da defesa de costa, os aparelhos especiaes de radio das unidades de artilharia e estações de signaes (4) do forte.

As estações principaes do systema de contrôle de fogo são ligadas ao systema de postos telephonicos e assim permitem que as "linhas de entendimento" sejam duplas, e que sejam obtidas comunicações, através do systema commercial, com as enormes áreas que elle abrange.

(1) Holophotes.

(2) Signaes relativos á munição, carga, etc., feitos por meio de lampadas de cores, campainhas, etc. N. do T.

(3) São duas campainhas do P. C. da b'ia: de sons diferentes correspondentes aos dois fossos da b'ia de morteiros e que avisam quando estes estão promptos para o tiro. N. do T.

(4) Disposto de bandeiras do Codigo Internacional de Signaes, de semaphoras etc. N. do T.

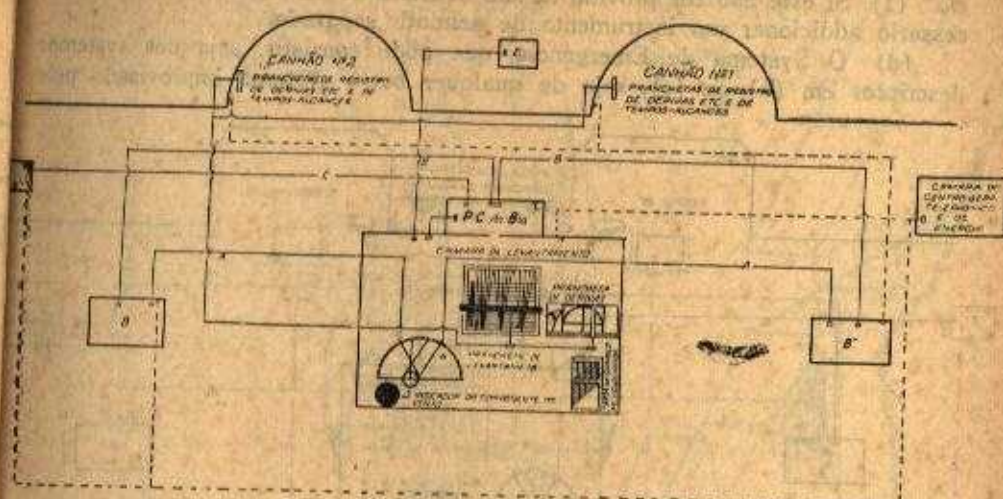


FIG. 2. — *Systema de Comunicações de uma Bta. de Costa (Canhões):*  
 — — — — — *Systema de Campanhas de Intervallos de Tempo.*

A e A' *Linha de Dados — Leitores aos Collocadores dos Braços da Prancheta — Levantamento.*

B e B' *Linha de Entendimento (P. C. aos Observadores B' e B'') Ligação paralela.*

C..... *Linha de Entendimento — Estação do Cmt. do Grupo á do Cmt. da Bta.*

Devido aos differentes methodos de direcção do fogo, e aos differentes tipos de equipamento para as differentes classes de armamento, é necessario ter muitas especies de installações padrões. A fig. 2 mostra o systema de comunicações para uma bateria de canhões do armamento primario e a fig. 3 para uma bateria de morteiros.

### SYSTEMA DE DETERMINAÇÃO DE POSIÇÃO (1)

Um "*systema de Determinação de Posição*" em uma defesa de porto consiste, presentemente, nos meios empregados em determinar o alcance e direcção de um objectivo em relação á posição da bateria ou ponto director.

Estão em uso os seguintes systemas de determinação de posição:

(a) *Systema de Base Horizontal*, que requer uma estação dotada de um instrumento para leitura de azimuths em cada extremo de uma linha base horizontal. Quando uma bateria, ou outra unidade, tem mais de uma linha base horizontal, essas outras (que existem além da linha base normal) são chamadas linhas bases auxiliares. As linhas bases auxiliares são obtidas, algumas vezes, usando-se o instrumento de observação da estação do commandante de bateria em conexão com o instrumento existente em cada extremo da linha base normal. Uma linha base que abrange uma área que a linha base normal não póde abranger, é conhecida como uma linha base suplementar.

(b) *O Systema de Base Vertical*, que requer uma unica estação dotada de um "*determinador de posição de depressão*" (2).

(c) *O Systema de Determinação do Alcance de Coincendencia*, que requer uma unica estação dotada de um "*determinador de alcance de coinciden-*

(1) *Systema telemetrico. N. do T.*

(2) *Telemetro de depressão, doptado de goniometro. N. do T.*

cia" (1). Si este não fôr provido de um artifício de leitura de azimuth é necessário addicionar um instrumento de azimuth separado.

(d) O Systema de Emergencia, que pode consistir, seja dos systemas descriptos em (b) ou (c), seja de qualquer outro systema improvisado pelo

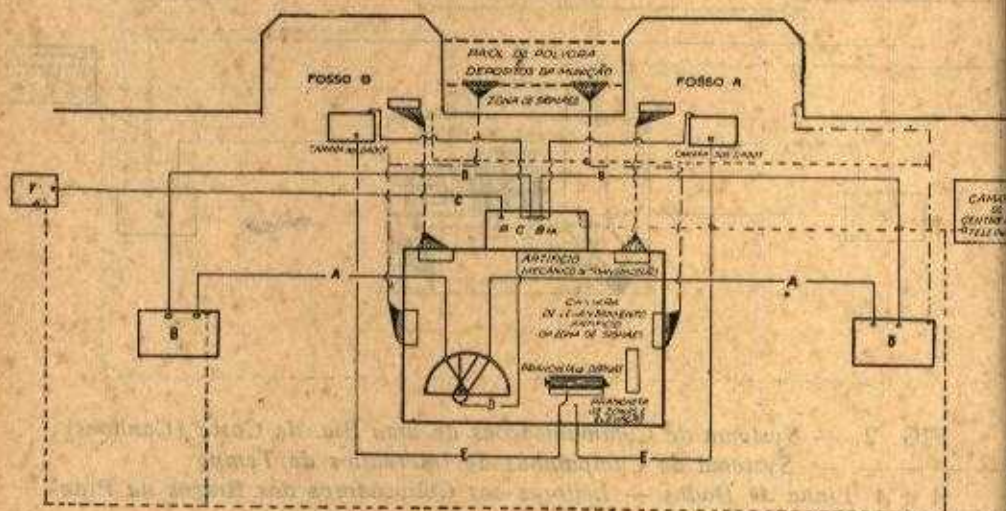


Fig. 3. — . . . . . Systema de Intervalo de Tempo.

— . . . . . Systema da Zona de sinais aos Paíões.

— . . . . . Artifício de Transmissão Mecânica.

— . . . . . Circuito do Signal "Fogo".

A e A' Linha dos Dados — Leitores aos Collocadores de Braços.

B e B' Linha de Entendimento — P. C. a B' e a B'' (Ligações paralelas).

C — . . . . . Linha de entendimento — Cmt. do Grupo á Estação do Cmt. da Bia.

D — . . . . . Linha de Dados — N. 1 ao Registrador na Estação do Cmt. da Bia. (Phone ou tubo acustico).

E E' Linha de Dados — N. 4 ds Camaras de Dados nos Fossos A e B.

commandante da bateria. E' estabelecido para ser usado no caso de falhar o systema normal.

O systema presentemente normal, para o armamento primario, é o systema de base horizontal, excepto quando forem utilisaveis posições extremamente altas. No ultimo caso pôde ser o normal o systema de base vertical.

O normal para o armamento secundario é o systema de determinação de alcance de coincidência, o systema de base horizontal, ou o systema de base vertical, depende da installação utilisavel e da importancia do armamento.

## SYSTEMA DE BASE HORIZONTAL

### Descripção geral

Neste systema é medida uma linha base de um ou muitos milhares de jardas (2) com grande exactidão, e um instrumento para leitura de azimuths é collocado em cada extremo. E' installado um systema telephonico ligando cada estação do extremo da base ao commando da unidade e á camara de levantamento.

(1) Telemetro de coincidência. N. do T.

(2) Jarda = 0m,9143 N. do T.



Fig. 4

As estações dos extremos da base são designados por "*primaria*" e por "*secundaria*" (B' e B'') e são estabelecidas estações addicionaes B''', B''', etc. para constituirem linhas bases auxiliares ou supplementares, quando uma linha base é extendida para o serviço da mesma unidade.

A posição do objectivo é achada por meio de triangulação. Os azimuths do objectivo, determinados das duas estações dos extremos da base, são lidos no mesmo instante e telephonados para a "*camara de levantamento*". Ahi a posição do objectivo é marcada na prancheta de levantamento e o alcance e direcção do objectivo, em relação á bateria ou ponto director, são determinados graphicamente. Estão em evolução meios mecanicos de calculos que talvez possam a vir substituir as pranchetas graphicas de levantamento (1).

Vê-se na fig. 4 uma disposição das estações illustrando um typo de systema de base horizontal para uma bateria, e na fig. 5 vê-se a relação entre uma prancheta de levantamento e area que ella abrange.

### OPERAÇÕES NAS ESTAÇÕES EXTREMAS DA BASE

O Commandante de bateria designa um objectivo aos "*observadores*", nas estações extremas da base, por meio da linha de entendimento que é uma linha particular ligando a estação do commandante de bateria com as estações de observação. Cada observador ouve por meio de um phone especial, suspenso sobre sua cabeça, e assim suas mãos ficam livres. Cada observador identifica o objectivo de accordo com os commandos dados, e leva o fio vertical do reticulo do instrumento respectivo de observação sobre o ponto de observação do objectivo. O fio vertical do reticulo é mantido sobre este ponto até a 3ª vibração da campainha de intervallos iguaes de tempo, e então o instrumento é parado durante o tempo bastante para permittir ao "*leitor*" ler e transmittir o azimuth do objectivo, neste instante, para a "*camara de levantamento*", por meio da "*linha de leituras*".

As Campainhas de Intervallos de Tempo para todas as baterias e estações de um commando de forte são accionadas pelo mesmo artificio electrico de tempo e todas, ou certo numero, podem ser vibradas unisonas. As campainhas dão de 30 em 30 segundos, ou com outro intervallo de tempo, tres pancadas com um segundo de intervallo entre estas. As duas primeiras pancadas são para chamar a attenção e na terceira é que as leituras são feitas.

Cada leitor tem um phone suspenso na cabeça, ligado por uma linha separada de dados (linha de leituras) á camara de levantamento.

A figura 6 mostra o equipamento normal e seu arranjo na estação primaria. O desenho não está em escala. A estação secundaria dispõe do mesmo equipamento excepto binoculo de campainha.

Usualmente a "*estação do commandante da bia.*" é equipada seja com um instrumento para medidas de azimuths seja com um telemetro de depressão; normalmente com um instrumento de azimuth. No caso em que esta estação é utilizada como uma estação extrema da base de um systema auxiliar, o instrumento de observação é usado exactamente como um instrumento de observação do extremo da base; e os dados irão para a "*camara de levanta-*

(1) Até a presente data continuam a serem usadas pranchetas na Artilharia de Costa norte-americana, quer as de levantamento quer as de predicção. Crelo que será difficil o emprego de um processo mais rigoroso porque o traçado da derrota do objectivo na prancheta de levantamento, ou as curvas de tempo e alcance, ou tempo e azimuth, na prancheta de predicção, exigem, a cada momento a intervenção intelligente do operador, o que os processos mecanicos difficilmente poderão levar em conta.

O proprio systema italiano Braccialini exige um artificio de predicção para ser um systema expedito. N. do T.

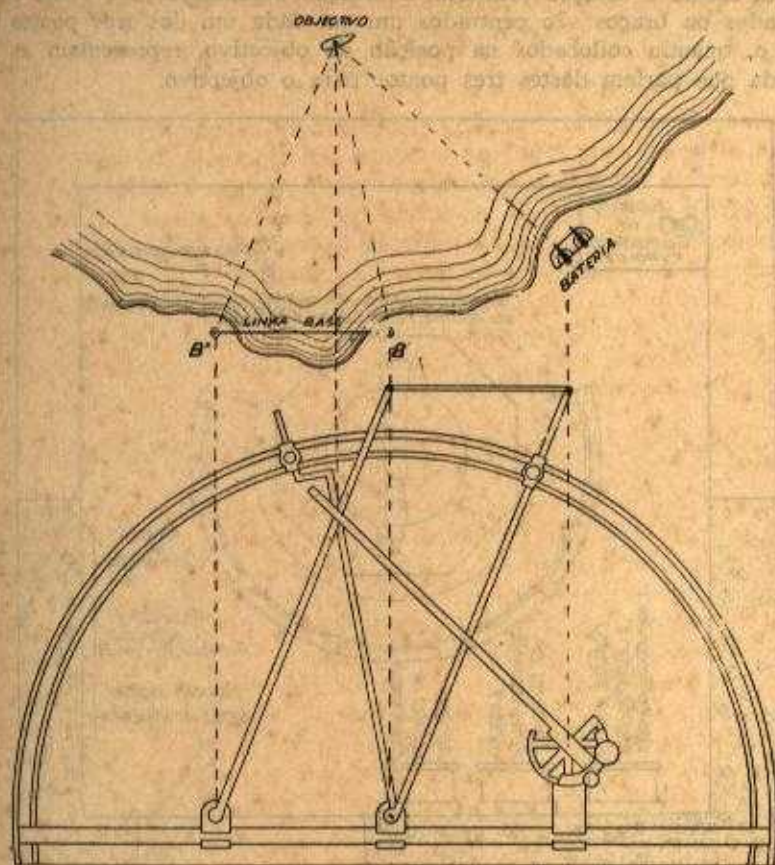


Fig. 5

tamento", á voz ou por tubo acustico, quando esta estação é adjacente á camara de levantamento, ou por telephone quando della distar.

A figura 7 mostra o equipamento normal e seu arranjo numa estação de commandante de bateria. O desenho não está em escala.

### PRANCHETA DE LEVANTAMENTO

Os dados providos de cada estação extrema da base são enviados para a "camara de levantamento", e ahí elles são applicados na "prancheta de levantamento".

Ha tres typos de pranchetas de levantamento em uso (1). A mais commodamente empregada é a prancheta de  $180^\circ$ ; os outros typos são as de  $360^\circ$  e de  $110^\circ$ .

A figura 8 mostra um diagramma da prancheta de levantamento Whistler-Hearn, modelo 1904 ( $180^\circ$ ). Esta prancheta é uma prancheta de desenho semi-circular, tendo certos dispositivos especiaes, e sobre a qual estão locali-

(1) Actualmente existem outros modelos mais aperfeçoados cujo principio é o mesmo. Ver relatório annual, de 1927, do Chefe de Artilharia de Costa norte-americana (Coast Artillery Journal — December 1927). N. do T.

O typo mais moderno é a Cloke. E' adaptavel a quaesquer posições relativas dos extremos da linha base e ponto director. Seria muito conveniente a aquisição de algumas para as nossas baterias de costa. N. do T.

sados em escala a estação primaria, a estação secundaria, e o ponto director. As alidades ou braços são centrados um em cada um dos tres pontos acitados e, quando collocados na posição do objectivo, representam as linhas de visada que partem destes tres pontos para o objectivo.

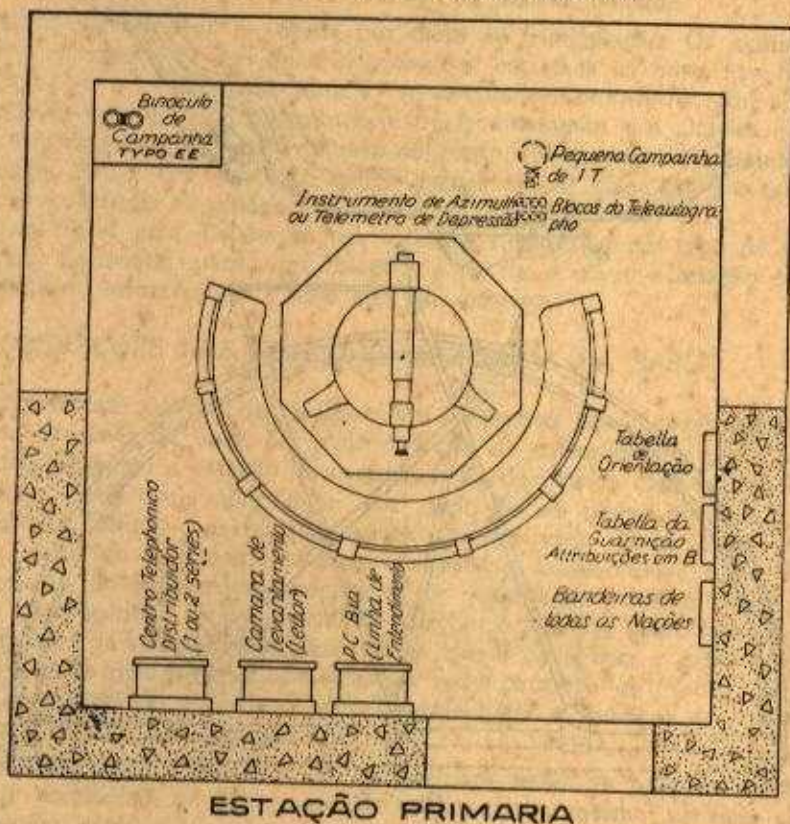


Fig. 6

O Ponto Director de uma bateria é um ponto proximo ou na bateria para o qual a posição do objectivo é "relocada" (1); pôde ser o centro de rotação de uma das peças, e neste caso esta peça será denominada "peça directriz".

A escala da prancheta de levantamento usual é de 300 (2) ou 400 jardas por pollegada.

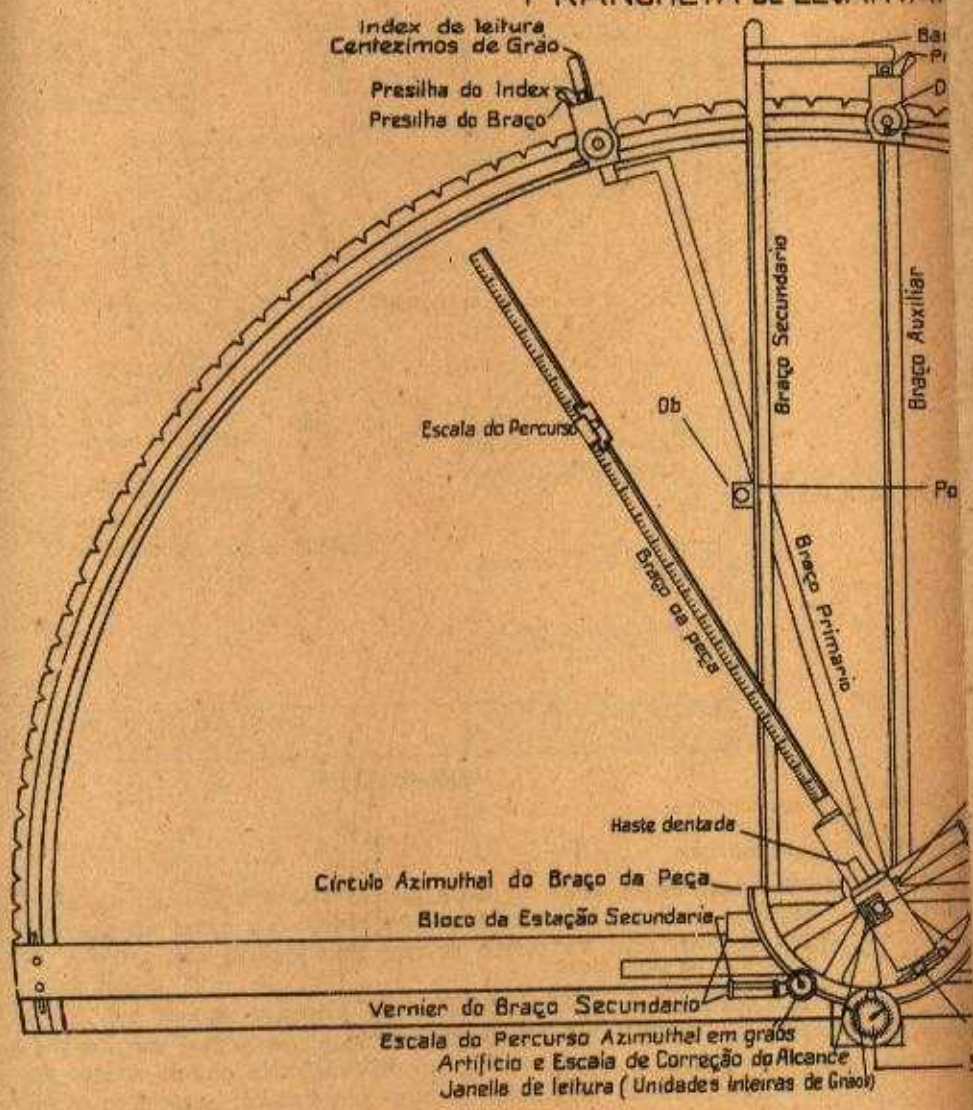
Os braços, primario e secundario, são collocados no azimuth proprio por meio de um circulo azimuthal, que está ao redor da borda semi-circular da prancheta, e das caixas-index ligadas aos braços. O circulo azimuthal tem na sua borda externa entalhes para a collocação dos braços em unidades inteiras.

(1) Isto é, determina-se a direcção e a distancia do objectivo em relação a esse ponto director. N. do T.

(2) Cerca de  $\frac{1}{10971}$ ; podemos empregar com vantagem uma escala de  $\frac{1}{10000}$ , na qual poderemos medir distancia com approximação de 10 m. (na escala de 1mm.). Na Fortaleza de Santa Cruz empregamos, desde 1925, uma prancheta de  $\frac{1}{10000}$  com muito proveito, e em 1928 o Exmo Sr. General L. de Castro teve a oportunidade de assistir a applicação da mesma em tiro real ali realizado. N. do T.

direc  
ao  
lin

# PRANCHETA DE LEVANTAMENTO



NTO

de Ligação  
ilha do Index

Index  
Botão do Index

Circulo Azimuthal

to do Objectivo

esilha do Braço da Peça

Eixo Vertical de Rotação

Artificio de Correção do Azimuth

Lingueta

Linha Base  
Vernier

Braço da Linha Base

Micrometro

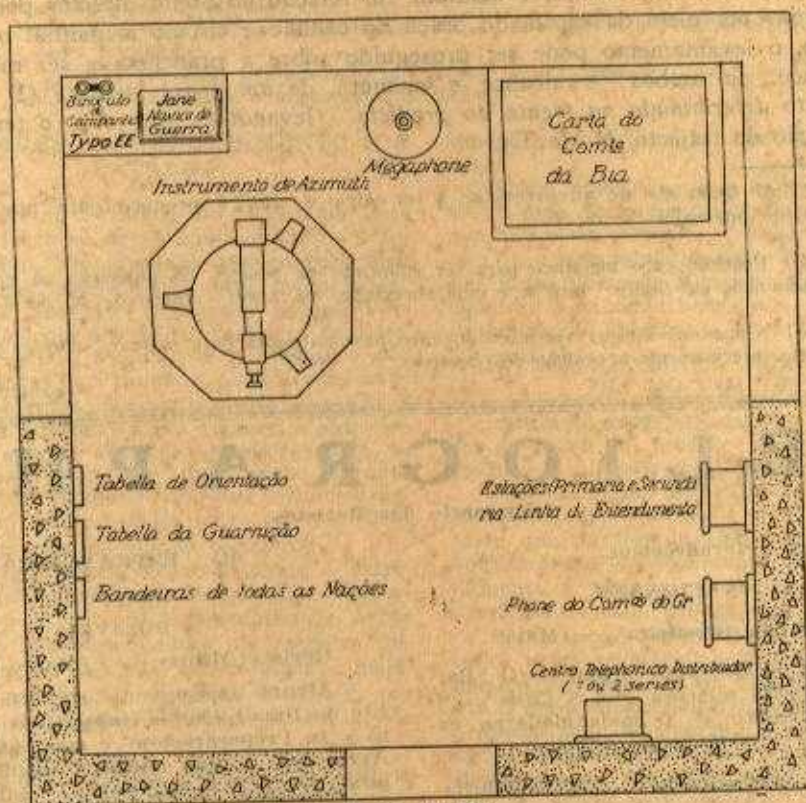
afuso

escala de Azimuth do Braço da peça

ras de grãos, e os centesimos de grãos são registrados por meio das caixas-index. Um braço secundario auxiliar, com centro na posição da estação primaria e que dispõe de uma caixa-index, permite o emprego do mesmo circulo azimuthal para os braços, primario e secundario.

Os braços, primario e secundario, são ligados aos "blócos das estações" os quaes, por sua vez, são encaixados no "braço da linha de base".

O braço da linha base é ajustavel, e por meio de um vernier do braço da linha base, podem ser registradas as fracções decimaes do grão, necessarias para que possa ser lida a verdadeira orientação, enquanto que os valores das unidades inteiras de grãos são obtidos por meio do circulo azimu-



P. C. da Bia

Fig. 7

thal. O braço do canhão é ajustavel por meio de duas corredeiras: uma que desloca o centro do braço do canhão em uma direcção parallel a ao braço da linha base, e outra que desloca este mesmo centro em uma direcção perpendicular a este braço.

Cada um dos braços, primario, secundario, e braço do canhão, tem uma escala graduada em jardas ao longo de um dos lados. Ligada ao braço do canhão (1) está o circulo azimuthal do braço do canhão, o qual acciona ponteiros sobre o quadrante indicador e sobre o quadrante de um sub-mostrador do braço do canhão, sempre que o braço do canhão for movido segundo os azimuths. Estes mostradores são usados para determinação do azimuth do objectivo em relação ao ponto director, e variação angular da posição do objectivo entre duas posições locadas.

(1) Numa das extremidades: a extremidade opposta ao grande circulo azimuthal. N. do T.

Depois da terceira pancada da campainha (1) de intervallos iguaes e tempo, os "collocadores dos braços" obtêm, das estações de observação, seus azimuths do objectivo naquella instante; o "*collocador do braço primario*" obtêm o azimuth do leitor da estação primaria, o "*collocador do braço secundario*" obtêm do leitor da estação secundaria. Os operadores dos braços collocam os braços nos grãos e centezimos, conforme transmittidos, e com o fim de demonstrarem que a operação está prompta dirão: "*collocado!*". O "cheefe levantador" então leva o "ob" (2) para a intersecção dos braços, primario secundario, e faz pressão na ponta daquella peça (3), fazendo assim um pequeno furo no papel que cobre a prancheta. A posição do objectivo está então determinada e seu alcance e azimuth em relação ao ponto director podem ser medidos por meio da escala do braço do canhão e circulo azimuthal ou, além disso, o levantamento pode ser proseguido sobre a prancheta e ser medido o alcance, ou ambos: o alcance e azimuth, de um ponto predicto (P. P.) o "*ponto determinado na frente do predicto*" (levando-se em conta o tempo de duração do trajecto. N. do T.).

(1) As duas são de advertencia; a terceira é que é precisamente no fim do começo do intervalo. N. do T.

(2) Pequeno cubo metallico para ser collocado na posição do objectivo na prancheta. E denominado em inglês "targ": é uma abreviação de target (objectivo) N. do T.

(3) Numa das arestas verticaes do cubo ha uma ponta para marcar, sobre o papel da prancheta, precisamente a posição do objectivo. N. do T.

(continúa).

# BIBLIOGRAPHY

Summario das Revistas.

Recebemos e agradecemos:

## A) NACIONALES

*Idga Maritima Brasileira* — (Malo).

Um pouco de assumpto militar — O "Barroso" e as nossas relações com o Chile — O submarino brasileiro — O mais moderno navio aereo — O desarmamento naval.

*Revista de Intendencia* — (Março-Abril).

Pensões de officiaes do Exército — O Exército e a educação nacional — Lições de administração militar — A concorrência permanente administrativa e o regimen das massas.

*Nossa Revista* — (Março-Abril).

Assumpo de Chimica-Physica — Assumpo de physica moderna — Alguns dados sobre a theoria atomica actual — A casa dos inconfidentes — Plano de viação ferrea no E. M. G.

*Moeda e Credito* — (Malo-Junho).

A gasolina brasileira no mercado nacional — A situação economico-financeira da Colombia — Estatística de vehiculos — O effectivo mundial de automoveis — A situação dos paizes da America Latina — A industria hervaiteira argentina — Actualidade colombiana.

## B) ESTRANGEIRAS

America

BOLIVIA

*Revista Militar* — (Março-Abril).

Alguns aspectos da organização do Exército do Brasil (Notas transcriptas de "La Preparacion" e mandadas de Ayres pelo addido militar hespanhol no pital) — Bolivia-Paraguay — Substituição dos tubos reductores pelo fuzil regulamento do pelo Tenente de Artilharia americana chael Smith que imaginou a adaptação do fuzil sobre o tubo alma de um canhão de calibre para os exercicios de tiro) — São as Missões de Propaganda da Fé deve ser a acção do Governo sobre ellas

CHILE

*Memorial del Ejercito de Chile* — (Março-Abril).

Dotação de armas automaticas — A valleria evolue — Officiaes observados no Serviço Aereo — O Serviço de Saude — Divisão em Campanha — Notas sobre o emprego de munição de artilharia.

COLOMBIA

*Revista Militar del Ejercito* — (Junho).

Medida tomada para impedir o uso de civis dos distinctivos militares — emprego do canhão de 75 como acompanhamento.

# RECORDAÇÕES DO MARECHAL PE-TAIN SOBRE A BATALHA DE VERDUN

TRAD. DA "ILLUSTRATION" PELO TEN. SEGADAS VIANNA

I

Nota da Redacção — Em seus números de Novembro e Dezembro do anno findo, l'illustration publicou sobre o titulo acima tres interessantes artigos documentados que nos dão exacta physionomia da gigantesca batalha, vista da posição do General que então commandava o II Exercito. Estes artigos merecem ser lidos por todos nós não só para satisfazer-nos a curiosidade, ainda hoje despertada por essa unica palavra VERDUN, como para ahi colher valiosos ensinamentos de ordem tacticos, estrategicos e moraes.

Para isso pedimos a um dos nossos collaboradores o Tenente SEGADAS VIANNA para traduzil-o.

Em seguida, pretendemos estampar a physionomia, vista do allemão, da parte do Chefe atacante o kromprinz Wilhelm.

## ELIMINARES DO ENGAJAMENTO DA BATALHA

No dia 21 de Fevereiro de 1916 uma tempestade de ferro se desencadeia sobre as defesas de Verdun. Os allemães atacam com uma encia e uma violencia até então inegualadas. francezes acceitam o desafio, porque Verdun não é sómente a grande fortaleza do Este, tinhada a barrar o caminho á invasão, e sim entrada moral da França. A onda allemã submerge em seguida nossas posições avançadas, nós não tardamos a nos refazer, e sós, conseguimos conter o formidavel esforço que os mões renovaram sem interrupção durante tres meses. A região de Verdun tornou-se ao campo de um duello entre os dois primeiros adversarios do campo occidental.

A evocação desses acontecimentos é extremamente emocionante para aquelle que supporta em grande parte a responsabilidade de agir; é o que testemunham de maneira imponente, as palavras generosamente inspiadas, que me dirigia o general Pershing, por ocasião de sua visita a Douamont, em 21 de Junho ultimo:

"...O horror da tragedia que aqui se desenrolou acaba de me surgir novamente, e toda exaltação da victoria desapareceu diante da minha compaixão pelas victimas sacrificadas. Sua paciente coragem, sua vontade inquebrantavel de percorrer sem desanimo o largo e doloroso caminho do martyrio que tinham accedido, foram exaltados em termos mais apreciados do que aquelles que jamais poderiam ser encontrados por mim. Mas, a dôr daquelle que mandava esses homens foi frequentemente eclipsada dos que commentam tão grande batalha. Frequentemente tive a sensação, quando estavamos juntos, de que podia ler vosso pensamento e seguir vosso espirito passando em revolução os dias e as semanas de vossas pelejas sobre este terreno, quando a sorte de vosso paiz estava na balança... Sómente aquelles que com a solicitude de vosso coração podem medir o fardo das agonias que elle supportou!

Nenhum de vossos soldados não cahiu sem seu Chefe não lhe sentisse seus ferimentos, mascara impassivel que esconde vossos sen-

timentos cobriu uma dôr constante e sem igual...

Como velho amigo e camarada de combate... meu pensamento caminha para aquelles que não mais voltaram e, como vós, penso nelles com uma compaixão infinita".

Estas palavras figuram entre as mais verdadeiras e as mais bellas que têm sido ditas a proposito de Verdun.

## A SITUAÇÃO GERAL DOS BELLIGERENTES NO FIM DE 1915

Antes de expor as intenções do alto commando, no inicio de inverno de 1915-16, vejamos qual era a situação geral das forças em presença.

Os trabalhos historicos francezes, segundo calculos extremamente conscienciosos, affirmam que no fim de 1915 os dois partidos se equilibravam sensivelmente tendo approximadamente 6 milhões de homens presentes nos exercitos de cada coligação.

Os homens disponiveis nos depositos do interior eram principalmente numerosos na Alemanha, na Russia e na Inglaterra. A Austria e a França tinham soffrido pesadas provas no primeiro anno de guerra. A Italia e a Turquia não dispunham sino de effectivos apenas sufficientes para alimentar suas respectivas frentes. A Servia se encontrava momentaneamente fóra de causa.

Toda possibilidade de ruptura de equilibrio a contar para o inicio de 1916, residia principalmente na riqueza dos depositos e na potencia dos materiaes de combate. A vantagem pertencia claramente á Alemanha, que contava no interior mais ou menos 1.500.000 homens instruidos, e cujas usinas de guerra trabalhavam em pleno rendimento, graças ás sabias medidas de mobilisação que ella havia tomado desde ha muito tempo. A França, a Inglaterra e a Russia não se achavam em estado de compensar esta superioridade.

Na Russia, havia muito a fazer para melhorar a organização das tropas e completar seu armamento. Na Inglaterra, já se decidira até o dia 27 de Janeiro de 1916 a votação do "Military Service Act", que imporia o serviço obrigatorio a todos os celibatarios, e devia se esperar muitos meses para distribuir os diversos materiaes que a industria tinha posto em obra.

A França soffria de vêr seus effectivos empobrecidos por quinze mezes duma lucta da qual ella supportava a carga mais pesada sobre o "front" occidental; ella estava insufficientemente apparelhada em consequencia dos attrazos e das difficuldades de sua mobilisação industrial; ella devia, como sobre-carga, fornecer armas e munições a certos de seus alliados e se encontrava, por esses motivos, em situação de real inferioridade em relação á Allemanha.

Nós pensavamos que ella procuraria explorar o mais cedo possivel essas vantagens, mas, onde supporiamos que ella produziria seu esforço?

A Leste? Não era indicado. Sem duvida os russos offereciam uma presa tentadora desde o seu recuo até o meridiano de Riga. Mas elles conservavam sempre para si o tempo e a distancia.

Podia-se esperar em ve-los renovar o estratagemas que tanto lhes aproveitou em 1812, e evitar pela retirada as luctas decisivas, para ameaçar em seguida as linhas de comunicação de seus assaltantes.

No Sudoeste? Nenhum objectivo serio ahi se apresentava; a Servia tinha desaparecido da lica por algum tempo, a Rumania e a Grecia não manifestavam até então nenhuma hostilidade aos Imperios Centraes, e os Franco-Britannicos hesitavam em concentrar seus meios nos Dardanellos, em Salonica ou no Egypto.

No Sul? A Allemanha não queria tomar a sobrecarga de uma nova collaboraço com o exercito austro-hungaro, já tão pesado para conduzir, e que era sufficiente para conter a Italia sobre um theatro de operações considerado momentaneamente como secundario.

A Oeste? Sim, é ahi que os allemães deviam agir. Assim elles impediriam a França de se reerguer de suas terriveis perdas do inicio, e tirariam a coragem da Inglaterra de se lançar com todo o corpo na guerra.

O alto commando adverso procuraria nos abater por violentas offensivas sobre nosso "front".

Elle attenderia o imperio britannico e nós mesmos, pelo desenvolvimento da guerra submarina sob todas as formas e com toda a intensidade. Elle teria, para esse duplo fim, dois objectivos relativamente proximos: Paris, no coração da França; as bases de Calais, que constituam a solda franco-inglesa.

Os grandes alliados de oeste esperavam ser atacados em 1916, mas sua attenção se voltava principalmente sobre os caminhos da região de Flandres e sobre a região parisiense, e pois nas proximidades dessas estradas que elles se inclinam a manter o centro de gravidade de suas forças.

\* \* \*

#### SITUAÇÃO DETALHADA NA FRENTE OCCIDENTAL E PLANOS DA FRANÇA E DE SEUS ALLIADOS NO INICIO DO INVERNO DE 1915-1916

Nossa coligaço havia resolvido não se collocar sob a acção do desenrolar dos acontecimentos. Prevendo que seria assaltada, procurava tomar a dianteira.

Seria possivel? — Era duvidoso, como que acabámos de vêr... E' na verdade prehendente, si procedermos a um exame lhado sobre a situação da frente occidental quella occasião, que o general Joffre conservado a esperanza de impôr sua vontade ao adversario!

Do mar do Norte á fronteira suissa, a te se decompunha com effecto em dois se nitidamente differentes. Torna-se necessario crer a situação geral, porque a batalha de Verdun ficaria incomprehensivel para quem tomasse em conta os encargos que cabiam ao exercito francez no inicio de 1916.

Entre Nieuport e as visinhanças de Péronne, sobre o Somme, o sector anglo-tendo um desenvolvimento approximado de 200 kilometros, contava 39 divisões britannicas e seis belgas. A estas 45 divisões, escalonadas em profundidade, os allemães oppunham um unico dispositivo linear de 30 divisões, que podiam ser eventualmente soccorridas por 2 divisões proximas, em reserva.

Entretanto, nossos alliados consideravam que sua superioridade numerica não era garantia sufficiente de segurança.

Elles não se sentiam ainda sufficiente organisados e instruidos para resistirem antes aos assaltos que lhes fizessem lembrar de Ypres e do Yser... Eramos assim, obrigados a auxiliar fortemente esse sector, mantendo divisões francezas relativamente numerosas (das quaes 2 em linha) na zona de Ypres e 14 divisões (sendo 9 em linha) na zona de Namur.

Entre o Somme e a Suissa, dispunhamos de um exercito francez ou sejam 87 divisões.

Qual era sua missão? Assegurar a inviolabilidade deste immenso sector francez tendendo-se por mais de 500 kilometros; e se prompto para reforçar o sector anglo-tendo em caso de necessidade premente; e explorar a occasião favoravel para libertar uma parte dos territorios invadidos da Belgica e da França.

Obrigações multiplas e complexas, que exigiam a manutenção em reserva geral de um grande numero de unidades promptas a actuar em caminhos ou em estradas de ferro. Com effecto, em consequencia da forma do terreno, nossos transportes por linhas exteriores circumdantes, deviam ser sempre mais lentos que os dos allemães, effectuados por linhas interiores, e, tornava-se necessario remediar a inconveniente pela rapidez das operações de transporte. Por esses motivos, nosso Grande Quartel General conservava disponiveis na retaguarda do sector francez 29 divisões, no fim do anno de 1915, e não podia attribuir á guarda das linhas 58 divisões, desde o Somme até a Suissa.

Os allemães collocavam, em face a cada sector, um numero equivalente de divisões, e tinham 87 das quaes 7 ou 8 em movimento na frente oriental para a frente occidental, por causa das grandes facilidades de suas marchas, elles não experimentavam, como a necessidade de conservar muitas unidades em reserva geral. Limitavam o numero das divisões a 17 mais ou menos e mantinham 70 divisões em linha, deante das 58 francezas.

[illegible]

Estavamos assim, sempre em inferioridade as acções locais que o inimigo não cessava deprehender contra nós.

Lembrei-nos enfim de que a artilharia não estava disponível sobre a nossa, de uma superioridade que se pôde chamar de esmagadora, com um armamento pesado e muito pesado de artilharia rápida, abundantemente providas de projectis explosivos e de bombas tóxicas de efeitos numerosos. Nossa artilharia pesada compreendia unicamente algumas baterias Rinvallho e os outros canhões Bange retirados das praças fortes, com um aprovisionamento de munições insufficiente; as peças modernas de Saint-Chamond e Creusot começavam apenas a surgir, e essas usinas chimicas, tardiamente iniciadas, não nos permittiam lutar em egualdade de condições sob o ponto de vista do emprego de gases.

O general Joffre não havia entretanto estabelecido para o anno de 1916, um plano de operações no qual as projectis offensivos tomassem parte principal.

Em 6 de dezembro de 1915, fazia-o ler por um major-general, o general Pellé, aos chefes militares da coligação, reunidos em Chantilly: marechal French, generaes Robertson e Murray, pela Inglaterra; general Wilemans, pela Belgica; general Porro, pela Italia; general Glinzky pela Russia e coronel Stephanovitch pela Servia.

As disposições essenciaes eram as seguintes:

1° — No ponto de vista defensivo, cada um dos Exercitos se collocaria em condições de repeller os ataques inimigos e levar todo contra-ataque que elle quizesse elles que viesse ser effectivamente atacado.

2° — No ponto de vista offensivo, os Alliados — e principalmente aquellos que dispuzessem de importantes reservas em homens — proseguiriam intensivamente o desgasto do inimigo por acções parciais e locais; em seguida, continuamente, preparar-se-iam para desenvolver em todos os recursos e o mais cedo possível, grandes acções convergentes e simultaneas, visando a decisão.

3° — Sobre as frentes secundarias, evacuar-se-ia Gallipoli, defender-se-ia o Egypto com o minimo de unidades possível e organizar-se-ia a frente inter-alliada de Salonica.

Depois de algumas discussões, — provocadas principalmente pelos representantes da Inglaterra, que preferiam ver attribuir meios mais importantes ao Egypto e que repelliam o seu enjamento ao norte de Salonica, — estas projectis eram adoptadas. Evacuou-se os Dardanellos de 20 de Dezembro de 1915 a 9 de Janeiro de 1916. Colocamos-nos em condições de assegurar ao general Sarrail, em Salonica, a constituição de um corpo expedicionario de 4 divisões francezas, 5 divisões britannicas e 6 divisões servias reorganizadas. O General Douglas Haig, que substituiu o marechal French no commando dos Exercitos Britannicos em França, desde 19 de Dezembro de 1915, entrava em relações estreitas com o general Joffre, tendo em vista a preparação de uma grande offensiva franco-britannica na região do Somme. O General Foch, commandante do grupo de nossos exer-

citos do norte, recebia a missão de regular o programma da participação franceza e, com o II Exército, se permanecia a sua disposição.

Em Janeiro e Fevereiro de 1916, — apesar dos indícios obtidos da possibilidade de um ataque allemão, — os chefes militares da coligação diligenciavam em tornar realisaveis "quando me" as decisões de Chantilly. O Conselho superior francez da defesa nacional, reunido em Paris a 8 de fevereiro, tomava conhecimento dos acordos estabelecidos entre aquellos chefes, os quaes decidiam deixar a Russia e a Inglaterra acabarem respectivamente a reconstituição e o preparo de suas forças. Elles esperavam portanto, que as operações combinadas dos exercitos alliados começariam somente no inicio do verão. Si antes deste tempo, o inimigo viesse a atacar um dos Alliados, os outros deveriam atacar as forças adversas presentes deante delles proprios para retel-as e gastal-as; e assim contribuiriam na batalha principal.

## OS INDÍCIOS DE UM ATAQUE VISANDO VERDUN E A DESTRUIÇÃO DO PLANO FANCEZ

Em fins de Dezembro de 1915 e principios de Janeiro de 1916, nossos serviços de informações registraram numerosos murmurios, no mais das vezes vagos e contradictorios, sobre a possibilidade de uma offensiva allemã visando a frente occidental. Os referidos serviços concluíram que os pontos ameaçados eram, de um lado, a parte norte do sector franco-anglo-belga, de outro lado, o centro e a direita do sector francez, isto é, Champagne, Verdun, Lorena ou Belfort; o que equivalia dizer que os indícios se neutralisavam, porquanto se referiam em summa ao conjunto de nossas posições. Proximo aos fins de Janeiro, notámos importantes movimentos de tropas nas direcções de Montmédy, Longuyon, Audun-le-Roman, e uma grande actividade sobre as vias férreas do Mosa. Nossa attenção se encontrava assim, voltada particularmente sobre Verdun que formava na frente de nossas linhas um saliente accentuado, parte fraca portanto, que se podia tornar o objectivo de um ataque local do inimigo. Esses indícios cedo se precisaram, e, numerosas cartas, colhidas de prisioneiros, falavam da proxima entrada em acção do kronprinz, de uma revista que o imperador acabava de passar em fins de Fevereiro sobre a praça d'armas de Verdun, da paz que se seguiria. O general Herr, commandante da "região fortificada de Verdun", assignalava e confirmava esses ruidos. Apoiado pelo general Leangle de Cary, commandante do grupo de exercitos do centro, pedia com insistencia o reforço de seus meios, não só para manter suas primeiras linhas, como tambem para melhora a organização de suas posições de defesa.

Verdun — de que se conhece o papel importantissimo que desempenhou em nossas lutas seculares com a Alemanha, — tinha recebido servido em 1914 de eixo da manobra victoriosa do Marne. Desde então, o campo entri-choirado não havia sido objecto de nenhuma acção por parte do inimigo; a actividade militar nelle desenvolvida parecia menor em 1915 do que em epoca de paz. O Mosa e seus campos, frequentemente inundados no inverno, formavam o fundo da concha central, cercada pelas

# Infantaria na defensiva em grandes frentes

Pelo Coronel R. TOUCHON

(Tradução)

N. R. — No cumprimento do nosso programma de facilitar o conhecimento das cogitações de ordem militar surgidas nos Exercitos estrangeiros, apresentamos a nossos leitores o presente trabalho, traduzido de "La Revue d'Infanterie", de Outubro de 1928.

Parece-nos que é de muita utilidade ao estudo dos nossos camaradas, pois trata do combate defensivo por um "processo economico", isto é, conseguir-se a "continuidade de fogo" com effectivos reduzidos, numa grande frente. Talvez o caso brasileiro.

As necessidades da guerra moderna parece exigirão, frequentemente, de nossas unidades infantaria, o combate defensivo em frentes tão extensas, com um fraco apoio de Artilha-

A organização classica de uma posição de infantaria, de accordo com os principios regulamentares, é aquella em que visamos travar a linha defensiva para deter o inimigo, para manear sobre a posição, não lhe cedendo um centimetro do terreno.

Sua solidez repousa essencialmente na barreira de fogos de Infantaria, continua, densa e profunda, reforçada pelos fogos de Artilharia.

As linhas de Chaume, Saint-Miguel, Souville e Bapaume.

Mais além, os fortes de Marre e Vacheraux, sobre a margem esquerda, e Douaumont, Bapaume e Tavannes, sobre a margem direita, surtiram silênciosos e como que abandonados; o de Douaumont dominava os demais com sua enorme massa, mas não parecia que se houvesse feito o necessário para resguardar-o convenientemente, dada que fosse elle a pedra angular do systema. Em dos fortes era um verdadeiro descalabro: torres innumeráveis e em grande parte desprovidas, fios de ferro soltos e retorcidos, cobrindo com suas inextricáveis rédes os desfiladeiros e bosques de "Côte de Meuse" e as planícies lamacentas de Woëvre; caminhos e estradas transformados em fundições, tal a quantidade de ferro ali espalhada, materiais esparsos, madeiras apodreciam e cujos metaes carbonizavam-se sob as chuvas... A batalha, nesses lugares, arrastava-se lentamente; raras vezes foram ouvidas explosões de granadas, bombas ou morteiros, e as tropas invisíveis, não se revelavam pelo eco desses estrondos.

Era a calma que precedia a tempestade.

Nosso Grande Quartel General, entretanto, não se mostrava surdo aos pedidos do commandante local e, desde o inicio de 1916, entreteve a praça uma parte de seus meios. Porém, elle não era sufficientemente rico em recursos, para immobilisar em proveito da região fortificada os effectivos em trabalhadores e combatentes que lhe era necessario conservar articulados em vista de um ataque proximo, feito por um adversario do qual se ignoravam as intenções.

Si os allemães visavam Verdun, sem duvida não seria este seu unico objectivo, e seus esforços poder-se-iam fazer sentir muito provavelmente sobre sectores de nossa extrema-esquerda ou de nossa extrema-direita; elles haviam sabido

A constituição dessa barragem e a sua existência após um bombardeio, previsto, exigia uma importante densidade de occupação.

A necessidade de impedir qualquer progresso inimigo, tanto de dia como de noite, requeria uma occupação continua da frente a defender.

Admitte-se communmente que a frente de um kilometro attribuida a um batalhão de infantaria, o qual se installe com a profundidade de um kilometro seja um maximo difficil de ultrapassar.

\* \* \*

do até então, manter mui habilmente sua campanha de falsas noticias, e esconder com tal perfeição os preparativos de sua offensiva, que naturalmente nos collocavam no mais completo estado de duvida.

De 7 a 13 de Fevereiro, as informações pareciam de tal maneira contradictorias, que nosso alto commando chegava finalmente, a perguntar a si proprio se a actividade allemã não se revelaria na frente leste em lugar de o fazer na frente oeste. O general Joffre, correspondendo-se com o general Haig, a respeito das accções franco-britannicas previstas sobre o Somme, indicava a 10 de Fevereiro as condições de desenvolvimento dessas accções, "seja que os Allemães conservem até o proximo verão a iniciativa das operações, seja que o inimigo execute na primavera um possante ataque contra os russos". Ajuntava em 18 de Fevereiro, que "si os Allemães nos depaassassem atacando os russos, estaremos a nossa ajuda sob a forma da offensiva que os francezes e britannicos executariam sobre o Somme como se tivessem tido a iniciativa das operações".

Nosso generalissimo conservava pois uma articulação geral de seus exercitos, de accordo com seu ponto de vista, isto é, tendo o eixo de locação em direcção ao seu centro e a sua extrema-esquerda: poderia assim, activar os preparativos de sua offensiva e deter os ataques do adversario, que julgasse mais perigosos, quer dizer, que visassem directamente Paris ou as bases da via de Calais.

Entretanto elle velava sobre os outros sectores ameaçados, em particular sobre "a região fortificada de Verdun", que reforçava com divisões, e ao alcance da qual retinha dispostos dois de seus melhores corpos de exercito (VII e XX corpos).

(continua)

E' bem  
utiliza ao ma  
das da Infan  
Entretan  
de manu  
isto, e que  
durante  
maiores fren  
casimo adm  
A unico

absoluto  
barr  
er men  
estará  
bardi

A forn  
grand  
de cort  
A cort  
ma bar  
quasi  
ta)

bem evidente que um tal systema não dá ao maximo a potencia das armas automaticas de Infantaria moderna.

Entretanto, desde que desapareça a questão da manutenção da posse do terreno a todo o momento, e que se trate apenas de retardar o inimigo durante certo tempo, poder-se-á attribuir a Infantaria, lutrapassando o terreno, o que se admite.

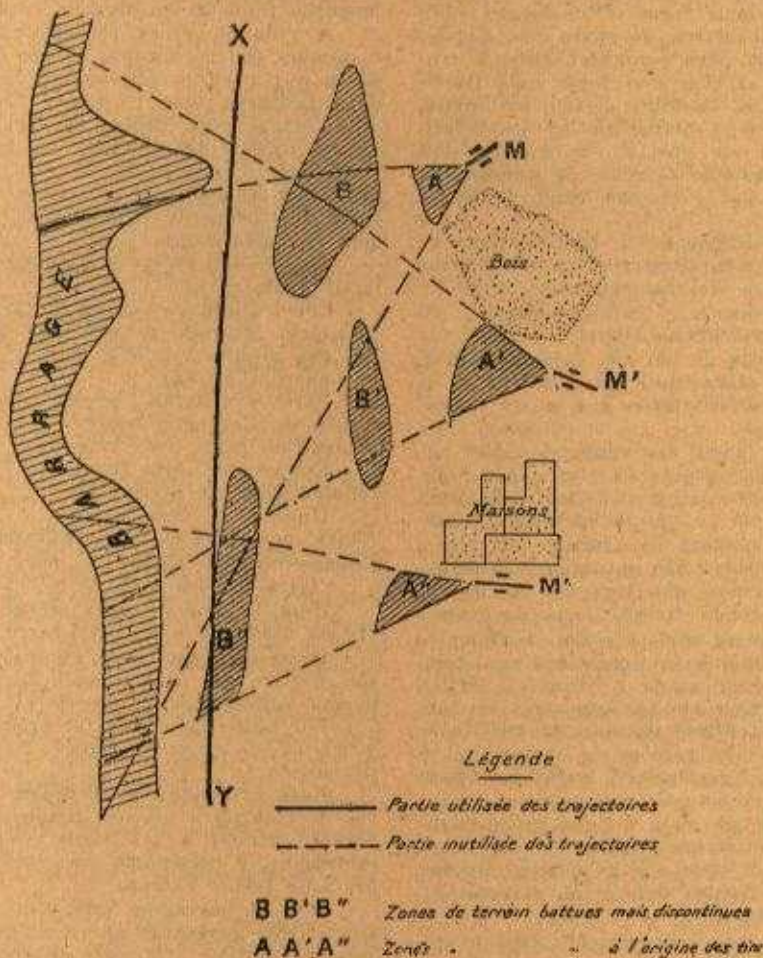
uma necessidade, que permanece de mo-

mas sua densidade e a profundidade são geralmente mediocres.

As armas, cujas trajetórias tecem a rede, serão disseminadas no terreno com intervallos mais ou menos grandes. Intervallos estes que serão ou não batidos pelo fogo.

Ter-se-á assim a continuidade de fogo, mas não a continuidade de occupação; pode-se ir mais longe, affirmando que, devido o modo original de occupar o terreno e sua fraqueza de meios,

SCHEMA DU RIDEAU DE FEU



Croquis n° 1.

Então, é a de manter na frente do inimigo uma barragem continua de fogos, a qual pode ser mais ou menos poderosa; as armas que a executam estarão sujeitas a um forte ataque com o objetivo de fazer o inimigo saltar.

\* \* \*

A forma mais simples desta defensiva sobre uma frente é o que se chama commummente cortina de fogos, como o seu nome indica. A barragem de fogos de Infantaria, reforçada sempre pela Artilharia e pela Aviação, a barragem é perfeitamente continua,

a continuidade do fogo só existe na barragem, numa zona estreita: logo que o assaltante transpõe essa zona, achar-se-á em presença de armas isoladas que não se flanqueiam mutuamente. (Ver croquis n° 1)

Este processo de combate defensivo é e deve ser um processo economico; empregar-se-ão poucas armas e reduzido numero de homens; em compensação explorar-se-á toda a potencia das armas automaticas e todas as suas propriedades.

Pelo estudo do emprego das armas automaticas chegou-se á conclusão de que é preciso determinar, antes de mais nada, o lugar onde se quer que caiam os projectis e as zonas de pas-

sagem da trajectoria, para em funcção dessas exigencias deduzir-se o local para a collocação das armas.

Para executar uma "cortina de fogos", essa regra é ainda mais rigorosa, se possível. Essa expressão, que parece tão simples e curta, define verdadeiramente uma operação, para cuja boa execução são necessários chefes de golpe de vista rapido e seguro, de homens instruidos e ageis e..... de tempo.

Uma companhia de metralhadoras posta em linha com a missão de estabelecer uma cortina de fogos, num tempo minimo, não poderá, por exemplo, estender seus fogos efficazmente sobre uma frente de 800 metros, ao passo que, dispondo de uma jornada para reconhecimentos e trabalhos, poderá bater com seus fogos uma frente de 2.000 metros. E' bastante difficil avaliar-se, previamente, o tempo necessario ao estabelecimento da cortina em questão, porquanto será sempre uma funcção do terreno, do inimigo, do effectivo a empregar e do seu valor profissional.

Para o estabelecimento de taes cortinas de fogos é preciso procurar-se regiões descobertas dispondo de campos de tiro extensos.

E' muito frequente o estabelecimento de taes redes sobre as curvas d'agua.

Quando se trata de um rio, cuja largura é, ao mesmo tempo, obstaculo e um bom campo de tiro, evidentemente, prestar-se-á á nossa operação.

Mas, a maior parte das vezes, os valles são regiões cobertas por vegetação alta e por habitações, prestando-se mal á installação de uma economica barragem de fogo. Elles exigem o emprego de grande numero de armas e offerecem curtos campos de tiro. São os maiores consumidores de Infantaria e não terrenos de metralhadoras, accrescendo serem zonas favoraveis ao accumulo de gases toxicos e aos movimentos de infiltração de uma Inf. numerosa e manobreira. E' preciso pensar ainda o quanto é difficil á artilharia da defesa ajustar seus tiros em taes terrenos, e então teremos passado em revista as razões pelas quaes as regiões de cortes, rios e riachos, não são geralmente indicadas para executarem uma cortina de fogos.

Tendo sempre em vista a dupla necessidade da escolha de um terreno favoravel e do tempo á disposição do defensor, é permitido prever, em certos casos, frentes defensivas de uma extensão consideravel.

Consideremos um caso concreto (ver o croquis n° 2).

Trata-se de estabelecer uma cortina de fogos, tão economica quanto possível, na zona limitada na carta annexa por linhas pontuadas, quer para retardar, quer para deter sobre o Gergogus um inimigo vindo de N. E.

A barragem é estabelecida sobre a margem S. do ribeiro, na orla N. E. do planalto de Vincy-Manoeuvre. O inimigo não deve ultrapassar a linha traçada de preto. Estamos em Novembro, o terreno está sem cultura, perfeitamente descoberto.

Os ninhos de metralhadoras, 1, 2, 3, 4, 5, 6, são sufficientes para assegurar uma barragem de fogo continua; cada um delles dispõe de um grupo de metralhadoras; estão collocados a uma distancia que varia de 600 a 1.000 me-

tros da linha traçada de preto. Sua situação nas nascentes das ravinas que descem para Rouane, podem, eventualmente, facilitar seu abastecimento e seu retrahimento.

Cada um delles recebeu, como missão principal, effectuar uma faixa de barragem e, em missões eventuaes, tomar parte em concentrações sobre certos pontos (cabeceiras de ravinas orlas de Vincy-Manoeuvre).

Durante a noite, para permittir o dearmamento dos tiros previamente preparados, collocados, sobre a linha de traçado preto, os pontos de escuta, em abrigo com para dorsos d'lançarão foguetes ou signaes opticos.

A villa de Vincy fórma uma mascara e o inimigo poderá occupar, e que lhe dará vista sobre o planalto; collocando-se ali um pelotão de Infantaria, este fornecerá fogos deante da villa, estabelecerá postos de escuta e organizará um reducto na parte S. da localidade.

Uma bateria de 75 (1), assegurará a protecção deste pelotão com tiros deante da e cujos flancos serão batidos pela propria bateria de Infantaria.

Um pelotão fará a segurança da Bda, (ponto de apoio n° 3).

Como o inimigo poderá tentar romper a cortina pelo emprego de engenhos blindados, um dos ninhos 2 e 5 é munido de um canhão anti-carro (75) (2).

Para completar, accrescentaremos que os fundos da Gergogue poderão ser infectados por aviação ou pelos tiros longinquoos da A. pa.

Em resumo, esta frente de 7 kms. seria fendida de modo efficaz por:

Uma Cia. de Infantaria (occupação Vincy, postos de escuta, segurança da Bda, e forçamento dos ninhos de metralhadoras);

Dois secções e  $\frac{1}{2}$  de metralhadoras (entre os ninhos 2 e 5, (anti-carro)).

Quaesquer que sejam os meios de transmissão, é claro que o commando desse conjunto de armas automaticas é *impossivel*.

Por outro lado, não foi previsto reservaguma. Tudo repousa sobre o fogo previo preparado.

Para organizar a barragem, regular os tiros de escurpa a grande distancia, os quadros verão perturbar o assaltante, e prescrever as contrações, é necessaria ter commandamento sobre uma frente extensa.

Mas, a barragem uma vez installada, sua solidez garantida na resistencia de cada arma automatica tratamos de constituir na barragem perfeitamente mascarados, formando pequenos pontos de apoio e dispondo do essencial: chefe, fuzis e fuzis-metralhadores para proteger as metralhadoras, o que permittirá a essa

(1) Um ou dois agrupamentos de morteiros Stokes poderão se encarregar dessa missão.  
(2) Não consideramos o canhão 37 mm. arma potente contra engenhos blindados.

(3) Terá lugar igualmente a previsão de Sec. Mtrs. empregadas em D. C. A. com os aviões voando baixo (Mtrs. fóra de linha para evitar a sua identificação), sua actividade será completada pelo tiro de D. C. A. e algum F. M. (tiro no qual sobrepuja o F. modelo 1924).

se se consagrarem inteiramente á sua missão, algumas vezes longínqua e excentrica.

Cada um dispõe de abundantes *deposits munitions, agua, e viveres* para evitar os vae- vens, que criam pistas, tornando innocuo o mais engenhoso dos mascaramentos.

Este exemplo faz resaltar igualmente a incapacidade total das metralhadoras para assegurar uma missão defensiva, sem a cobertura de zileiros e volteadores.

Os fuzileiros e volteadores são indispensa- is para guarnecer as zonas cobertas e asse- rar o serviço de escuta, particularmente du- ante a noite.

\* \* \*

Este systema defensivo foi empregado du- ante a ultima guerra, principalmente em 1918.

Em 18 de Julho de 1918, por exemplo, de- ante do VI Exercito, ao S. de Oureq, os allemães tinham organizado um d'spositivos defen- sivos em profundidade, baseado precisamente na rotina de fogos de metralhadoras, apoiadas por gran- tões de projectis fumigenos.

Em 18 de Julho, o 2º Corpo de Exercito está lloado á esquerda do VI Exercito, e ataca a ligação ao N. com o X Exercito.

Seu esforço fez-se na faixa de terreno com- ehendida entre o Oureq e o riacho d'Alland e ais particularmente sobre a forte crista Les- rt — cota 167 — cota 168.

Nesta zona operam ao N. a 5ª Divisão e ao a 47ª Divisão.

Estas Divisões ultrapassaram a linha Tro- ques — cota 163 (Le Sipulcre) — route 163 — ézy-en-Orxois ás 4 h 55.

Os limites das zonas de acção destas unida- s estão traçados no croquis n° 3.

Progredindo, inicialmente, atraz de uma bar- gem rolante, e em seguida apoiadas por carros, as percorreram facilmente cerca de 4 kms.; frontaram-se com a 10 Divisão bavara e a 78 visão de reserva.

Por volta das 10 horas, os batalhões testas tingiram a linha de cristas que separa a *bacia* e Neuilly-Saint Front a E. dos fundos de ontrou a O. Depois se prolongou para o S. en- e os valles de Conitcourt a E. e do Monnes a (linha da tarde de 18 de Julho — ver cro- is n° 3).

A villa de Conitcourt só será occupada du- ante a noite.

Todas as tentativas feitas, quer para ultra- ear estas cristas, quer para progredir para a pelas *garupas* do terreno 167-168, têm sido fructíferas. O apparecmento na crista de a homem isolado, é respondido pelo desenca- mamento de um tiro de metralhadoras de nota- l precisão.

Os carros postos em linha são instantanea e teiramente atingidos por obuzes de 77 de um golpe (uma secção foi inteiramente destruida, de 167 (1)).

Tiros de artilharia são executados sem re- ltado.

Nenhuma observação pôde ser feita; da teta nada se vê; muitos officiaes têm sido mors- os ao procurarem ganhar terreno mais para ante.

Depois de varias tentativas, uma patrulha ocurendo avançar, põe em fuga um posto de

espelha inim'go situado na propr'a crista, o qual dá um tiro de fuzil e foge; um foguete é lançado e a este signal, é desencadeado instanta- neamente um tiro de metralhadora.

A região da cota 167 é batida de modo par- ticular. As metralhadoras levadas para essa co- ta perdem varios serventes, *nada vêm* e conse- quentemente não atiram.

Algumas rajadas de obuzes essencialmente toxicos, cahem nos fundos de Monne e de Mon- trou.

Esta barragem de fogo será atravessada por surpresa na ultima parte da noite de 18 para 19 de Julho.

A conquista do terreno realisada em 19, e a natureza do combate deste dia perm'ttem a reconstituição do modo por que tinha sido esta- belecido pelos allemães — a barragem acima descripta.

(Durante a jornada de 19, a 47 Divisão fez cerca de 50 prisioneiros.)

O terreno fora preparado, a crista 146- 147 — Conitcourt e a crista 167-180 foram de- vastadas em grande extensão pelo inimigo, e as *colheitas* apanhadas.

A crista 167-180, que é divisora das zonas do Oureq e do ribeiro d'Alland, compartimenta nossa zona.

Ao N. da bacia de Neuilly-Saint-Front, e ao S. o proprio valle do ribeiro d'Alland, são dois compartimentos bem nitidos.

No compartimento N., as metralhadoras es- tão collocadas a E. do valle de Neuilly-Saint- Front, a uma distancia media de 2.500 ms. da barragem a executar.

No compartimento S., collocadas nos ta- ludes das duas margens do riacho, ellas cruzam seus fogos deante do Breuil; a distancia da bar- ragem attinge 2.000 ms.

Estas metralhadoras, ou por outra, estes ni- nhos de metralhadoras estão situados nos cro- quis ns° 3 e 4.

As distancias de tiros dessas armas pôdem, á primeira vista, causar surpresas, mas não nos esqueçamos que se trata de metralhadoras pe- sadas; atirando a bala pesada S. S. (12 gr. 8), que permite ajustar os tiros ás grandes distan- cias; munidos de um appparelho para visada com luneta *ampliadora*, e que seus quadros, sob o ponto de visto aptico, são poderosamente providos (luneta etc.).

A claridade e a duração dos dias em Ju- lho lhes dão completa segurança de dia, mas ha a noite e a cerração matinal.

O serviço de escuta tambem está installado, onde? Sobre a propria crista, onde se localizou a barragem.

Estes escutadores não estariam installados, e sim, com toda a certeza, fazendo parte de pe- quenas unidades, "zuje", que constituiriam re- servatorios destes homens, cujo serviço é muito penoso.

Estas unidades são collocadas nos fundos, entre a barragem e as peças, particularmente nos pontos onde a barragem fór mais tenue, on- de a zona batida fór mais estreita (região de Petits-Bois, por exemplo), onde o inimigo possa penetrar mais facilmente.

No croquis n° 4 se acha traçada a barra- gem.

No valle do ribeiro de Alland, Breuil, formando uma mascara, barra o valle, elle está bem defendido por fogos cruzados de metralhadoras, mas o fundo do valle sendo coberto, a infiltração é possível; ha pois uma guarnição de infantaria em Breuil, apoiada á retaguarda por uma reserva em Beaumont-Voisin.

Tiros de artilharia particularmente densos são collocados immediatamente a O. da villa.

Os francezes têm carros e tambem peças anti-carros (77 a espreital-os em baixo) que estão collocadas nas proximidades de tres dos ninhos de metralhadoras (vêr croquis).

Emfim para completar o systema, os tiros de artilharia são previstos a O. da crista da barragem de metralhadoras, nos fundos de Montrou, e de Monnes, tiros com obuzes toxicos.

A crista 167-180 constitue a parte importante do terreno, por onde o inimigo pôde procurar progredir de preferencia; a região 167 sendo uma zona sensível, são previstas concentrações ali.

Os ninhos de metralhadoras das cotas 130 e 145 pôdem concentrar seus fogos ali, juntamente com os da cota 165; pôdem tambem bater de enfiada as ravinas que descem quer para Neuilly-Saint-Front, quer para o ribeiro de Alland.

A metralhadora 130 está na zona da 2ª Divisão, a metralhadora 145 na do 7º corpo.

E' um batalhão da 47ª Divisão que ataca a 167, e como elle faz o esforço principal deve portanto ultrapassar seus visinhos.

Como? Por que complicadas vias poderá chegar sobre 130 e 145 o fogo que as neutralizará, si tal cousa não fôr feita com antecedencia?

Eu disse antes, que da crista era impossivel ao assaltante localizar as metralhadoras inimigas.

Notai que todas estão em uma cota inferior á da crista onde se executa a barragem, ellas atiram de baixo para cima; para as vêr, será necessario que o observador ultrapasse a crista batida e desça a *veriente opposta*, o que lhe é interdittado claramente pela barragem.

Os numeros que estão situados ao lado de cada ninho representam a respectiva cota.

Accrescentarei que a camouflagem das peças fora perfeitamente realizada.

Nossa aviação não localizara peça alguma.

Esta barragem, bem constituida, profunda, densa, continua, deteve o 2º corpo durante cerca de 24 horas.

Tenha bem presente que ella não foi improvisada, mas preparada com antecedencia e que varios estudos foram necessarios á sua boa instalação. Desde 20 de Julho, nós assistimos os Allemães procurarem nos deter, em linhas anticipadamente estabelecidas, por tentativas de reservas. Nossas perdas diminuíram, o numero de prisioneiros accresceu e a progressão foi cada vez mais rapida.

No caso concreto e no exemplo da guerra que viemos de citar, foi applicada a constituição de uma cortina de fogos, pouco densa; ambos os casos fazem bem sobresahir sua fraqueza.

O inimigo só achará um meio de transportar a barragem, utilizando-se das cobertas do terreno, da noite, da fumaça, ou mesmo conseguindo assignalar e destruir um unico ninho de metralhadoras; si attingir a linha X-Y do croquis

nº 1, encontrará apenas pontos de apoio dos que lhe permitirão uma manobra de tração (importancia de um chefe energico em cada ninho).

Essa cortina pôde ser reforçada; os vallos entre os ninhos que executam a barragem pôdem ser batidos por outros ninhos collocados mais á retaguarda e num dispositivo em "quonce"; mas assim nos approximaremos, e co a pouco, do dispositivo classico da defesa; os effectivos empregados augmentarão e o reforçamento da posição será impossivel. O inimigo terá oportunidade de reunir meios e car.

Por isso é preciso que nos orientemos sempre, tendo em vista um dispositivo com effectos minimos.

Si for necessario ganhar muito tempo, varias cortinas serão dispostas, umas atraz das outras; é preferivel procurar esse effecto pelo augmento do numero de cortinas do que pelo reforço de uma d'ellas.

A grande distancia que separa os "ninhos" que executam a barragem, permite que se conte como certa a recuperação, si não de todos, pelo menos da maior parte.

Assim, cremos ser possivel tirar as seguintes conclusões:

o o o

A defensiva sobre grandes frentes é possível pelo aproveitamento ao maximo de todas as propriedades das armas automaticas da infantaria.

E', essencialmente, sobre essas propriedades que repousa essa especie de defensiva; a artilharia tem apenas um papel accessorio, e tanto dos mais uteis, particularmente quando empregam obuzes de gaz que anniquilam, e sempre, o assaltante ou, no minimo, paralisa no obrigando-o a manobrar com a mascara.

Para que a infantaria seja capaz de desempenhar esse papel com segurança, é de se esperar que sejam preenchidas umas tantas condições.

## 1º — MORAL

Reforçamento da autoridade moral dos chefes subalternos de infantaria (tanto o em grupo que combate, como o cmt. do pelotão).

Sobre elle repousa inteiramente a dos ninhos de resistencia, por consequente o systema defensivo.

## 2º — MATERIAL

a) — Necessidade de dotar nossa metralhadora de um aparelho optico de visada a grande distancia, augmentar a estabilidade da observação.

O augmento de peso que resultaria de aperfeçoamentos é perfeitamente accetavel hoje em dia, devido a adopção do fuzil-metralhadora 1924, no qual a precisão, a segurança, funcionamento e a aptidão para o tiro prático são taes, que foi-lhe permitido substituir vantajosamente a metralhadora em muitos de seus antigos empregos.

Sem estes aperfeçoamentos nos arriscamos, no inicio de uma guerra, a não poder combater contra as metralhadoras adversas, que teriam a vantagem de uma precisão, talvez, superior ás nossas (metralhadoras pesadas allemães). Uma anti-carro constitue igualmente uma necessidade para infantaria.

# A segunda parte (O Combate) do Regulamento Francez de Infantaria de 1928

Pelo Cap. T. A. ARARIPE

Animados do mesmo intuito que nos levou a apresentar ha tempos o Prefacio do Regulamento de Infantaria de 1928, vamos tentar passar a revista na Segunda Parte desse Regulamento, recentemente publicada na França e aqui chegada em Março findo. Tinha já iniciado estas notas, quando nos chegou ás mãos a "Revue d'Infanterie" de Março, onde o Cmt. Z inicia um estudo sobre esta Segunda Parte, esboçando de que pretendemos aproveitar para auxiliar-nos na revista.

O nosso objectivo será o de relatar as novidades apresentadas, tomando para termo de comparação ora o nosso R. E. C. I. (2ª Parte) ora o R. M. I. francez de 1920.

Como já fizemos sentir no Prefacio, esta parte do Regulamento mantem os principios e mesmo os processos de combate estabe-

lecidos pelos documentos anteriores e, em regra, as modificações se manifestam ou nos pormenores ou na forma de apresentar certas noções que precisam ser bem esclarecidas. E' interessante observar, desde já, que a maioria dessas noções que o Regulamento procura pôr em destaque já constituia materia passada em julgado nas nossas Escolas, em que os professores acompanhavam de perto a evolução das idéas occorridas no seio do Exercito Francez. Taes idéas não são propriamente novidades para aquelles que estão em dia com os ensinios ministrados nestas Escolas.

\* \* \*

**Feitura material** — E' accentuado o progresso deste regulamento sobre os precedentes no modo de apresentar os assumptos e na documentação graphica. A impressão bem distribuida

b) — Necessidade de dotar a infantaria de meios de remunciação automoveis sobre lanchas, unicos que permitirão fornecer a tempo as munições necessarias ao consumo consideravel das armas automaticas.

c) — Necessidade de dotar a infantaria de aparelhos de transmissão simples, que possam funcionar atravez do nevoeiro ou da fumaça (desencadeamento dos tiros).

## 3ª — ORGANIZAÇÃO

a) — A organização da secção de infantaria a duas meias secções de duas esquadras de homens, dotada cada uma com um fuzil-metralhador, por outro lado a suppressão de munições especializadas para essa arma, repartindo-se seus encargos com todos os homens da esquadra, são duas medidas que permitiriam, sem augmento de um homem sequer no effectivo da secção, accrescer sua potencia de fogo com um fuzil metralhador (seriam 16 fuzis-metralhadores em vez de 12 por companhia).

Esta medida que tem a vantagem de suprimir a distincção entre o fogo e o movimento não existe no grupo de combate actual, não teria diminuir a aptidão da infantaria para o movimento, assalto. O fuzil-metralhador pesa apenas 9 kilogrammas e pode atirar em marcha accionada por um unico atirador.

Essa organização traria, por outro lado, a possibilidade de dividir a secção em duas meias secções, dispondo cada uma de duas armas automaticas, capazes, por sua vez, de receber uma missão de fogo importante.

b) — Esta organização tem como corollario a instrução individual do soldado de infantaria mais ampla, menos especializada, pelo menos, inicialmente, pois todo soldado deverá saber manejar o fuzil-metralhador. Assim visamos a possibilidade de distribuir, no momento necessario, a uma unidade de infantaria guallada defensivamente em uma grande fren-

te, um certo numero de fuzis-metralhadores, mantidos até então em reserva.

Este numero poderá ser de quatro fuzis-metralhadores por companhia (sejam: 108 por divisão de infantaria).

Da mesma forma um reforçamento em metralhadoras poderá ser encarado, attribuindo-se quatro peças por companhia de metralhadoras (sejam 36 por divisão), o que parece ser um numero accetavel.

Para evitar o augmento de peso dos trens regimentaes, estas armas e seus accessorios poderão ser transportados em caminhões da secção de munição de infantaria.

c) — Este augmento de armas, no momento preciso, é um reforço apreciavel para o fogo da infantaria.

Elle tem a vantagem de não transformar os volteadores em fuzileiros e metralhadores, sinão momentaneamente, donde, a conservação de uma infantaria propria ao movimento; isto é importante para nós que somos pobres em homens.

Mas, tendo em vista que nossos effectivos não permitem isto, somos de opinião que as unidades de metralhadoras completas, não arregimentadas, darão um rendimento muito superior como reforço. Seu enquadramento, seus meios de transmissão, sua technica, são cousas insubstituiveis.

Accresce que na offensiva a infantaria pede, cada vez mais ás metralhadoras a preparação e o apoio de seus ataques.

Por isso somos partidarios de que cada divisão de infantaria seja dotada de uma unidade de metralhadoras, mais ou menos importante, dependendo directamente do General Commandante da Infantaria Divisionaria. O Batalhão divisionario, a tres companhias de metralhadoras sem nenhum volteador, parece-nos uma organização realizavel, desde que se faça a suppressão dos actuaes batalhões de metralhadoras.

espaçada, em diferentes typos e empregando constantemente o negrito para realçar os principais títulos e idéas importantes torna o livro mais agradável e mais fácil á leitura.

A esse proposito os regulamentos brasileiros e principalmente o R. E. C. I., muito teão a luerar com a approximação. Somos de paecer que haveria vantagem mesmo de imitar-nos os processos de documentação graphica dos regulamentos allemães e americanos. Estes ultimos, que parecem aproveitar das experiencias dos exercitos francez e allemão, não se arreliam de exaggerar o uso das figuras, schemas, diagrammas, com o fim de materializar as idéas. Assim por exemplo, no folheto *Instruction dismounted without arms* para 13 pags. ha 8 figuras; em *Instruction dismounted with rifle and automatic rifle* para 26 pags. ha 19 figuras; em *Marksmanship-rifle individual* para 15 pags. ha 21 figuras; em *Combat Principles-The Rifle Platoon* para 60 pags. ha 23 figuras; em *Combat Principles - The Rifle Squad* para 16 pags. ha 34 figuras, etc.; em todos elles é raro encontrar-se uma pagina que não tenha uma figura explicativa do texto. E' de esperar que o nosso futuro R. E. C. I. muito melhore a este respeito.

\* \* \*

*Ordem de apresentação e divisão dos assumptos.* — Esta Segunda Parte comprehende nove titulos, a saber:

- I — Noções geraes sobre o combate;
- II — Generalidades sobre a Infantaria;
- III — Cooperação das outras armas com a Infantaria;
- IV — Elementos do combate da Infantaria.
- Princípios communs ás diversas unidades;
- V — Physionomia do combate de Infantaria;
- VI — Organização da instrucção para o combate;
- VII — O soldado no combate. Combate das diferentes unidades;
- VIII — Casos particulares do combate;
- IX — Remuniciamento.

E' como se vê arranjo muito diverso do da Segunda Parte do R. E. C. I. Os 5 titulos desta não permittem fazer distincção razoavel dos assumptos e dão logar a que regras que deveriam ser postas em evidencia, como a cooperação das armas, se apresentem confundidas no meio de outras de natureza differente.

O Regulamento francez tem a particularidade de decompôr-se em duas porções distinctas: do I ao VI titulos elle grupa as noções que interessam principalmente aos officiaes, que ahi encontrarão em ponto de vista elevado todos os elementos de sua instrucção tactica e da cooperação das outras armas no combate da Infantaria. O proprio titulo VI contem as regras que orientam os officiaes na instrucção de sua unidade para o combate.

Já o nosso R. E. C. I. procurou obedecer a esta regra, pois, os titulos VI, VII e VIII cuidam justamente de principios geraes do combate e o seguinte, como os VII, VIII e IX do Regulamento francez, então se refere ás regras que interessam especialmente a cada um dos escalões do commando. Mas aqui ha ainda disparidade pois o novo regulamento vae do sim-

ples para o composto, o que parece mais logico por evitar repetições.

\* \* \*

*Observações sobre os diversos titulos e capitulos.* — O titulo I comporta dois capitulos: um expõe o papel geral da Infantaria na batalha em cooperação com as outras armas e o outro pinta a physionomia dessa mesma batalha. Ahi se definem os caracteristicos das missões offensivas (avancar contra a vontade do inimigo para expulsar-o do terreno que occupa e para destrui-lo) e das defensivas (impedir o inimigo de avançar, afim de conservar, mesmo contra a sua vontade, certa porção do terreno sobre a qual se resolveu quebrar o seu esforço).

E' interessante a preocupação do Regulamento Francez em firmar o principio de que "um combate parcial nunca é offensivo ou defensivo do começo ao fim". Devido a essa alternância do acto offensivo e defensivo, as pequenas unidades devem estar aptas a passar instantaneamente de uma a outra attitude.

Esta noção já existia no nosso R. E. C. I. e tem sido constantemente posta em evidencia nas Escolas: "...não ha propriamente falando, dois generos de combate, um offensivo e outro defensivo, pelo menos no que diz respeito á acção dos combatentes e das armas" (Ten. Cel. BAZ. RAND — Conferencias pag. 128).

Um ataque apresenta-se entrecortado de situações defensivas (paradas), assim como a manutenção do terreno é completada por gestos offensivos.

Em menos de duas paginas o Regulamento Francez pinta a physionomia da batalha offensiva, com grande clareza e destacando os casos possiveis (terreno livre e frente estabilizada) e as diferentes phases da lucta (busca do inimigo, tomada do contacto, ataque, assalto, manutenção do contacto, perseguição).

Para a batalha defensiva, elle define as posições de defesa (de resistencia e de posto avançados) e dicta desde já o caracter essencial de defens'va — a rede completa e profunda de fogos poderosos, combinada com a organização do terreno.

O nosso R. E. C. I. estudando no Capitulo II do Titulo VIII a Forma geral do Combate não cuida da Defensiva e mesmo nos outros capitulos só muito ligeiramente trata dessa forma particular do combate. Esta falta foi aliás percebida em tempo e deu motivo a que na 2.ª edição do regulamento se procurasse dar regular desenvolvimento ás prescripções sobre o plano de fogo na defensiva (n.º 282). E' verdade que tínhamos tambem o Regulamento de Organização do Terreno (1.ª Parte) que servia para completar o R. E. C. I. nesse ponto.

\* \* \*

O titulo II do novo regulamento, definindo as propriedades da Infantaria, as caracteristicas de suas unidades, de seu armamento, de ferramenta e outros utensilios, contem pouca coisa differente do R. M. I. e do nosso R. E. C. I. Convem entretanto destacar:

— Apreocupação em definir a tarefa da Infantaria no combate e a declaração categorica e em negrito de que "No combate cabe á Infantaria a missão principal".

— A prescrição, já annunciada no Prefácio, do que "o pelotão (section) de fuzileiros teadores é a menor unidade de infantaria sustitível de manobrar, isto é, de fazer concorrer a um mesmo fim varios grupos encarregados de papeis diversos e em particular de assegurar a permanencia do fogo durante a progressão;

— A incorporação no regulamento tático das qualidades balísticas do F. M. 1924, rezadas na declaração: "Nos limites do alcance em que é utilizado, o fuzil metralhador tem efeitos comparaveis aos da metralhadora; elle permite, consequencia, ao grupo de combate grande efficacia de fogo";

— A conservação do texto do R. M. I. no que respeito ao emprego tático do F. M. — naensiva, tiro de frente e tiro em marcha; — defensiva — o fuzil metralhador continúa a actuar barragens tanto na frente do grupo como na frente dos intervallos com os visinhos e perpendicularmente á frente ou um pouco (Q.) — reacção contra o flanqueamento do M.;

— Emprego das metralhadoras na constituição da base de fogo e só excepcionalmente no apoio de uma companhia de fuzileiros-volteadores;

— Persistencia na adopção do canhão 37 e morteiro.

Aqui devemos observar que uma das razões invocadas pela commissão de redacção do regulamento francez na justificação dos retoques é "o augmento da potencia de fogo da infantaria, proveniente, em particular, da entrada em serviço de novo F. M. que até 1200 ms. propriedades comparaveis ás da metralhadora". E, embora não tenhamos sentimento de respeito das qualidades do nosso F. M. H., somos crentes de que tem propriedades muito superiores aos do F. M. 1924. *Torna-se, por isso, difficil fazer a comparação entre os projetos do novo regulamento francez e o nosso R. M. I., principalmente no que disser respeito ao grupo e ao pelotão.*

\* \* \*

O titulo III cuida da cooperação das armas com a infantaria. E' assumpto que o nosso R. E. C. I. não esclarece sufficientemente e que convem ser aqui reproduzido em grande parte. Ahi encontramos os dados sobre a missão geral da artilharia (apoio de projectil), o modo de acção (destruição e neutralização) e as formas com que os diversos matizes permittem imprimir á sua acção:

— antes do ataque: destruição dos obstáculos;

— durante o ataque: apoio directo, protecção eventualmente acompanhamento immediato; — na defesa: a contra-preparação; tiros de artilharia. Põe, como se vê, de parte o que só indirectamente interessa á infantaria, taes como a artilharia pesada, a interdicção e a inquietação.

No afan de reunir ahi todas as informações que o infante deve ter sobre a artilharia, o regulamento chega a indicar a organização e as caracteristicas do material desta arma. E, assim, de bem estabelecer as diferenças entre a artilharia leve e a pesada, descendo a enunciar sobre as especies de projectis em-

pregados e dos objectivos que são batidos com mais vantagens por um ou outro material.

Em seguida, elle reproduz as noções conhecidas sobre a repartição da artilharia para o combate (apoio directo, acção de conjunto e acompanhamento immediato) e a noção de grupamentos de apoio directo (habitualmente correspondendo a cada um dos R. I. empenhados) e de acção de conjunto (trabalhando para o conjunto da divisão).

Julgamos util transcrever as definições destes termos, motivos de confusões constantes entre nós.

"Os grupamentos de apoio directo, em numero habitualmente igual ao dos regimentos empenhados, comportam artilharia leve e excepcionalmente artilharia pesada curta. Seus fogos devem acompanhar e cobrir a infantaria o mais perto possivel, quer de accordo com um plano estabelecido a priori, quer segundo informações fornecidas pelos observadores de artilharia, quer em virtude de pedidos de intervenção partidos da infantaria, *pedidos que elles têm obrigação de satisfazer, dando-lhes prioridade, em todos os instantes do combate.* Para isso, os pedidos da infantaria são dirigidos directamente aos commandantes desses grupamentos.

Os grupamentos de acção de conjunto podem comportar matizes diversos. Não ficam em ligação directa com a infantaria; mas constantemente ligados aos grupamentos de apoio directo, mantêm-se, por consequencia, ao par da situação daquella e ficam em condições de agir em seu proveito da melhor forma possivel."

Tratando da cooperação da artilharia no combate offensivo, o novo regulamento faz uma classificação um pouco differente da que temos aprendido. Assim estabelece:

tiros de preparação, de character eventual; tiros de apoio directo (barragem rolante e bombardeios successivos);

tiros de protecção (executados pela artilharia de acção de conjunto). Os tiros de apoio directo são os tiros de acompanhamento do nosso R. S. C. e R. E. A. A artilharia de apoio directo não faz a protecção, mesmo a approximada como era habito entre nós (\*).

Encontram-se depois dados precisos sobre a profundidade que deve ter a zona de segurança segundo as circumstancias, profundidade traduzida por algarismos que os commandantes de unidades de infantaria devem reter:

— antes da partida do ataque, quando for possivel determinar com exactidão a posição da base de partida e das baterias encarregadas da preparação approximada, ella póde ser reduzida para 150 ou 200 ms.;

— no caso contrario é necessario ter, na

(\*) Aliaz, o regulamento francez conserva a classificação dos ns. 188 a 191 da I. G. U. de 1921.

O nosso R. S. C. considera os tiros de protecção ora na classe do apoio directo, ora como classe independente (pgs. 25 a 27).

O R. E. A. (2ª parte) no n. 79 fala em tiros de acompanhamento e protecção para o apoio da 1ª phase do assalto.

partida, uma zona de segurança de 400 a 500 ms, ou ainda maior, principalmente durante a progressão quando a situação dos elementos mais avançados da infantaria não está bem conhecida. Esta zona de segurança se apresenta, entretanto, diminuída quando se emprega a artilharia de acompanhamento immediato (em distancias pequenas e tiro directo; terreno dobrado e cargas reduzidas com trajectórias pouco razantes).

O regulamento não se esquece de lembrar que na zona de segurança a infantaria só deve contar com os proprios meios.

A proposito dos *tiros de apoio directo* durante o ataque, elle prescreve a *barragem rolante*, o *bombardeio* dos objectivos approximados e a *combinação* dos dois processos.

Esses processos estão perfeitamente indicados nos nossos regulamentos. Só ha de novo, propriamente, a denominação de *bombardeio* para os "fogos contra os objectivos successivos" do R. E. E. A II Parte (pag. 103) ou "fogos de concentração contra objectivos previstos e successivos" do R. S. C. (pag. 27). Aliás o termo *bombardeio* vinha já sendo usado na E. E. M. ha algum tempo.

Aqui convem chamar a attenção para a differença que se deve fazer entre o termo "tiro" — idéa technica — e o "fogo" — idéa de missão tactica, distincção que o regulamento francez não deixa perceber.

Os caracteristicos da *barragem rolante* são expostos minuciosamente:

— combinação da *barragem* propriamente dita (granada percutente na razão de 2 por 15 ms. e em 1 minuto) com o *tiro de varrer* (granada de tempo na razão de 1 por 15 ms. e em 1 minuto), tiro este que se executa numa profundidade de 500 a 600 ms., além da *barragem* percutente;

— *velocidade media* da *barragem* fixada pelo commando em função da *velocidade* propria da infantaria (100 ms. em 3 ou 4 minutos);

— *deslocamento* por *lanços* de 100 ms. (excepcionalmente de 200 ms.).

Como fazem os nossos textos, o regulamento francez aponta as difficuldades e inconvenientes da *barragem rolante* (consumo exaggerado de munição, difficuldade de preparação e ajustamento dos tiros, discordancia entre a *barragem* e a progressão da infantaria, fadiga do material e pessoal).

Devido á dispersão a *barragem rolante* é praticamente inapplicavel além de 5000 ms.

Dahi, só se aconselhar semelhante processo no ataque de posição fortemente organizada para facilitar a partida da infantaria ou para impulsionar esta depois de longa parada, sempre em frente estreita e em pequena profundidade.

E', então, preconizado o processo dos *bombardeios successivos* que consiste em localizar os tiros successivamente sobre certo numero de objectivos, previstos ou revelados durante a progressão. Esses tiros são desencadeados a horario ou por meio de signaes feitos pela infantaria.

Todas essas prescrições são de uso comum entre nós, mas quasi todas se encontram sómente nos regulamentos de artilharia.

O regulamento indica os processos para estabelecer a *concordancia* entre acções da infantaria e da artilharia.

No caso da *barragem rolante* ha a vel. de, os *lanços* curtos e as *paradas* que permitam o ajustamento da infantaria aos *tiros* da artilharia. No dos *bombardeios successivos* o processo do horario para indicar o começo e fim de cada tiro (só possivel em regra, para o ataque do primeiro objectivo) ou então o pedido (signal ou outro meio de transmissão) feito pela infantaria (inicio com o pedido pelo horario ou signal convencionado). Recomenda-se materializar o fim do tiro da artilharia por processos sempre variaveis (tiro de tempo altos, granadas fumigenas, etc.) para que o infante possa aproveitar immediatamente os effectos do bombardeio.

Para os tiros pedidos mas não previstos, vantagem em determinar a priori uma manobra a ser batida e duração fixas, o que ha a forma o pedido em simples designação do objectivo.

Desse modo, o novo regulamento sanciona e officializa os diferentes processos usados até então pelos executantes a seu critério e com o fim de obter a concordancia das acções da infantaria-artilharia.

Esta concordancia vai depender principalmente do bom funcionamento da *ligação* entre as transmissões.

Para a *ligação* o regulamento cuida da preparação dos P. C. e dos destacamentos de ligação. Não ha ali nada de novo, porém, a regem condensadas as regras do R. E. E. A II Parte e Reg. de Trns. Por outro lado, insiste em que: "A *ligação* entre duas unidades deve proporcionar os melhores resultados que o commandante da infantaria pôde, no terreno de bom observatorio, fornecer ao da artilharia dados preciosos sobre suas intenções e de manobra".

Para as transmissões elle preconiza o emprego de código muito simples de convenção (modificações de horario, desencadeamento, levantamento de tiros, tiros não previstos, tiros dados contra pontos dados por coordenadas). Em regra, os signaes de pedidos ao grupo de apoio directo são ordenados pelos cmtes. I. e só excepcionalmente podem ser feitos directamente pelos cmtes. de Btls.

Nada ha de importante sobre o deslocamento da artilharia de apoio directo.

Sobre o emprego da artilharia de acompanhamento immediato o regulamento prescreve ao commandante da infantaria em relação a ella:

"Emquanto não tem missão de fogo, o commandante da unidade de artilharia conserva sua artilharia de acompanhamento immediato e dos tiros."

Indica-lhe ulteriormente os caracteristicos do processo de tiro, nem o tempo de preparação, nem o tempo de execução. Nosso R. E. E. A II Parte, pag. 103, define o processo de tiro, nem o tempo de preparação, nem o tempo de execução.

O lugar do commandante da infantaria de acompanhamento immediato a tarefa de commandante da infantaria; a preparação e o ajustamento do tiro, nem o tempo de preparação, nem o tempo de execução. Nosso R. E. E. A II Parte, pag. 103, define o processo de tiro, nem o tempo de preparação, nem o tempo de execução.

No artigo referente á *Cooperação da Artilharia no combate defensivo* chama-se a atenção para os seguintes pontos:

— necessidade de estabelecer um plano de fogo commum á artilharia e á infantaria, especificando as zonas em que as duas armas intertem quer em superposição, quer isoladamente. Esses tiros se completam mutuamente: os de deter interdicam as partes do terreno que escappam ao fogo das armas da infantaria ou reforçam este nos pontos considerados como essenciais; por sua vez, as barreiras da infantaria são mais densas nos pontos em que não são previstos tiros de deter;

— "a artilharia é impotente para assegurar por si só a inviolabilidade de uma frente de infantaria; só pôde desencadear barragens efficazes sobre frentes estreitas (150 a 200 ms. para a bia, de 75) e por periodos de alguns minutos apenas (conveniencia de economizar a munição e de guardar segredo da bias)";

— o signal de desencadeamento da barragem geral é commum á artilharia e infantaria queagem sobre a mesma zona;

— as barragens parciais são desencadeadas por signaes distinctos dos precedentes e feitos em um ponto designado *a priori*;

— todos esses signaes são feitos por auto-vidades designadas na ordem;

— emprego da artilharia de acompanhamento immediato, principalmente contra metranadoras, canhões, carros de combate e nos contra ataques.

Finalmente, no ultimo artigo cuida dos deveres da *Artilharia para com a Infantaria*, no que diz respeito á segurança desta em combate. Esta resulta da proximidade da tropa de infantaria, que em caso de necessidade deve não só protegê-la contra as tentativas inimigas como prestar-lhe outro auxilio pedido nesse sentido.

\* \* \*

Em capitulo a parte cuida do papel da *Artilharia em cooperação com a Infantaria* (Grupo de reconhecimento divisionario e Pelotão de cavalleiros regimentaes).

O *Grupo de reconhecimento* (um esq. de cavallaria, um esq. de cyclistas com F. M. e Mtrs., um pel. de Mtrs. em automoveis e meios automoveis de ligação e transmissão) é uma unidade tanto ou mais forte que o nosso R. C. e a sua missão no combate é semelhante a que prescrevemos para este:

"Certamente não é possível que todos os soldados sejam dotados de intelligencia superior; muitas vezes acontece que ha soldados, e event. tanto, superiores a seus chefes.

— na guerra, isso torna-se indispensavel que este no momento imminente os seus homens pela educação para a batalha, consciencia pura e exaltada com o No afan de o dever que a alma.

que o infante a honra de commandar não se regulamento ch. com a propria consciencia; se a e caracterist. em muita razão objecto do des- a, assim, de be- ordinados.

entre a artilharia e o dever". — Gen. Tanant, tinuacões sobre as

"E' geralmente empregado na (ou nas) vanguardas;"

Opera a cerca de 4 a 8 kms., dos primeiros elementos da infantaria de modo a pol-a ao abrigo dos fogos da artilharia de calibre médio;

Occupa pontos interessantes do terreno;

Cobre a installação dos P. A.;

Determina o contorno apparente do inimigo;

Conserva o contacto e mantem a linha attingida até a chegada da Infantaria da Vanguarda;

Durante o combate é uma reserva de fogo movel;

No aproveitamento do exito precede francamente a Infantaria para poder manter o contacto;

No combate em retirada mantem o contacto e cobre os flancos ou eventualmente é empregado como elemento retardador.

O *Pelotão de cavalleiros regimentaes* é o nosso Pelotão de esclarecedores montados, usado nas missões de patrulhas e de ligação e transmissões (sem restricção).

\* \* \*

No capitulo reservado á *Aviação* encontram-se as noções uteis aos quadros subalternos da Infantaria. Dá idéa das missões que interessam á Infantaria (reconhecimento, commando, acompanhamento do combate e offensivas) e desenvolve com mais cuidado a missão de acompanhamento do combate.

As noções deste capitulo só são explanadas nos regulamentos de Aviação e por isso desconhecidas da maior parte dos officiaes da Infantaria. Ahi se faz questão de mostrar que o acompanhamento não comporta só o ballsamento das primeiras linhas, mas ainda uma missão de transmissão (signaes emitidos pelos P. C. das unidades empenhadas ou ordens do commando) e uma missão de reconhecimento (collocação das primeiras linhas inimigas, seus órgãos de fogo, suas reservas, etc.).

Ahi elle insiste em que:

"O reconhecimento pelo avião da linha mais avancada attingida pela infantaria é uma operação importante de que depende o auxilio efficaz e immediato da artilharia. Por conseguinte a infantaria tem o dever de balizar sua primeira linha sempre que o avião pedir".

No ultimo capitulo o regulamento trata da cooperação da *Engenharia* porém ahi nada ha de novidade.

(continua)

**ENTEROZYMASE**  
(FERMENTO BULGARO)  
FERMENTAÇÕES E INFECÇÕES  
INTESTINAES & COLITES  
**SILVA ARAUJO & C<sup>IA</sup>**

# Notas sobre a instrucção de conjuncto no quadro do regimento de cavallaria

Pelo Major COLIN

(Da M. M. F. e professor da E. C.)

(Continuação do n. 184)

A acção de cavallaria em estudo no 2.º exemplo:

Destacamento de Descoberta, pertence ao typo "Reconhecer".

## 1 — DETERMINAÇÃO DAS PHASES DO ESTUDO DO DEST. DE DESCOBERTA

(A execução de cada phase dando lugar a um exercicio de conjuncto).

Observam-se duas phases bem nitidas na actuação do destacamento de descoberta: —

1ª phase: até encontrar os primeiros contactos;

2ª phase: depois de ter encontrado os primeiros contactos.

Cada uma dessas duas phases compoem no que se refere á actuação do destacamento de descoberta um certo numero de ensinamentos.

Um exercicio de conjuncto abrangendo execução dessas duas phases traria confusão de espirito dos quadros pelo numero exaggerado de ensinamentos diferentes.

Afim de evitar essa confusão, o estudo do destacamento de descoberta deve dar lugar a um minimo de 2 exercicios de conjuncto comprehendendo cada um a uma destas duas phases e comportando um numero limitado de ensinamentos.

Afim de tornar o estudo ainda mais pratico pode-se mesmo dividir o exercicio correspondente á 2ª phase em 2 partes.

| PHASES                                               | AMBIENTE                                                                                                                                                               | ENSINAMENTOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1ª Phase: até encontrar os primeiros contactos.      | Os grossos inimigos que se trata de reconhecer ainda estão longe.<br>Nenhum contacto ainda foi tomado com os seus elementos avançados (de descoberta ou de segurança). | Pôr em luz o 1º acto do destacamento de descoberta: utilizando-se da sua rapidez de locomoção e da sua flexibilidade, o destacamento age de modo a attingir o mais depressa possível os 1ºs contactos interessantes — tende-se por estes contactos, os cuja contiguidade interdita a marcha das patrulhas de descoberta.<br>A idéa importante nessa phase é pois actuar depressa de modo a alcançar tão cedo quanto possível o contacto interessante.<br>Todas as disposições tomadas devem visar a tornar a marcha rapida. |
| 2ª Phase: depois de ter encontrado os 1ºs contactos. | As patrulhas de descoberta são detidas pelas redes de fogos mais ou menos continuas (geralmente cavallaria de segurança).                                              | Pôr em luz o 2º acto do destacamento de descoberta:<br>Pondo a potencia de fogo relativa, que se sue, ao serviço da sua faculdade de movimento, o destacamento procura romper essas redes, afim de, tomando um contacto tão profundo quanto lhe permittem os seus meios, colher o maximo de informações compativel com a força.<br>Attingindo o limite dessa força, o destacamento conserva o contacto tomado e informa                                                                                                     |

## II — PREPARAÇÃO DOS EXERCÍCIOS

## A — Preparação intellectual.

a) Meios próprios para salientar os ensinamentos que comporta cada exercício e torná-lo typico e demonstrativo.

Escolha da situação das tropas amigas e inimigas. Um thema simples estabelecido pelo coronel enquadra e acciona a marcha do destacamento de descoberta.

Em cada exercício, a situação das tropas amigas e inimigas será fixada de modo tal que o destacamento de descoberta se encontre ambiente particular á phase estudada (ver os ambientes fixados no quadro acima assim como os themas das duas (2) phases).

**Escolha do terreno** — Fixados os ensinamentos que quer salientar, o coronel escolhe para a actuação do destacamento de descoberta terreno que melhor salientará estes ensinamentos.

Na 1ª phase, o terreno não intervem — Na 2ª ao contrario, o coronel escolhe para a acção de força do destacamento o terreno favorecendo o emprego dos seus fogos e a acção surpresa (possibilidade de apoio pelo fogo terreno favorecendo a progressão) — Alem disso e no caso do exercício, este terreno foi escolhido de modo a permitir a execução com os reaes duma parte da 2ª phase.

**Determinação da actuação das tropas amigas.**

O inimigo, á disposição do coronel permitte pela sua actuação salientar este ou aquellos ensinamentos que este ultimo tem em m'ra.

Na 1ª phase duas patrulhas ligeiras mandadas respectivamente para a encruzilhada 00 N. de Santissimo e para a estrada N. da Serra do Quitungo são sufficientes.

No fim dessa phase é necessario deter as patrulhas de descoberta do destacamento, com esse objectivo o director do exercicio organisou regiao do arroio Sarapuby o incidente necessario.

Este incidente serve para a 2ª phase — Para essa ultima fixar ainda a resistencia deitativa deante da qual o destacamento ficará definitivamente detido.

## B) Condições de Execução dos exercicios

**Constituição da tropa de manobra** — 1 esquadra e 1 S. M. — (facilmente realisavel a despeito de fraqueza dos effectivos).

**Constituição de tropa inimiga** — Um effectivo muito pequeno chega.

phase... — 2 patrulhas ligeiras  
— ½ pelotão estabelecido em posto, na região da col. do Heron e Capão Redondo, com vigilância em col. do Cemiterio e na passagem do arroio Sarapuby.

phase... — O mesmo pelotão da 1ª phase  
— Este mesmo ½ pelotão depois de sua retirada servirá para representar um ou (2) dous dos pequenos postos da linha de P. A. inimiga.

— Phases do exercicio — já determinadas.

— Instruções previstas — nenhuma.

— Convenções a respeito do terreno, do inimigo e do destacamento de descoberta vizinho.

Nenhuma convenção a respeito do terreno.

A respeito do inimigo e do destacamento de descoberta vizinho, o director do exercicio deu as instruções necessarias á execução da 2ª phase. Alem d'isso a propria linha de resistencia dos P. A. inimigos foi balizada (bandeiras de cor).

## B) Preparação material.

**Objectivo** — Permite e facilita a execução do exercicio e sua fiscalisação.

— Representação das manifestações da actividade inimiga.

Numa e noutra phase o inimigo está representado. — Elle actua por fogos de festim.

— representação das manifestações da actividade amiga.

a tropa amiga actua por fogos de festim. Sinaes — foguetes — a fixar pelo director dos exercicios.

— Organização do serviço de arbitragem.

Na 1ª phase um official com o ½ pelotão inimigo, encarregado de deter as patrulhas de descoberta amigas.

Na 2ª phase ficará 1 official com cada um dos pelotões amigos que terão um papel activo.

Estes officiaes julgarão dos effectos dos fogos (inimigo — amigo) assim como da progressão dos diferentes pelotões do destacamento.

**Uniforme** — munição — Fixado pelo director do exercicio para a tropa de manobra e plastrão.

## III — EXECUÇÃO DOS EXERCÍCIOS

Veja os principios expostos por occasião da apresentação dos exercicios da V. G.

## IV — FISCALISAÇÃO DOS EXERCÍCIOS

Veja os principios expostos por occasião da apresentação dos exercicios da V. G.

**Typo:** Reconhecimento — Destacamento de descoberta.

Regulamentos: R. S. C. — Tit. VI — Cap. II; R. E. C. C. (4ª parte) Titulo III — artigos I, II, III, IV, VI e VII; — Tit. IV — Cap. IV art. II par. 214 — art. III par. 218 — Cap. V art. I par. 228 — art. II par. 229;

Para o emprego dos meios de transmissão pelas tropas de todas as armas;

Para os exercicios e o combate da aviação (3ª parte — Tit. VII).

## THEMA

I — Trava-se uma batalha ao N. da Serra de Madureira, entre um Exercito Vermelho de leste e um Exercito Azul de oeste.

O Cmt. do Exército Azul está informado e que, desde alguns dias, o inimigo está desembarcando tropas na bahia do Rio de Janeiro (região da ilha do Governador).

Destacamentos assignalados em Madureira, Deodoro, Ricardo de Albuquerque e Anchieta parecem fazer parte da cobertura dessas forças de desembarque.

II — Temendo pelo seu flanco S., o Cmt. do Exército Azul decide cobri-lo, a léste das linhas d'agua de Sta. Cruz, por um destacamento de todas as armas.

Deante da impossibilidade do destacamento attingir essa ultima região antes do dia 11, o Cmt. do Exército Azul dá, no dia 8 de tarde, ordem a uma Bda. de C. e 1. Gr. de Arf. para transportarem para Sta. Cruz — Campo Grande — Bangú e Deodoro, com a missão de:

1º/ Reconhecer os destacamentos inimigos assignalados em Madureira, Deodoro, Ricardo de Albuquerque e Anchieta.

2º/ Procurar romper essa cobertura de modo a perturbar os desembarques inimigos.

3º/ Caso esses desembarques estejam terminados, retardar a marcha do inimigo para O. até o dia 11, afim de cobrir o desembocar do destacamento amigo a O. das linhas d'agua de Sta. Cruz.

III — No dia 9 a Bda. e o Gr. alcançam a região do correio do Piranema (10 a 12 kms. N. de Sta. Cruz), onde estacionam.

Dois destacamentos de descoberta compostos de 1 esq. e 1 Sec. Mtr. com 1 posto de T. S. F. regimental, lançados pela Bda., alcançam, respectivamente, Sta Cruz e Fazenda do Cabral.

No dia seguinte (10 de Setembro) esses dois destacamentos de descoberta devem marchar para léste, enquanto a Bda. seguirá em condições de poder apoiar a descoberta e manter, no fim da jornada, as desembocaduras E. dos desfiladeiros da região de Bangú e ao N.

1 Esq. }  
1 Sec. } Direcção: Campo Grande — Ban-  
Mtr. } gú — Deodoro.

1 Esq. }  
1 Sec. } Direcção: Anchieta.  
Mtr. }

Limites das zonas dos destacamentos.

Serra da Paciência — Rio do Ar — Mº do Luiz Bom — Mº do Santissimo — Mº dos Coqueiros — Mº do Retiro — cota 60 (S. O. da Colina da Torre) — cota 60 (S. de Fazenda do Engenho Novo) — Mte. Alegre e Mº do Jacques.

Na sua zona:  
— reconhecer a situação dos destacamentos inimigos assignalados em Madureira, Deodoro, Ricardo Albuquerque e Anchieta.  
— assignalar os movimentos inimigos na direcção de O.

Informações para o eixo da Estrada Real segundo o qual se deslocará o Gen. Cmt. da Bda.

Horas de passagem da Vg. da Bda.: Sta. Cruz — 6,45; Campo Grande — 8,30; Santissimo — 9,15; arroio Sarapuby — 10,00.

Informações da aviação — No dia 9 de tarde a aviação informa que não viu movimento algum do inimigo a O. da E. F. C. B.

1ª Phase do Exercício: Estudo da operação do destacamento de descoberta do N. até encontrar os primeiros contactos.

(objecto de um exercicio de conjunto de esquadrão)

Ordem dada pelo Cap. Cmt. do destacamento de descoberta do Norte, no dia 9, em Fazenda Cabral.

## I — PHASE DA REFLEXÃO

1º/ ONDE SE ACHA O INIMIGO? Resposta: posta:

Tropas vermelhas estão desembarcando na bahia do Rio, na região mais proxima da ilha do Governador.

Destacamentos vistos em Madureira, Deodoro, Ricardo de Albuquerque e Anchieta parecem pertencer á cobertura dessas tropas de desembarque.

Até hoje de tarde, nenhum movimento a O. da E. F. C. B.

2º/ DE QUE SE TRATA? Resposta:

Missão recebida: Na zona affecta ao destacamento (veja thema):

— reconhecer a situação dos destacamentos inimigos assignalados em Deodoro, Ricardo de Albuquerque e Anchieta;

— assignalar os movimentos inimigos em direcção a O.

Missão de reconhecimento em proveito da Bda.

a) Como agir? Resposta:

Qualquer que seja a situação do inimigo, ainda parado ou já em movimento, devo em 1º lugar procurar o seu contacto.

Encontrando o inimigo, devo depois reconhecer-o, isto é, tomar o seu contacto tão profundamente quanto o permittir a minha capacidade offensiva, afim de fornecer á Bda. o maximo de informações compativel com a minha força. (R. E. C. C.—4ª parte—Titulo III—Cap. I—art. IV—paragrapho 49).

A procura do contacto com o inimigo não implica numa acção de força e será confiada a elementos ligeiros e por conseguinte rápidos e flexiveis — (patrulhas ligeiras) — (R. E. C. C. — 4ª parte — Titulo III — Cap. I—art. IV — paragrapho 49).

Essas patrulhas serão destacadas para os pontos em que foi assignalado o inimigo e para as direcções pelas quaes elle pôde chegar.

A tomada de contacto incumbe ao grosso do destacamento, orientado a principio pelas primeiras informações das patrulhas.

1ª conclusão: O meu destacamento deve marchar em 2 escalões:

1º/ um escalão de patrulhas ligeiras, cuja missão é procurar o contacto com o inimigo.  
2º/ o grosso do destacamento, cuja missão será prosseguir, em proveito da Bda., até limites dos seus meios, na tomada de contacto principial das patrulhas.

Para isso é necessário que, além de coo, esse grosso esteja:

- perfeitamente ligado às patrulhas;
- em condições taes que possa explorar rapidamente as informações positivas ou negativas colhidas por essas ultimas e informar a, em proveito de quem elle trabalha.

Para que a acção do grosso do destacamento seja bem ligada á das patrulhas é necessário actuar por meio de redes successivas de patrulhas que reconheçam progressivamente a zona, ou então actuar por patrulhas comas, ligadas ao grosso pela obrigação de arem informações para pontos determinados, embora negativamente.

Para que o grosso do destacamento possa explorar rapidamente as informações das patrulhas é necessário que:

1º, as patrulhas não actuem demasiadamente distantes do grosso;

2º) as suas informações cheguem ao grosso em pontos que favoreçam a sua actuação em qualquer direcção.

Para que enfim, o grosso esteja sempre em condições de informar a Bda., é necessário elle mantenha sempre livre o eixo para o qual devem ser encaminhadas as informações. São essas diferentes necessidades que em ao destacamento de descoberta a marpor lances, prescriptas pelo regulamento E. C. C. — 4ª parte — Titulo III — I art. IV — paragrapho 49).

São ellas que determinam a escolha dos pontos successivos do destacamento.

Estes lances deverão pois, tanto quanto possível, permitir:

- a recepção das informações das patrulhas;

- a exploração eventual e rapida dessas informações pelo grosso, numa ou noutra direcção;

- a transmissão das informações para a Bda. (Bda.).

2ª conclusão: O meu destacamento, indo por patrulhas ligadas com elle, marchando por lances, satisfazendo cada um ás suas necessidades indicadas.

Além disso, eu recebi uma zona e tenho a liberdade de nella escolher este ou aquelle ponto para a marcha do meu destacamento. Ora, a minha missão é procurar e reconhecer o inimigo nessa zona.

3ª Conclusão: O grosso do destacamento marchará pelo eixo mais importante, no ponto mais da missão, isto é, no eixo em que se tem maiores probabilidades de encontrar o inimigo.

Enfim, é de toda necessidade que, até o fim, a marcha do destacamento se effectue com rapidez. Isto é, na velocidade media de 10 kms. por hora, por exemplo.

Para isso, é necessário que o destacamento, assim como acabamos de ver, conta

com as suas patrulhas, para orientar a sua marcha, receba sem demora as informações dessas ultimas.

4ª Conclusão: As patrulhas deverão ser destacadas de tal modo e com antecedencia tal que possam effectuar o trabalho de reconhecimento e informar, sem que atrazem a marcha do grosso do destacamento.

Este estudo para a ramessa das patrulhas está feito no paragrapho:

“Quando iniciar a acção?”.

b) Como adaptar essas conclusões ao terreno? Resposta:

Por onde destacar as patrulhas?

O meu objectivo (correspondente á minha zona) é a E. F. C. B. entre Ricardo de Albuquerque e Anchieta, onde foram vistos destacamentos inimigos.

Além disso, si o inimigo marchar para O., é nas estradas que vêm destes povoados que o encontrarei em 1º lugar.

A carta mostra uma só direcção interessante até a região de Sant'Anna:

— Estrada dos Palmares — Estrada do Campinho — Estrada do Rio do Ar.

Depois de Sant'Anna, 2 direcções:

— Estrada da Posse — Estrada do Boqueirão — Cancellaria Preta, e depois Estrada do Carrapato ou linha de bonde de Gericeio (para Anchieta ou Ricardo de Albuquerque): direcção a mais importante.

— Estrada do Rio da Prata do Mendanha, Estrada N. da Serra do Quitungo, Collina do Cemiterio, Fazenda do Cabral, Anchieta: direcção um pouco excentrica.

E' evidente que se eu tiver uma patrulha na direcção mais importante,erei informado, caso o inimigo se movimentar para O., porem, terei poucos elementos para actuar rapidamente com meu grosso, nada sabendo a respeito da outra direcção, que deverei neste momento mandar reconhecer.

Em consequencia, uma patrulha para cada uma dessas duas direcções.

Vejamos depois (paragrapho: “Quando iniciar a acção”) os objectivos dessas patrulhas.

Quaes as informações a pedir a essas patrulhas?

Acabamos de ver que as patrulhas, pelas informações que fornecem, orientam a acção do grosso e notadamente a direcção seguida por elle. Com effeito, o objectivo do destacamento de descoberta é ver. Elle não procura o combate ao qual só recorre quando fór um meio de obter informações (prisioneiros) ou o unico meio para alcançar o objectivo fixado. Em caso de encontro com inimigo, o destacamento de descoberta, antes de recorrer ao combate, utilizar-se-á das direcções livres para progredir tendo em vista o seu objectivo.

No caso presente, são 2 as direcções que conduzem aos objectivos. Um olhar na carta mostra que, em caso de encontro com o inimigo, para poder mudar de direcção a tempo, é necessário que o Cmt. do Destacamento de descoberta seja informado, mesmo negativamente:

— ao alcançar Sant'Anna { a respeito das entradas a O. dos desfiladeiros Mo dos Coqueiros — Serra do Quitungo, Serra do Mendanha.

— ao alcançar a região das sa- hidas E. dos desfiladeiros a- cima { a respeito das passagens do arroio Sarapuhy.

Informações mesmo negativas serão por pedidas ás patrulhas, a respeito dessas regi- ões.

Para onde fazer marchar o destacamento?

O eixo em que ha mais probabilidades de encontrar o inimigo sendo: Estrada dos Palma- res — Estrada do Campinho — Estrada do Rio do Ar — Estrada da Posse — Estrada do Boqueirão — Cancellia Preta — Estrada do Carrapato, é por este eixo que marchará o grosso do destacamento.

Quaes são os lances do destacamento?

Foram estudadas acima as condições a que devem satisfazer os lances do destacamento (veja paragrapho a): "Como agir".

Ora, a região de Sant'Anna permite a facil recepção das informações das patrulhas, dá ao grosso acesso quer para a estrada da Posse, quer para a estrada do Rio da Prata do Mendanha e commanda, enfim, as communi- cações para a retaguarda.

Essa região será o 1º lance do destaca- mento.

Por motivos semelhantes vc-se que os ou- tros lances serão:

— a entrada E. do desfiladeiro Mo dos Coqueiros — Serra do Quitungo;

— a região do arroio Sarapuhy e das al- turas O. do Campo de Instrução.

c) Qual o effectivo a empregar? Res- posta:

Questão já resolvida:

Grosso. { 2º Pel. (menos 1 esquadra de exploradores).  
3º Pel. (menos 1 esquadra de exploradores).  
Sec. Mtr.  
4º Pel. (menos 1 esquadra de exploradores).

Cobertura. { Vg. .... 1º Pel.  
Rg. .... 1 esquadra

Informação. { 1 esquadra do 2º Pel.  
1 esquadra do 3º Pel.

Quanto ao commando das patrulhas, elle resalta do estudo feito no paragrapho: "Quan- do iniciar a acção?".

d) Quando iniciar a acção? Resposta:

O thema fixa que o destacamento deve partir da Fazenda do Cabral, ás 6 hora do dia 10 de Setembro.

Basta determinar a que hora devem tir as patrulhas e esse calculo vae nos levar determinar não só essa hora mas tambem modo de proceder na remessa dessas patrul- has.

Vimos acima (§ a) como agir? e essas patrulhas devem:

— procurar o contacto com o inimigo  
— estar constantemente ligadas ao grosso do destacamento

— não atrazar a marcha deste ultimo  
As duas primeiras condições levar-nos a decidir:

da sua direcção (as 2 indicadas no § a) como adaptar as conclusões ao terreno?)

— patrulhas successivas formando progressivamente ou  
— do modo da sua remessa — patrulhas continuas das ao grosso pela obriga- ção de informar em pontos terminados, mesmo ne- cessariamente.

E' necessario escolher estes 2 modos. O estudo da 3ª condição que devem fazer essas patrulhas: "não atrazar a marcha do grosso", permittir-nos-á fazer essa escolha.

Com effecto vimos (paragrapho b): "Como adaptar as conclusões ao terreno?"; que formações a pedir ás patrulhas? e quaes os lances do destacamento) que o Com- mandante deseja ser informado, me- diante:

— em Sant'Anna { a respeito das entradas dos desfiladeiros: Mo dos Coqueiros — do Quitungo, Serra do Mendanha.

— na entrada E. do desfiladeiro Mo Coqueiros — Serra do Quitungo { A respeito do Sarapuhy

— na região do Sarapuhy — al- turas O. do Campo de In- strução { A respeito de Anchico e de Ricardo de Albuquerque

Ora, partindo ás 6 hs. da Fazen- da do Cabral e marchando com a velocidade de 10 por hora, o grosso do destacamento chegará a essas diferentes regiões nas horas seguintes:

— Sant'Anna .....  
— Entrada E. do desfiladeiro Mo do Retiro — Serra do Quitungo. ....  
— Arroio Sarapuhy — alturas O. do Campo de Instrução. ....

Para que a sua marcha não seja atazada, é necessário que as informações das patrulhas cheguem mais ou menos nestes pontos e a essas horas.

Ora, admitindo que as patrulhas marcham com a velocidade de 12 kms. por hora, dois cálculos simples, correspondendo aos dois modos de remessa das patrulhas (veja quadros juntos), mostram que até o arroio Sarapuhy os dois modos de organizar patrulhas permitem ao destacamento a mesma velocidade.

Depois do arroio Sarapuhy, ao contrario, o processo das patrulhas continuas permite ao destacamento continuar a sua marcha sem demora, no passo que o outro obriga o destacamento a esperar durante uma hora as informações das patrulhas, a respeito de Anchieta e Ricardo de Albuquerque.

Escolhemos, por conseguinte, o 1º processo.

Os cálculos abaixo mostram também que as patrulhas devem partir de Fazenda do Cabral às 5 hs. 20.

Emfim, vê-se que a conducta dessas patrulhas com objectivos longínquos deve ser confiada a officiaes.

## II — PHASE DA DECISÃO

Da "reflexão" que precede resulta uma ordem (tipo nº 1: Movimento) — dada no dia 9 a noite — (verbalmente).

### ORDEM

I — Destacamentos inimigos assignalados em Madureira — Deodoro — Ricardo de Albuquerque e Anchieta parecem fazer parte da cobertura dos desembarques em via de execução na bahia do Rio.

Hoje de tarde a aviação nao assignalou movimento inimigo algum a O. da E. F. C. B.

O Destacamento de descoberta, operando na zona comprehendida entre a Serra do Mendanha e a linha: Serra da Paciencia, Rio do Ar, Mº do Luiz Bom, Mº do Santissimo, Mº dos Coqueiros, Mº do Retiro, cota 60 (S. O. da Collina da Torre) cota 60 (S. da Fazenda do Engenho Novo), Mte Alegre Mº do Jacques — tem por missão:

— reconhecer a situação dos destacamentos inimigos assignalados em Ricardo de Albuquerque e Anchieta;

— assignalar os movimentos inimigos em direcção a O.

II — Em consequencia:

2º Pel. (menos 1 esquadra de exploradores);

a) O GROSSO DO DESTACAMENTO

3º Pel. (menos 1 esquadra de exploradores);

Sec. Mtr.

na ordem: 4º Pel. (menos 1 esquadra de exploradores).

marchará amanhã às 6 horas pela: Estrada dos Palmares, Estrada do Campinho, Estrada do Rio Ar, Estrada da Posse, Cancellia Preta, Estrada do Carrapato.

b) Coberto por 1º Pel. — Vg.  
1 esquadra do 4º Pel. — Rg.

— 1 esquadra do 2º Pel. com official para igreja de Sant'Anna, Estrada do Rio da Prata do Mendanha, Collina do Cemiterio, Fazenda do Cabral, Anchieta.

— 1 esquadra do 3º Pel. com official para igreja de Sant'Anna, Estrada da Posse, Estrada do Boqueirão, Cancellia Preta, Estrada do Carrapato.

c) Informado por . . . . .

Missão commum: assignalar os movimentos sobre este itinerario.

Informações: mesmo negativas ao alcançar as seguintes linhas: Mº do Taquaral — ponte do Mendanha, arroio Sarapuhy, Anchieta — Deodoro.

As informações serão mandadas pelo eixo de marcha do destacamento.

## III — Marcharei na testa do grosso.

|                     |                     |         |
|---------------------|---------------------|---------|
| Hora de partida     | Grosso . . . . .    | 6 horas |
|                     | Patrulhas . . . . . | 5h.20   |
| Velocidade. . . . . | Grosso . . . . .    | 9 kms.  |
|                     | Patrulhas . . . . . | 12 kms. |

2ª Phase do Exercício: Estudo da operação do destacamento de descoberta do N. depois de ter encontrado os primeiros contactos. (Objecto de 1 ou 2 exercicios de conjunto de esquadra).

### THEMA

#### O do 4º Exercício

#### Situação Particular.

As 5h.15, o destacamento de descoberta (do N.) attinge os losques a E. do ponto 39 da estrada do Boqueirão.

Nessa hora o Cap. Cmt. do destacamento recebe das suas patrulhas as seguintes informações:

Ten. X. Cmt. da patrulha do 2º Pel. (7h.30 - cota 40 - 700 ms. S. O. da collina do Cemiterio). Recebi tiros de fuzil que partiam da cota 30 (S. da Collina do Cemiterio) e das vertentes S. E. do Mº do Capim Molado. Impossivel progredir — Mantenho o contacto.

Fen. Y. Cmt. da patrulha do 3º Pel. (7h. Ponto 300 ms. S. do canto N. O. do Campo de Gericinó, sobre o arroio Sarapuhy). Arroio Sarapuhy intransponivel ao S. do canto N. O. do campo de Gericinó excepto no ponto 300 ms. S. desse canto erobra difficilmente. Recebi tiros de fuzil que partiam da cota 30 a S. O. da collina do Capão Redondo e da cota 60 (S. da Cancellia Preta). Impossivel progredir — Mantenho o contacto.

A — DECISÃO TOMADA E ORDEM DADA  
PELO CAP. ÀS 8h 15 AO RECE-  
BER AS INFORMAÇÕES DAS PATRULHAS.

# I — REFLEXÃO

1º/ ONDE SE ACHA O INIMIGO? Res-  
posta:

As minhas patrulhas colhidas por fogos  
que partiam da linha: vertente S. E. do Mº  
do Capim Melado, Collina do Cemiterio, cota  
30 (S. O. da Collina do Cemiterio), cota 30  
(S. O. da Collina do Capão Redondo), Can-  
ella Preta ficaram detidas.

2º/ DE QUE SE TRATA? Resposta:  
Ordem recebida:

— Reconhecer os destacamentos inimigos  
assignalados em Ricardo de Albuquerque e An-  
chieta;

— Informar sobre todo o inimigo encon-  
trado na zona do destacamento.

Devo, pois, em ora reconhecendo que o  
inimigo se oppõe á marcha das minhas patru-  
lhas, procurar att'ngir Ricardo de Albuquerque  
e Anchieta.

a) Como agir? Resposta:

Para isso conseguir é necessario:

— abrir na resistencia inimiga uma pas-  
sagem por onde possa destacar em direcção  
aos objectivos, novos reconhecimentos cujas in-  
formações orientarão no amente a actuação do  
destacamento;

— manter o terreno conquistado e o  
eixo das transmissões durante o tempo neces-  
sário para a actuação dos reconhecimentos e  
a volta das suas informações.

E' pois necessario atacar a resistencia ini-  
miga.

Se o ataque fór bem succedido, o destaca-  
mento poderá proseguir na sua missão.

Se não o fór, o ataque será um excellente  
meio para reconhecer o inimigo.

Por conseguinte, terei cumprido a minha  
missão de reconhecimento.

Tomada essa decisão, posso resolver desde  
já quanto á região em que centar essa opera-  
ção? Evidentemente sim (veja § b: como ada-  
ptar essas decisões ao terreno?).

Escolhida a frente de ataque, posso dar  
logo a ordem de ataque?

Evidentemente, não:

Não se pôde atacar uma frente cujo con-  
tacto ainda não foi obtido sob a unica infor-  
mação de patrulhas ligeiras.

Essas informações são, com effeito, por-  
demais vagas. O inimigo pode mudar o seu  
dispositivo e mesmo ir-se embora.

Alem disso, quem sabe se o inimigo não  
se retrahirá sob a unica pressão da Vg. e das  
patrulhas de flanco?

Emfim, não se pode dar uma ordem de  
ataque sem ter visto o terreno.

Devo, pois, escolhida a frente de ataque,  
conduzir por ahí o grosso do destacamento tão  
rapidamente quanto possível afim de:

— reconhecer essa frente de modo mais  
preciso (Vg. — patrulhas de flanco).

— ver o terreno;

— ficar prompto para agir com o grosso.

b) Como adaptar essas decisões ao te-  
reno? Resposta:

Onde atacar?

A região em que se vae atacar deve ser  
primeiro lugar prestar-se á operação:

— facilidades offerecidas pelo terreno  
(aproximação — apoio pelo fogo);

— ponto fraco da defesa.

Alem disso, se a operação fór bem suce-  
dida, o grosso do destacamento terá de manter  
aberta a passagem, pelo menos durante o tempo  
necessario á operação das patrulhas e á volta  
das suas informações.

E' pois, mistér, em segundo lugar, apor-  
tar-se de uma região de defesa facil.

Ora, um olhar na carta permite ver:

1º) Que a frente inimiga comprehendia  
entre o Mº do Capim Melado e o canto N. O.  
do Campo de Gericiú é a região mais favor-  
vel para a operação do destacamento;

— o terreno bastante coberto favorece  
a progressão.

— é na zona do destacamento a unica re-  
gião em que se pode empregar com proveito  
fogo das metralhadoras para apoiar a progre-  
ssão dos pelotões (cota 40 — S. O. da Collina  
do Cemiterio).

2º) Alem disso, as informações enviadas  
pelas patrulhas: (passagem 900 ms. S. O.  
canto N. O. do Campo de Gericiú livre) dá  
como possível uma acção efficaç de surpresa  
contra a resistencia assignalada na região de  
cota 30 (S. da Collina do Cemiterio).

3º) Emfim, bem succedida a operação,  
corredor comprehendido entre o Mº do Capim  
Melado e o arroo Sarapuby é de defesa in-  
tante facil, sendo os seus dois lados apoiados  
por obstaculos (a Serra de Gericiú e os arroos  
Sardinha e Sarapuby) — Com uma pequena  
organisação defensiva que se apoie á serra  
ao arroo Sarapuby e com uma cobertura fre-  
sco terreno plano e descoberto do Campo  
de Gericiú a passagem aberta pelo destacamento  
poderá ser mantida durante o tempo neces-  
sario.

PARA ONDE E COMO TRANSPORTAR  
O DESTACAMENTO?

O objectivo sendo a região da collina do  
Cemiterio, a carta dá logo o itinerario do des-  
tacamento: Estrada do Boqueirão, camin-  
ho que vae da encruzilhada 1 km. N. O. do  
do Retiro para cota 30 (1.000 ms. N. E.  
dessa encruzilhada), estrada S. — N. que  
dessa cota 30 para a collina do Cemiterio.

Vê-se tambem immediatamente que  
partir da sah da E. do desfiladeiro Mº do Re-  
tiro — Serra do Quitungo, o destacamento  
assim como vimos, deve tomar o contacto  
o inimigo, precará para isso e para sua  
rança de patrulhas de flanco alem da sua Vg.

— 1 patrulha para o itinerario Estrada  
do Boqueirão até a encruzilhada (500 ms. N. E.  
do Mº do Retiro) — estrada S. — N. pa-  
tindo dessa encruzilhada, ponto 900 ms. N. E.  
do canto do Campo de Gericiú, canto N. O.  
do Campo de Gericiú — collina do Trem.

— 1 patrulha para as vertentes S. e  
E. do Mº do Capim Melado — desfiladeiro  
entre este morro e collina do Cemiterio.

c) Que effectivo empregar? Resposta:

- 2º Pel. menos 2 esquadras  
(patrulhas de descoberta — patrulha de flanco N.)  
3º Pel. menos 2 esquadras  
(idem, idem)  
Sec. Mtr.  
4º Pel. menos 1 esquadra  
(Rg.).

1º Pel. - Vg.

1 esquadra do 2º Pel. patrulhas de flanco a partir da sahida do desfiladeiro Mº do Retiro — Serra do Quitungo.  
1 esquadra do 3º Pel.

Informação (pelas patrulhas de descoberta em contacto).

d) Quando iniciar a acção? Resposta: Immediatamente.

## II — DECISÃO

(ordem verbal — typo nº 1: movimento)

I — Os reconhecimento do destacamento formam que ficaram detidos diante da frente: Mº do Capim Melado, collina do Cemiterio, cota 30 (S. da collina do Cemiterio), cota 30 (S. O. da collina do Capão Redondo) Cancellata.

E' minha intenção reconhecer a frente inimiga entre o Mº do Capim Melado e o canto O. do Campo de Gericinó afim de a atacar posteriormente.

II — Em consequencia, o destacamento e marchar para a collina do Cemiterio pelo itinerario: Estrada do Boqueirão, caminho que e da encruzilhada 1 km. N. O. do Mº do Retiro para a cota 30 (1 km N. E. dessa encruzilhada — estrada S.—N. indo dessa cota para a collina do Cemiterio).

2º Pelotão

3º Pelotão

Sec. Mtr.

4º Pelotão

o Grosso

1º Pel. — Vg.

1 esquadra do 2º Pel. (patrulha de flanco N.) para as vertentes S. do Mº do Capim Melado valle entre este Mº e a Collina do Cemiterio.

1 esquadra do 3º Pel. (patrulha de flanco S.) para encruzilhada 500 ms. N. E. do Mº do Retiro, estrada S.—N. que parte dessa encruzilhada, ponto 900 ms. S. do canto N. O. do Campo de Gericinó, canto N. O. do Campo de Gericinó, collina do Trem.

a partir da sahida E. do desfiladeiro Mº do Retiro, Serra do Quitungo.

PAPEL da Vg.

c) informado pelas patrulhas de descoberta ao contacto.

III — Marcharei com o 1º Pel. Execução immediata.

## III — EXECUÇÃO

Execução ao trote.

Às 8h.30, a testa do grosso do destacamento attinge ao trote a encruzilhada 300 ms. N. E. do entroncamento 1 km. N. O. do Mº do Retiro; o 1º Pel. (1ª, 3ª 4ª esquadras) vae attingir a cota 30 (1.200 ms. S. S. O. da collina do Cemiterio), a ponta (cabo e cavalheiros da 2ª esquadra não utilizados como exploradores) está na passagem da estrada de marcha sobre o arroio N. dessa cota.

Os exploradores da ponta entraram em contacto com a patrulha de descoberta do 2º Pel. e attingiram:

— a região da casa da cota 40 (800 ms. S. O. da collina do Cemiterio): exploradores do flanco esquerdo.

— a orla de matto 500 ms. S. da collina do Cemiterio sobre a estrada de marcha: exploradores da ponta.

— a orla de matto 500 ms. S. da collina do Cemiterio a leste da estrada de marcha: exploradores do flanco direito

Estes tres grupos de exploradores são detidos por tiros de fuzil que partem, da collina do Cemiterio e da cota 30 (S. dessa collina).

## ESTUDO DA OPERAÇÃO DO 1º Pel. Vg. DO DESTACAMENTO

(exercício executado no correr de 1 sessão de instrução de Pelotão para corrigir os erros assignalados na direcção do exercicio de conjunto do esquadrao).

Neste momento o Cmt. do 1º Pel. está com a ponta onde elle recebe as informações dos seus exploradores. Transporta-se com a sua ligação até a ultima coberta (orla do matto 500 ms. S. da collina do Cemiterio).

## I — REFLEXÃO

1º/ Onde se acha o inimigo?

Atradores inimigos occupam collina do Cemiterio (vertentes S.) e cota 30 (S. da collina do Cemiterio).

2º/ De que se trata?

— Reconhecer essa resistencia em proveito do destacamento.

— Repellir a se for possível, ou, pelos menos facilitar a futura acção do destacamento, apoderando-se dos pontos do terreno susceptiveis de favorecer essa acção (apoio pelo fogo — base de partida)

— Se não for possível, cobrir o desenvolvimento do grosso do destacamento que fomar por sua conta a operação.

Coberto por

a) Como agir?

— Para reconhecer o inimigo é necessario provocar de sua parte uma reacção. Isto é, suscitar a abertura do fogo das suas armas que talvez não se tenham revelado á vista de simples exploradores — Conclusão: abordeal-o sobre toda a frente de que estou incumbido;

Para repellir-o é preciso ameaçar-lhe os flancos e para isso, abordando ao mesmo tempo sobre toda a sua frente, devo ficar em condições de aproveitar das lacunas do seu dispositivo.

Essa mesma operação, se não tiver bom exito completo, permittir-me-á talvez a conquista dos pontos do terreno interessantes para a futura operação do destacamento

— Para cobrir o desenvolvimento do grosso do destacamento é necessario assegurar a posse dos pontos do terreno dos quaes o inimigo pode intervir sobre elle pelo seu fogo.

Desse raciocinio decorre a conclusão: eu devo tentar progredir na frente que me pertence com o meu pelotão desenvolvido.

b) Como adaptar essa conclusão ao terreno?

Um olhar no terreno e na carta mostra que a progressão é possivel:

— na margem O. do arroio O. do arroio Sarapuhy (terreno coberto desenhado ás vistas dos at'adores da cota 30 S. da collina do Cemiterio) em direcção ás vertentes S. e S. E. da cota 30.

— ao N das cotas 40 e 30 (S. O. da collina do Cemiterio) embora mais difficilmente, por causa dos t'ros que partem da collina do Cemiterio — em direcção á collina do Cemiterio.

Carta e terreno mostram tam'em:

— que a progressão pode ser apoiada da cota 40 (S. O. da collina do Cemiterio) donde se tem vistas sobre a collina do Cemiterio e sobre a cota 30 (S. dessa collina).

E' tambem evidente:

— que a posse da cota 30 (S. da collina do Cemiterio) é importante para a futura operação do grosso do destacamento (ponto interessante para sua base de partida, apoio do ataque pelo fogo).

— que a linha que cobre o desenvolvimento do grosso é balizada por:

cota 40 cota 30 (S. O. da collina do Cemiterio), orlas da collina do Cemiterio, casa 200 ms. S. O. da collina do Cemiterio.

c) Qual o effectivo que se deve empregar?

E' evidente que o F. M. (1ª esquadra) deve da cota 40 apoiar o reconhecimento, pois que é o ponto de onde se pode avistar o terreno. Devo ap'ar todo o resto do pelotão?

Evidentemente não, porque, se a operação fôr bem succedida, elementos a cavallo deym estar em condições de proseguir na marcha para frente, sem demora.

Em consequencia:

- |              |   |                                                                                           |
|--------------|---|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| 3ª esquadra  | { | direcção cota 30 (S. da collina do Cemiterio) pela margem O. do arroio Sarapuhy.          |
| 4ª esquadra. |   | direcção cota 40 (S. da collina do Cemiterio) casa 200 ms. S. O. da collina do Cemiterio. |

|             |   |                                                                                                                      |
|-------------|---|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1ª esquadra | { | apoiará a progressão com seu F. M. collocado na cota 40 (S. O. da collina do Cemiterio). Manterá a posse dessa cota. |
|             |   | cobrirá o desembocar das outras esquadras.                                                                           |

|             |   |                                                                                        |
|-------------|---|----------------------------------------------------------------------------------------|
| 2ª esquadra | { | manterá a posse das orlas N. do matto 500 ms. S. da collina do Cemiterio.              |
|             |   | ficará prompta para retomar o movimento a cavallo em direcção da collina do Cemiterio. |

d) Quando iniciar a acção?  
Immediatamente.

Observação: E' necessario observar que a presença do Cmt. do destacamento que marcha com o Pel. Vg., facilita consideravelmente a decisão do Cmt. desse ultimo.

II — DECISAO

Ordem verbal (typo nº 1: attitude offensiva)

I — Os exploradores do pelotão ficarão detidos na linha cota 40, orla de matto (500 ms. S. da collina do Cemiterio) por tiros part'am da collina do Cemiterio (vertentes S. e da cota 30 (S. collina do Cemiterio)).

O Pel. apeado vai proseguir no seu p'no de Vg.

II — Em consequencia:

- |             |   |                                                                                                                                              |
|-------------|---|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 3ª esquadra | { | direcção margem O. do arroio Sarapuhy, vertentes S. e S. E. da cota 30 (S. da collina do Cemiterio) — collina do Cemiterio (vertentes S. E.) |
|             |   | direcção cota 40 (S. O. da collina do Cemiterio) — casa 200 ms. S. O. da collina do Cemiterio.                                               |
| 4ª esquadra | { | apoiará da cota 40 (S. O. da collina do Cemiterio) o reconhecimento das esquadras de voluntarios. Manterá a posse da cota 40.                |
| 1ª esquadra | { | Manterá a posse das orlas N. do matto 500 ms. S. da collina do Cemiterio.                                                                    |
|             |   | ficará prompta para retomar o movimento a cavallo em direcção á collina do Cemiterio.                                                        |

— pela 2ª esquadra até que essa última seja ultrapassada  
 — cada esquadra assegurará depois a sua cobertura e a informação.

III — P. C. do Cmt. de pelotão: cota (S. O. da collina do Cemiterio).  
 Informações para a cota 40.  
 Execução immediata.

### III — EXECUÇÃO

As 1ª e 4ª esquadras progrediram a cavallo pelo caminho que conduz da cota 30 200 ms. S. S. O. da collina do Cemiterio) a cota 40 (S. O. da collina do Cemiterio) e ficaram nas cobertas S. e S. O. dessa

A 3ª esquadra apeou no matto 300 ms. da cota 30 (S. da collina do Cemiterio). Apeado o pelotão a progressão principiou conforme a ordem dada acima.

As 8h.45 mais ou menos, as 3ª e 4ª esquadras a pé progrediram desenvolvendo-se em direção á cota 30 (S. da collina do Cemiterio) a 300 ms. S. O. da collina do Cemiterio).  
 Nenhum tiro inimigo.

### I — REFLEXÃO

#### ONDE SE ACHA O INIMIGO?

O inimigo parece ter abandonado a collina do Cemiterio e a cota 30 (S. dessa collina).  
 Conclusão: A marcha do destacamento, momento interdita, pode e vai proseguir.

#### DE QUE SE TRATA?

Papel da Vg.: Reconhecer — cobrir.  
 Devo, pois:

— reconhecer mais completamente a collina do Cemiterio e proseguir no reconhecimento da direcção de marcha.

— occupar essa collina para cobrir o debocar do grosso do destacamento ao N. da cota 40 (S. O. da collina do Cemiterio) de matto 500 ms. S. da collina do Cemiterio e ficar em condições de reconhecer a na do Heron, ponte S. E. dessa collina sobre os arroyos Sardinha e Sarapuby.

a) b) c) COMO AGIR — COMO ADAPTAR AO TERRENO? QUE EFFECTIVO PREPARAR?

Disponho da 2ª esquadra a cavallo.

Conclusão: ordem a essa esquadra para proseguir no seu papel de ponta:

Exploradores... direcção: Collina do Cemiterio (ponto mais elevado)

Exploradores... direcção: desfiladeiro entre o Mº do Capim Melado e collina do Cemiterio

Exploradores... direcção: cota 30 (S. da collina do Cemiterio) collina do Cemiterio (vertentes E.).

Informar por signaes ao alcançar a collina do Cemiterio.

Quanto ás outras esquadras (1ª 3ª 4ª) ordem para occuparem a collina do Cemiterio até a chegada do grosso do destacamento:

— 1ª esquadra — collina do Cemiterio (vertentes N. E.).

— 3ª esquadra — collina do Cemiterio (vertentes E.).

— 4ª esquadra — estrada de marcha entre Mº do Capim Melado e collina do Cemiterio.

Os cavallos de mão desembocarão das cobertas de accordo com a ordem dos Cmts. de esquadra e reunir-se-ão ás suas esquadras no pé das vertentes O., S. e S. E. da collina do Cemiterio.

#### d) QUANDO INICIAR A ACÇÃO?

Immediatamente.

### II — DECISÃO

Ordem verbal (typo nº 1: movimento e depois nº 2: attitude defensiva)

I — O inimigo parece ter abandonado a collina do Cemiterio e cota 30 (S. dessa collina).

O 1º Pel. vai proseguir no seu movimento a cavallo.

#### II — Em consequencia:

a) o Grosso

|                                                                                                                                                                            |                                                                                            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|
| Se deslocará para a collina do Cemiterio onde cobrirá o debocar do grosso do destacamento ao N. da collina do Cemiterio) orla do matto 500 ms. S. da collina do Cemiterio. | 1ª esquadra... { d'acção: collina do Cemiterio (vertentes N. E.)                           |
|                                                                                                                                                                            | 3ª esquadra... { direcção: collina do Cemiterio (vertentes E.)                             |
|                                                                                                                                                                            | 4ª esquadra... { direcção: desfiladeiro entre o Mº do Capim Melado e collina do Cemiterio. |

— 2 exploradores, direcção collina do Cemiterio (ponto mais elevado).

— 2 exploradores, direcção desfiladeiro entre o Mº do Capim Melado e a collina do Cemiterio.

— 2 exploradores direcção cota 30 (S. da collina do Cemiterio) vertentes E. da collina do Cemiterio.

b) Coberto pela

2ª esquadra (ponta)

c) Informado: pela patrulha de descoberta do 2º Pel. em contacto (1).

III — Marcharei com a 2ª esquadra (ponta).

Informações para a collina do Cemiterio. Os Cmts. de esquadras darão ordens para a aproximação dos seus cavallos de mão. Execução immediata.

### III — PHASE DE EXECUÇÃO

A 2ª esquadra (ponta) attinge a collina do Cemiterio. Signal: "Nada de novo".

A patrulha de flanco do 2º Pel. attinge o desfiladeiro entre a collina do Cemiterio e o Mo do Capim Melado (fim de missão).

A patrulha de flanco do 3º Pel. attinge a ponta do canto N. O. do Campo de Gericião e prosegue para a collina do Trem.

Ouvem-se tiros em direcção a collina do Heron (é a patrulha de descoberta do 2º Pel. em contacto com o inimigo).

O Cmt. do Pel. transporta-se a galope para a collina do Cemiterio, enquanto as suas esquadras (1ª 3ª 4ª) proseguem para os seus objectivos (veja ordem acima).

Os cavallos de mão dessas esquadras desmontam das cobertas e marcham por pequenos grupos para collina do Cemiterio (vertentes O., S. e S. E.).

### REFLEXÃO DO CMT. DO 1º PEL. AO ALCANÇAR A COLLINA DO CEMITERIO

O proximo lance do Pel. Vg. é a collina do Heron em que se ouvem tiros. Devo fazer reconhecer essa região

aos exploradores da collina do Cemiterio (ponto mais elevado).  
Direcção collina do Heron (vertentes N. E.)

Conclusão: ordem a 2ª esquadra (execução immediata) aos exploradores do desfiladeiro entre o Mo do Capim Melado e a collina do Cemiterio  
Signal "Continuar"

aos exploradores da collina do Cemiterio (vertentes S. E.)  
Signal "Continuar"

Saem os exploradores.

Neste momento chega o grosso do Pel. e o Cap.  
(continua).

(1) Observação: As patrulhas de descoberta, que forem detidas, proseguem na sua missão, desde que lhes seja possível, salvo ordem em contrario do Cmt. do destacamento.

### Curem-se pela Homoeopatia, fazem do uso dos nossos afamados especificos

**Antipyrus** — o melhor e mais poderoso remédio para curar a gripe — um vidro 2\$000.

**Antiferinus** — Cura Coqueluche em 15 dias e preserva as crianças desse mal — 1 vidro 2\$000.

**Angustarium** — É o grande remédio das infecções intestinaes de caracter grave — 1 vidro 2\$000.

**Arsenico Indado Composto** — O melhor e o maior fortificante da homoeopatia — 1 vidro 2\$000.

**Vitrus** — Cura as tosses e as bronchites — 1 vidro 2\$000.

**Carduusmaria** — Poderoso remédio para curar as doenças do fígado — 1 vidro 2\$000.

**Cepyl** — Cura o coryza, os resfriados — 1 vidro 2\$000.

**Purgina** — Ideal combinação contra a prisão de ventre — 1 vidro 2\$000.

**Solarius** — Cura diarrheas das crianças e dos adultos — 1 vidro 2\$000.

**Phosphorina** — Faria — O melhor remédio para as crianças. Facilita a dentição — 1 vidro 2\$000.

**Rhus composto** — Cura o reumatismo — 1 vidro 2\$000.

**Mattifolium** — Indicado nas doenças do estomago — azia, dyspepsia, gastralgia — 1 vidro 2\$000.

**Ourobenzol** — Contra a syphilia e suas manifestações — um vidro em tablettes 5\$000.

**Urincido** — Poderoso medicamento para combater o acido urico, as affecções dos rins, da bexiga, o arthritismo e o reumatismo — 1 vidro em tablettes 2\$000.

**Creme Medicaei de Hamamelis** — Preparação scientifica para o embelezamento da pelle sem substancia gordurosa, indicado nas erupções, rugas, pannos e manchas de pelle. Pote pequeno 4\$000 — grande 7\$000.

**Sabonete de Hamamelis** — um 2\$000 — outro 2\$500.

**Guia de Medicina Homoeopathica do Dr. Nilo Cairo**

A maior parte destes remedios existo tambem em globulos.

Enviamos pelo correio qualquer medicamento, mediante a remessa da importancia e vale postal.

**Loção Curativa de Hamamelis** — Feridas, doenças da pelle, queda dos cabellos, etc. — 1 vidro 4\$500.

**CORTONICO** — Indicado nas doenças da urinação — 1 vidro 5\$000.

**Hemoovermil** — A mais completa e moderna preparação, contra todas as variedades de vermes, oxiuros, ascariidas, necator e outros — 1 vidro em tablettes 4\$000 — Duzia 45\$000.

### DE FARIA & C.

Matriz: Rua S. José, 74 - Tel. C. 2247  
Caixa Postal 2564

Filial: Rua Archilas Cordeiro, 127 A  
(Meyer) Tel. Jardim 0346

RIO DE JANEIRO

# Estudo da progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia

Pelo Cap. LAFARGUE

Trad. da Revue d'Infanterie pelo Cap. PORTO CARREIRO.

## B-Transposição de uma barragem

Sob a denominação de "*barragem*", enfileira-se todos os tiros systemáticos de grande densidade, batendo uma frente extensa e constituído, para a Infantaria que ataca, contra-ataca e se retrai, uma verdadeira barreira a vencer. O primeiro legar, os tiros de *deter*, depois de enjaulamento, as barragens rolantes, os tiros fixos de protecção de um ataque. Esses tiros podem ser executados quer pela Artilharia ligeira, quer pela pesada.

Ha, pois, varias especies de barragem; os processos de transposição a adoptar para cada so variam muito.

A natureza do terreno intervém, por outro lado, para introduzir novas causas de diversidade em taes processos.

O terreno póde ser, com effeito, semeado de abrigos mais ou menos afastados (funis de luzes), ou ser descoberto, o que lhe vem aumentar ou diminuir o gráo de permeabilidade dos tiros de barragem.

Mas, antes de entrarmos no estudo dos processos de transposição de barragens, parece-nos dispensavel responder á seguinte pergunta:

*Póde-se, praticamente, ensinar a transposição de uma barragem?*

Os individuos sujeitos a um tiro de barragem, batidos e ensurdecidos pelas explosões que envolvem seu cerebro, são accionados, mais pelos reflexos, do que pelas idéas conscientes; correm, deitam-se, abrigam-se ou levantam-se sob influencia de multiplas impulsões, e só retornam a seu estado de espirito normal, depois que vêm a salvo da tempestade. Atravessa-se, portanto, ás mais das vezes, uma barragem, sem occupação de ordem, como se puder.

Não obstante, por mais esteril que pareça, primeira vista, o estudo da transposição de uma barragem, convém examinal-o com todo o cuidado.

Antes de mais nada, os reflexos não são desordenados e tão imprevisíveis como se acredita.

Si, por frequentes vezes, são provocados as imperiosas suggestões do instinto de conservação, resultam egualmente de certos hábitos adquiridos na instrucção e educação militares. Prevendo os momentos em que possa perder, em parte ou no todo, o "*self-control*", não é inutil preparar estas defesas, esparapitados, aos quaes nosso espirito não se atará de se aferrar e cujos ensinamentos se seguir. Deste modo, nunca cessaremos, em qualquer situação, de dirigir nossos actos.

Além disto, nem sempre uma pessoa se encontra exactamente no centro de uma barragem; póde-se achar num de seus extremos e numa zona onde ella seja menos densa; enfim, as barragens não são todas da mesma violencia; umas e outras têm alternativas de intensidade e de enfraquecimento. Nem sempre, pois, a reflexão abdica; póde-se exercer utilmente em milhares de circumstancias; dest'arte, convém desenvolver a de antemão, figurando determinadas situações.

Acreditamos, assim, que seja util estudar a transposição de barragens.

### COMO CONSIDERAR ESTA TRANSPOSIÇÃO?

Dois methodos se apresentam communmente ao espirito.

De facto, o perigo a que uma tropa de Infantaria se expõe numa barragem é duplo e resulta: da acção material das explosões e arrebatamentos de sua acção perturbadora e temível que ás vezes arruína mais completamente uma tropa do que as proprias perdas.

Podemos então experimentar um preventivo contra a desordem, procurando reforçar a estrita disciplina de marcha, (marcha em formação regular, sob o commando dos graduados, de andaduras moderadas), e deixando para o segundo plano a questão de protecção.

Podemos tambem tentar, ao contrario, reduzir as perdas, em detrimento, si fôr preciso, da disciplina de marcha; diligenciamos, então, por augmentar a flexibilidade do movimento e as facilidades de utilização do terreno, entregando a transposição da barragem á iniciativa pessoal.

Digamos inicialmente de passagem, que o primeiro methodo, que dá excellentes resultados quando os tiros de Artilharia são pouco densos (barragens que revestem mais a forma de tiros de interdicção sobre zona), torna-se impraticavel desde que se trate de barragens intensas. Neste caso, queira-se ou não, é forçoso confiar em grande parte a execução do movimento á iniciativa individual.

Concebe-se, nestas condições, que seja util o estudo da questão da transposição de uma barragem, não sómente pelos graduados, mas tambem pelos proprios soldados, por isto que, o bom exito do resultado depende, em grande parte, da attitude de cada um delles.

Para isto, em cada exercicio, suspender-se-á systematicamente, num dado momento, a acção do commando, afim, de deixar o campo livre ás iniciativas individuaes.

Examinemos agora o *detalhe sobre o modo de se conduzir em face de uma barragem.*

1º caso: — *A tropa se aproxima de um terreno ameaçado por tiro de barragem.*

Situação corrente nos ataques de posições inimigas.

Procura-se atravessar o mais rapidamente possível o espaço ameaçado. Para isto faz-se cerrar a formação sobre a testa e desenvolve-se a tropa em linha, afim de diminuir a profundidade o mais possível e, por consequência, a duração do escocamento.

Tudo isto, aliás, é bem sabido.

2º caso: — *O ponto de maior densidade da barragem se acha atrás da tropa.*

Neste caso, depois de se achar abrigada, por um movimento instintivo, a tropa retoma a progressão afim de se afastar o mais depressa possível da zona batida.

3º caso: — *No momento em que a barragem se desencadeia, a tropa, ou o soldado isolado, ainda não attingiu a zona particularmente batida (zona media).*

Em tal caso, deter-se nos abrigos e esperar o fim do periodo de intensidade maxima, que dura cerca de cinco minutos; desde que o tiro decresce de intensidade retomar rapidamente o movimento, por lances rapidos commandados, e executados entre dois arrebentamentos successivos.

Observar as lacunas que possam existir na barragem e dellas se aproveitar.

4º caso: — *A tropa, ou o soldado isolado, é alcançado pela barragem no momento exacto de seu desencadeamento.*

O modo de proceder, nesta situação, varia conforme a densidade da barragem e a natureza do terreno.

No caso de uma barragem de Artilharia pesada, de cadencia, portanto, relativamente lenta, progride-se, entre os arrebentamentos, por pequenos lances collectivos regularmente commandados; a acção do chefe póde e deve se exercer nesta circumstancia.

Ao contrario, si a barragem é de Artilharia ligeira, a successão rapida dos arrebentamentos, torna o problema singularmente mais difficil. Primeiramente, o fragor das explosões cobre a voz do chefe, e a intensidade do perigo é tal que cada um só cuida de si. Não se conta, pois, com um funcionamento regular do commando; os chefes limitam-se a agir sobre a tropa por sua attitude que é imitada, aos poucos, por cada um dos commandados.

Si o terreno é salpicado de abrigos aproximados (Campo de funis), saltar-se-á homem a homem, á vontade, de buraco em buraco, e, desta sorte, infiltrar-se-á através a barragem.

Caso os abrigos sejam afastados (mais de trinta passos), o terreno deixa de ser capillar; nestas condições, não é possível executar-se lances de um abrigo a outro sem se correr o risco de ser attingido pelas balas dos shrapnels, ou estilhaços. Abrigar-se-á, portanto, momentaneamente, esperando a proxima calma, de que se aproveitará sem perda de tempo.

Finalmente, quando se é surpreendido por uma barragem violenta em terreno descoberto, sem abrigos, é preciso se resignar a escolher

entre os dois males o menor: arriscar-se a se esmagado no logar, ou ser alcançado marchando; é melhor escolher-se, de ordinario, esta ultima solução e lançar-se para a frente em lances rapidos.

Em resumo, este estudo poderá fornecer assumptos, bem se vê, para um certo numero de exercicios:

1º EXERCICIO: — *Transposição de uma barragem de Artilharia pesada;*

2º EXERCICIO: — *Transposição de uma barragem de Artilharia ligeira, em terreno salpicado de abrigos aproximados;*

3º EXERCICIO: — *Transposição de uma barragem de Artilharia ligeira, em terreno amado de abrigos afastados;*

4º EXERCICIO: — *Transposição de uma barragem de Artilharia ligeira, em terreno provido de abrigos.*

No decurso do 3º exercicio, collocar-se-á a fracção ou o soldado nas differentes situações seguintes:

## NO MOMENTO EM QUE A BARRAGEM SE DESENCADEIA

a) — *A tropa attinge a zona de barragem antes do seu desencadeamento;*

b) — *A tropa chega diante da zona de barragem.*

c) — *A tropa é alcançada pela barragem;*

d) — *A tropa atravessou o grosso da barragem;*

Estes exercicios devem ser precedidos de um estudo theorico, que indique os caracteres essenciaes da barragem (largura da zona batida, repartição dos tiros no interior desta zona, cadencia do tiro, calmas e repartições...)

A extensão da zona batida, bem como a da dispersão media dos tiros, deverão ser marcadas no terreno; não se poderá, entretanto, apresentar os pontos de queda dos projectis. Esta figuração poderá ser tentada nos exercicios sobre a carta, ou no plano relevo. (1)

Lança-se mão, para isto, de pequenos pedaços de papel que se collocam e retiram, marcando a cadencia conveniente, tendo-se o cuidado de levar em conta, de um modo grosseiro, aliás, a dispersão.

## SEGUNDA PARTE

Um caso concreto de conducta de pequena unidade na zona de acção da Artilharia inimiga em campo raso.

O exemplo que acabamos de mencionar trata a marcha de approximação effectuada pelo 4º Pelotão da 7ª Cia. do 153º R. I., na noite de 19 de Agosto de 1914 onde se engajou a batalha de Morhange.

Pareceu-nos interessante sob dois pontos de vista.

Primeiramente, porque diz respeito a

(1) NOTA DO TRAD.: — Embora o estudo não se refira ao plano relevo, é de bom aviso lembrar aos leitores, porque nelle convém, sempre possível, executar exercicios preparatorios, antes de realizá-los no terreno.

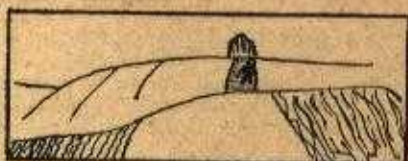
cidade que nunca fora submettida ao fogo da artilharia. O estudo dos feitos e atitudes de tropas não aclimatadas ao combate cresce, com o tempo, de importância à medida que nossa Infantaria vem a tornar-se tão nova quanto em 14, em vista de substituição dos quadros subalternos agueridos por elementos mais jovens.

Em segundo lugar, graças às particularidades do terreno e da situação, esta progressão

*Travessia de uma crista seguida de uma vertente nua e de pequena extensão.*



1ª solução: — Travessia por surpresa em um lance, em a'iradores em uma fileira.



2ª solução: — Travessia discreta, movimento homem a homem em lances individuais e successivos, sobre o itinerário mais favorável.

#### CROQUIS N. 6

representa, o que é muito raro, uma serie de exemplos de problemas diferentes; illustra, em disto, de forma caracteristica, parece-nos, que já d'ssemos sobre a conservação da directão em uma marcha sob o fogo da Artilharia.

Em vez de dar a este exemplo o caracter de relato historico, preferimos escrevel-o sob a forma de memorias, seguidas de commentarios. Si nos limitassemos, com effeito, a mencionar seccamente as disposições tomadas e a descrever de qualquer sorte theoricamente, não conseguiriamos a dar sinão uma idéa muito longe da realidade. Para bem fazer comprehender que tal processo de progressão foi empregado preferencia a tal outro, é indispensavel procurar restabelecer o ambiente que reagiu sobre o espirito do commandante do Pelotão.

E' preciso, portanto, esforçar-nos por apresentar os actores do drama mergulhados na luz, no ruído, na fadiga, na actividade, em uma palavra, neste conjunto de factores materiaes e moraes que constituem a atmosfera particular de cada combate.

#### PRIMEIRO EPISODIO

*Travessia de uma orla seguida de uma extensa rampa, a grande distancia da Artilharia inimiga.*

A 7ª Cia. que progrediu na floresta de CHATEAU-SALINS sem soffrer a acção do fo-

go inimigo, chega ás proximidades da orla N. desta floresta (bois de CHATEAU-BREHAIN).

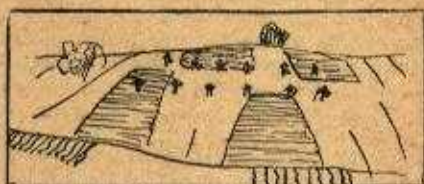
"...Até aqui, caminhamos sob as frondes em calma e silencio. Mas eis que uma certa agitação se produz. Oíço ruídos de vozes. Falo alto com o meu Pelotão, e sigo até a orla. O coronel ali está com o capitão. Oíço-os dizer que um hussard, sem duvida um de nossos escalecedores montados, acabava de ser morto.

Nestas condições o contacto com o inimigo, que se retrahiui desde a manhã, está retomado. Terminou o passeio na sombra verde e fresca da floresta.

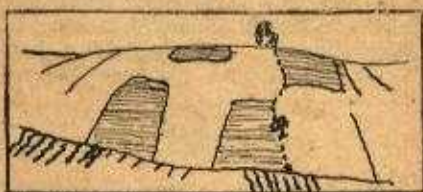
Uma immensa superficie amarella de colheitas e de colmos que doira o sol da tarde, se estende a perder de vistas deante de meus olhos e se esvae nos remotos azues... Vae ser preciso, dóra avante, deixar as verdes sombras protectoras, para nos engajarmos, a descoberto, sobre estas vastas ondulações luminosas, em frente deste largo horizonte mysterioso que, sem duvida, nos espreita.

E, antes de tudo, trata-se de atravessar a orla e este longo palhegal em rampa que devem estar vigiados pela Artilharia allemã.

*Travessia de uma crista seguida de uma vertente nua e de grande extensão.*



1ª solução: — Movimento rapido. Linha de a'iradores em uma ou duas fileiras de preferencia. Serie de lances tão longos e tão rapidas quanto possivel.



2ª solução: Travessia directa: — Movimentos individuais successivos, sobre o itinerario mais favoravel, com paradas intermediarias, quando necessario.

#### CROQUIS N. 7

"Linha de meio-pelotão, por dois, a trinta passos de intervalo... Em frente... Acelerado!"

Deixamos o bosque e eis-nos trotando sobre o declive descendente.



CROQUIS N. 8

Depois de termos assim transposto uma centena de metros, o cansaço começa a assaltar-nos. Será preciso continuar a correr? E' que o declive é longo e já nos falta a respiração. Porém me haviam ensinado que era preciso atravessar em passo acelerado as rampas vistas pela Artilharia inimiga. Continuamos, pois, a correr. Mas em breve eu sinto que minha tropa enfraquece; somos obrigados a retomar o passo normal, banhados de suor.

Sinto-me ridiculo por ter levado tão á risca este desembocar de bosque. Não se ouve, com effeito, o menor tiro de canhão, não se vê a menor fumaça no ar; parece que o inimigo se eclipsou novamente.

Outras fracções experimentaram, sem duvida a mesma impressão, porque as vejo convergir para a calçada. Imito-as, e assim se forma uma especie de columna de estrada.

Mas, repentinamente, um ronco se produz ao longe, e uma salva de shrapnels rebenta muito alto, acima de nossas cabeças, as balas e estilhaços cahem-nos em volta como granizo ruído.

Surpresa! Uma depressão se abre, providencialmente, á direita da estrada. Em poucos saltos, encontramos-nos ao abrigo em um profundo caminho excavado.

Já rio de nossa emoção, quando escuto:

"Meu tenente, Benoit está ferido!"

Volto-me e vejo com effeito Benoit, silencioso como de ordinario, que olha seu calçado rasgado de onde corre um filete de sangue.

Primeiro shrapnel, primeiro ferido. Diabo! o fogo da Artilharia se revela desde o primeiro contacto, de outra forma perigosa que eu não suppunha.

## COMMENTARIOS

Que idéa fez da situação, o commandante do Pelotão?

O commandante do pelotão passou, successivamente, por dois estados de espirito:

a) — A noticia da morte do hussard, em vez de ser registada passivamente, conduziu immediatamente o commandante de Pelotão a julgar que ia entrar numa zona verdadeiramente submettida á vigilancia da Artilharia inimiga e que convinha, portanto, tomar precauções.

b) — Em seguida, como a primeira parte da marcha se passou sem o menor incidente, o commandante de Pelotão julga que seus temores foram exaggerados; passa de um extremo a outro.

Qual o problema que se propunha o commandante de Pelotão?

Transpôr uma linha do terreno (orla um bosque) susceptível de ser reparado pelo adversario e seguida de um longo declive, a uma distancia relativamente grande da Artilharia inimiga (a perder-se de vista).

E' um problema classico, que mencionamos precedentemente.

Quaes foram as soluções adoptadas?

Duas soluções foram tomadas; correspondem aos dois estados de espirito successivos do commandante de Pelotão:

a) — Transpôr muito rapidamente a zona reparada e o declive, em passo acelerado, e a formação ordinaria de aproximação;

b) — Marchar o mais facilmente possível, portanto, volta para a estrada em columna por

## CRITICA DAS SOLUÇÕES

a) — A primeira solução correspondia perfeitamente á situação. Era preciso afastar rapidamente da orla que corria o risco de ser reparada; o passo acelerado é, pois, justificado; e, além disto, a situação permittia progredir-se em formação normal de aproximação.

Todavia, depois de haver transposto o passo acelerado os cem primeiros metros, isto é, a zona mais perigosa, era o caso, pois a situação era calma, de retomar o passo sem cadencia. Seria preferível, em seguida, afim de diminuir a visibilidade e a vulnerabilidade do Pelotão, dobrar os intervallos entre as suas fracções; em vez de occupar uma frente de uns tantos passos (frente geralmente empregada pelo Regimento), o Pelotão, que dispunha de todo o espaço necessario, teria podido dobrar ou mesmo triplicar este espaço (linha de meios grupos por um, a trinta passos de intervallo) durante a travessia do declive.

b) — Quanto á segunda solução, a experiencia encarregou-se de mostrar como foi infeliz. A lição que resalta deste episodio é que devemos estar sempre em guarda e nunca confiar no sentimento enganoso de uma segurança muitas vezes illusoria.

## SEGUNDO EPISODIO

Progressão normal em formação regular de aproximação, em longo percurso perigoso ameaçado pela Artilharia inimiga.

Após alguns minutos de espera, uma primeira salva não tendo sido repetida, ponho o Pelotão em marcha, retomando a formação de aproximação imprudentemente deixada há pouco e torno a passar para a esquerda da estrada com o Pelotão do ajudante. Como são vistas a direcção de Morhange, caminharemos ao longo por traz da crista que se interpõe na direcção.

O segundo Pelotão progride assim em formação de aproximação, com os grupos de combate em linha de meios-grupos por um com trinta passos de intervallo, através intermináveis

após. Ascendemos uma serie de mamelões, vemos outros tantos valles onde marcamos as esperas.

Subito, estalidos irritantes e celeres sobre-sam-nos. Instinctivamente curvamos nosso corpo, porque ficamos sob o peso de nossa emoção precedente.

Vamos! Desta vez não é a Artilharia inimiga, é a nossa. Mas sobre quem está ella abrindo? Onde estará o inimigo?

Vou em busca de informações com o capitão. Debalde procuro comprehender a situação. Assim continuámos nossa marcha para o desconhecido, através os campos de aveia e triboescoltados pelas rajadas de 75, sem comtutuossofrer-lhes o effeito de um só tiro.

## COMMENTARIOS

*Que idéa fez o commandante do Pelotão da situação.*

A aventura precedente levou-o a considerar-se na zona dos tiros da Artilharia inimiga delles receiar. A salva recebida deu ao commandante de Pelotão duas precisões:

— uma relativa á direcção do perigo;

— outra á distancia da Artilharia inimiga. Mas a situação está muito longe de parecer para o commandante de Pelotão que busca, por varias vezes, se informar.

*Quaes as disposições tomadas?*

a) — O commandante de Pelotão procura primeiramente evitar o perigo que acaba de realçar-se; escolhe, então, um itinerario desenfia-se ás vistas do adversario.

b) — Em seguida, como a situação não está claramente definida, marcha em segurança d'ora avante não deixa mais a formação de aproximação, mesmo que não receba mais o melhor tiro de canhão.

Disposições logicas, que evitam ao Pelotão qualquer novo incidente durante um percurso de varios kilometros.

# A DEFESA NACIONAL

(Transcripto do "Jornal do Brasil").

Não se trata da Liga tão prestantemente presidida pelo Sr. Ministro Edmundo Muniz Barreto, mas da Revista de assumptos militares, com o mesmo titulo daquella benemerita associação, e que já conta 16 annos de proficua existencia. — A Defesa Nacional — de que ora é director o Sr. J. B. Magalhães, secretario o Sr. T. A. Araripe e gerente o Sr. A. Chaves.

Mantem-na um punhado de jovens officaes que trabalha pela continuação de uma obra iniciada com o intuito de engrandecer e dignificar a patria, aperfeiçoando-lhe moral, intellectual, profissional e materialmente o exercito e a armada.

Nas escasas sobras de tempo dos seus diários fazeres militares, fazem-se elles paladinos jornalisticos desse ideal.

Nas mais nobre e digno de applauso do que esse empreendimento, ao qual todos os amigos da nossa terra devem prestar solidariedade e concurso, tanto mais quanto a Revista é escripta com criterio, moderação, capacidade, não só technica, mas também litteraria, merecedoras de geral acatamento.

O numero em apreço, opusculo de numerosas paginas, encerra variada, amena, instructiva materia.

Além dos mencionados, outros trabalhos sobre themas technicos illustram as paginas da Revista.

Sobreleva a todos, pela importancia do seu objectivo e pela elevada maneira com que o exara e desenvolve, o do 1º Tenente João Segadas Vianna, intitulado — A Divisão Territorial do Brasil.

E o difficil entre nós, ponderou — A Defesa Nacional — não é resolver as questões, e sim fazel-as conhecidas daquelles a quem compete soluçional-as.

(Affonso Celso).

# ATENÇÃO

## Mudou a cor da capa

2º SEMESTRE DE 1929

Lembramos aos nossos presados representantes e assignantes:

- Que estamos em epocha de fazer a assignatura semestral;
- Que este é o ultimo numero que enviamos aos assignantes não "quites";
- Que seria bastante conveniente os Srs. assignantes e representantes desenvolverem uma forte propaganda da revista para que possamos amplial-a ainda mais.

# Estudo de Direito Militar

## Hierarchia funcional

Pelo Cap. SILVA BARROS

E' simples e puramente uma questão de Direito que se levanta no caso prefigurado da *Hierarchia funcional*.

**PRELIMINARMENTE** — Não ha hierarchia funcional.

E vamos proval-o:

1.º) — Entre militares só existem duas situações: **SUPERIOR** e **SUBORDINADO**. Não ha empate.

As patentes militares são *garantidas* em toda a sua plenitude, nos termos do art. 74 da Constituição Federal, "*lei das leis, que a todas prepuja*".

Em igualdade de postos, temos os seguintes cursos da lei: data do posto anterior, tempo praça, idade, e, finalmente, a sorte; logo, não empate; donde mathematicamente, de accordo com o Direito e a Logica, o official é sempre **SUPERIOR** ou **SUBORDINADO** do outro.

2.º) — A Constituição da Republica — sabia liberal — em seu art. 14 — segunda parte, diz bem alto: *a força armada é essencialmente obediente, dentro dos limites da lei, aos superiores HIERARCHICOS*.

— Por que não falou nos superiores functionaes?

— Por que não se limitou a prescrever a obediencia tão sómente aos seus superiores?

Responderemos — porque o nosso Estatuto fundamental estabelece assim um grande principio limitado por uma grande restricção — uma situação **ESSENCIALMENTE OBEDIENTE**, nas dentro dos LIMITES da lei, aos seus superiores **HIERARCHICOS**.

E ainda mais: A Constituição do Imperio, em seu art. 147, dispuinha, sem nenhuma restricção que — "*a Força Militar é essencialmente obediente*".

O confronto das duas *Magnas-Cartas* dispensa o nosso commentario.

Precisamos comprehender muito bem os thesaurus capitales da nossa organização politica, porque um principio de igualdade de todos perante a lei, com obrigação condicionada, não pode ficar ao talante das influencias do interpretador do momento, sem o devido respeito aos mais sagrados mandamentos do nosso cathecismo militar.

A obediencia ao superior **LEGITIMO** não é elemento só pertencente á organização militar, nem preceito exclusivo da respectiva disciplina: tambem é um principio da ordem social e uma conjuncção da lei commun.

O Codigão Penal Ordinario define e pune como crime no art. 135 a desobediencia á autoridade publica por parte do simples cidadão.

Mas, enquanto no Direito Commum a desobediencia é um crime de gravidade secundaria, no Direito Militar ella se reveste de grande relevancia, chegando a ser punida, em certos casos, com a pena de morte.

A dignidade, a honra, o brio, o decoro do companheiro d'armas, devem ser respeitados — religiosamente — qualquer que seja a situação em que nos collocarmos dentro da ordem hierarchica.

O posto, garantido em toda a sua plenitude, indica sempre a situação do official.

A patente, para ser garantida em toda a sua plenitude, deve ser encarada em toda a sua grandeza que, no caso, é a data em que ella foi concedida ao official, garantindo, assim, entre os mesmos postos, a antiguidade de cada um. Do contrario, a patente não será garantida **EM TODA A SUA PLENITUDE**, e a Constituição da Republica passará a ser letra morta.

E para que a disciplina seja mantida tambem, em toda a sua plenitude, necessario se torna que ninguém se arvore numa superioridade sem base, ou melhor, na base falsa.

O art. 1.º do nosso "*R. I. S. G.*", uma especie de substractum de um capitulo da "*Educação Moral do Soldado*" do Coronel Carlos Cordeiro, dá-nos bons ensinamentos sobre as bellezas da obediencia.

Em these, e sob o ponto de vista doutrinario a desobediencia, não sendo praticada contra o superior **LEGITIMO**, não constitue delicto capitulado nas leis penaes, nem militares nem civis, nem no Direito Patrio nem no Direito Estrangeiro.

Nos tempos mais recuados do Direito Romano a obediencia era cega. A bravura indisciplinada feria fundo o principio basico do exercito romano: era a obediencia rigorosamente passiva, quasi servil, no dizer do erudito mestre Esmeraldino Bandeira.

Entre esse povo, vencer sem ordem era, naturalmente, uma cousa infame e, juridicamente, um crime punivel com a pena capital.

Não havia o direito de defesa.

O individuo, no momento da surra, si tivesse a ousadia de pegar na vara do centurião, seria mudado de milicia; quebrando a vara, era punido de morte.

E' assim que encontramos — no Direito antigo — trechos desta natureza: (\*)

"*Irreverens miles non tantum a tribunano, vel centurione, sed etiam a principibus coercendus est: nam eum, qui centurionem castigare se volenti, resistit, veteres non verunt: si civitem tenuit, militia mutat si industria fregit vel manum centurioni intulit, capite punitur*" cuja traducção diz mais ou menos que o soldado que falta ao respeito não só ao tribuno ou ao centurião mas tambem

(\*) — Dig. 1. 6 a., §1º e antes da 1.ª ed. de 16 a. na 1 13 § 4º, do Liv.

o chefe, ha de ser castigado; pois aquelle que assiste ao centurião que o quer castigar, é punido com a nota de infamia; si agarrar na vara com que vae ser batido, é mudado de milicia; si de proposito a quebra ou tira das mãos do centurião, é punido com a pena capital.

— O velho Conde de Lippe, o creador do primeiro Regulamento para o Exercito do Brasil — colonia — o "REGULAMENTO PARA O EXERCICIO E DISCIPLINA DOS REGIMENTOS DE INFANTARIA DOS EXERCITOS DE SUA MAJESTADE FIDELISSIMA" — approvado pelo Alvará de Confirmação, datado de Salvaterra dos Magos, de 19 de Fevereiro de 1763, cujo Regulamento era composto de 27 capitulos, dos quaes os mais importantes eram, o 1.º, que trata do *Serviço Economico* e o 26.º que dedicava aos famosos *29 Artigos da Guerra*, precedidos das *Cinco advertencias*, este primeiro *Cathecismo Real* já rezava que "*Todo aquelle militar que não obedecesse ao seu superior LEGITIMO, seria infalivelmente arcabuzado*".

— Como se sabe, este foi o primeiro Regulamento que veio codificar o esboço vago e confuso do antigo Regulamento de 1708 — no dizer actualizado de Latino Coelho, em sua "*Historia Politica e Militar de Portugal*".

Uma cousa interessante que o espirito militar do Conde Lippe já exigia era a LEGITIMIDADE do superior.

O feitiço modelar e justiceiro do nosso primeiro legislador militar já visava, como principal condição ao exercicio da autoridade e conseqüente principio da obediencia, que a superioridade entre os militares fosse respeitada ao tremo.

\* \* \*

Deixando de parte o elemento historico em que se estriba a nossa these, volva-se a vista para a Jurisprudencia.

Ahi, então, grandioso é o espectáculo que depara: E' doutrina mansa e pacifica — uniforme — dos mais altos Tribunaes do paiz e do estrangeiro que "*o militar não commette o crime de insubordinação quando o desobedece não é a superior LEGITIMO*".

Vem a proposito, em soccorro do nosso ponto de vista, um trecho do venerando Accordam

do Supremo Tribunal Federal, de 5 de Novembro de 1919:

"....."

Sempre que (em processo idoneo) se lhe depare disposição de lei, ou de regulamento, em antagonismo com a Constituição da Republica, o Poder Judiciario tem de cumprir, sem vacillações, o elementar dever de não applicar essa disposição ao caso occorrente COMO SE ELLA ESCRIPTA NÃO ESTIVESSE, para assim manter o imperio da lei fundamental, lei das leis, que a todas sobrepuja. Não ha conveniencia de ordem processual, nem commodidade pratica, em execução de lei ordinaria, reguladora de determinado instituto juridico, capaz de deslembrar a preeminencia da Constituição da Republica".

(D. Off. - de 25—4 - 1922, pag. 7932, 1.ª columna).

\* \* \*

Discutida a preliminar da inconstitucionalidade da hierarchia funcional, encaremol-a em seu merito: Um exercito, obedecendo a essa hierarchia exotica, poderia muito bem dispensar os postos e evados da sua escala de accesso.

Por medida de economia, não haveria necessidade de fazer-se promoção. Um segundo tenente commissionado, por exemplo, vindo sempre por intermedio de outrem, poderia exercer todas as funções attinentes aos seus superiores. Seria até pratico e... quicá dissolvente.

A verdade é que estamos numa epoca de renascença e que devemos acompanhar com certa grandeza d'alma os surtos do nosso progresso. Respeitemo-nos, pois, simultaneamente, afim de collaborarmos na grande obra da consolidação do nosso regimen militar.

Saber mandar e saber obedecer é um lema antigo que vem sustentando as entidades collectivas.

Cada um de nós tem o dever de concorrer com a sua parcella isolada para que o Exercito seja cada vez mais capaz de preencher os altos designios que lhe foram traçados pela Constituição Federal.

A educação militar não se baseia somente no sentimento; o subordinado deve tambem saber curvar instantaneamente sua vontade ante a do chefe, mesmo desconhecido, que pelos seus galões symbolisa a autoridade e a organização hierarchica.

A preocupação constante do educador deve ser o desenvolvimento da consciencia do dever e o fortalecimento do poder da vontade.

**GUARANA'**  
TUDO KOLA  
NUTRITIVO MUSCULAR  
TONICO DOS NERVOS  
REGULARISADOR DO CORAÇÃO  
SILVA ARAUJO & CIA

# Subsídios para os Quadros de Reserva

## TACTICA DE INFANTARIA

### COMBATE DEFENSIVO

**Fim do combate defensivo** — situação momentânea.

1 — Em uma situação defensiva desolada e preparada ou naquellas impostas pelas contingências do momento, o Commando terá sempre em vista "deter, em uma frente determinada, um inimigo superior, com um effectivo restricto," de modo a reunir meios para passar a offensiva no momento opportuno e em condições vantajosas.

**Idéa de manobra.**

2 — A idéa de manobra defensiva será definida:  
— 1º) pelo conjuncto das posições nas quaes se resolveu ou se é obrigado a realizar a batalha;  
— 2º) pela natureza dos esforços a produzir.  
Dependendo ambos estes elementos:  
— a) da situação geral;  
— b) da missão;  
— c) do terreno mais ou menos favoravel ao emprego dos meios I — A.

**Elementos essenciaes da idéa de manobra.**

3 — Como na offensiva essa manobra vai repousar na combinação das acções pelo fogo e das acções pelo movimento.  
E' pelo fogo que a defesa detem o ataque, quebrando seu dispositivo quer antes de desencadear (contra preparação) quer durante sua execução (fios de deter, barreiras de I); e pelo movimento ella consegue repellar o inimigo das partes da frente onde elle conseguiu tomar pé.

**Necessidade do preparo da defesa.**

4 — Mais do que na offensiva, comporta um preparo, onde as previsões são em numero tanto maior quanto mais larga for a duração da situação.

O conjuncto de todas as previsões e medidas constituem o Plano de Defesa, o qual se reparte em varios outros: — Plano de fogo, Plano de Contra Ataque, Plano de Organização do Terreno, etc.

### PREPARO DA DEFESA

**Escolha da Posição Principal de Resistencia.**

5 — A escolha da Posição Principal de defesa é função directa do emprego que o Commando quer dar ao seu

**A Posição de P. A.**

**Definição da linha de resistencia.**

**Condições a que deve satisfazer o plano de fogo**

**Natureza dos fogos.**

**Elemento fundamental de uma P. R.**

Grosso e da zona do terreno onde deve impedir que o inimigo dellas se apodere e onde quer bater este.

6 — Della decorrerá a Posição de P. A. cuja missão dar ás tropas da defesa tempo para tomar os dispositivos convenientes e preparados.

7 — A parte essencial da Posição Principal é constituida por sua orla exterior — linha de resistencia, na frente da qual é preciso crear uma barreira continua e poderosa de fogos de I. e A. auxiliada por obstaculos e destinada a quebrar o ataque adverso.

8 — Plano de fogo — A linha da manobra do chefe na defesa de uma posição é o plano de fogo (de I. e de A. E' combinando estreitamente os fogos de I. e de A. que o commando consegue o maximum resultado. Aquella cream a frente da linha de resistencia e nas linhas interiores, barreiras continuas de fogos, estes completam e reforçam aquelles em seus pontos essenciaes.

Os planos de fogos são organizados e preparados com muito cuidado e nas menores minucias, de modo a permitir um desencadeamento automatico, o que tambem exigirá um systema de observação, de transmissão e de organização do tiro, bem como vistos e fixados.

9 — Os fogos defensivos comportam:

— acção á distancia para a barrear a marcha do inimigo e a tomada de contacto;  
— acção á frente ou no interior da posição para deter o avanço inimigo.

— acções de fogo para apoiar as acções pelo movimento (fogos de apoio aos contra ataques).

— acções de fogos contra aviãos.

10 — O elemento fundamental de uma P. R. é a barreira principal de fogos collocada na frente da posição e deve ser continua, tão densa

e poderosa quanto possível. Por isso a totalidade ou a maior parte dos meios de fogo da P. R. deve cooperar nos fogos dessa barreira.

As barreiras de fogos no interior da posição e os fogos á distancia só devem merecer cuidado depois que se tiver dado todo o necessario á barreira principal.

Os fogos á distancia podem ser executados pelos Postos Avançados e por orgãos da P. R. que não sejam contribuintes principaes da barreira de fogos.

são dos or-  
s de fogo.

11 — Todo orgão de fogo recebe uma missão normal (principal) e missões eventuaes (secundarias). O conjunto das missões normaes constitue o "plano de fogo" propriamente dito, que será applicado automaticamente de dia ou de noite em caso de ataque geral.

As missões eventuaes dizem respeito principalmente aos tiros á distancia, aos apoios ou aos reforçamentos, pelo fogo em beneficio de unidades vizinhas em caso de ataque parcial.

As missões importantes de flanqueamento devem ser confiadas a metralhadoras bem protegidas na frente, seja pelo proprio terreno, seja pela presença de grupos de combate vizinhos.

Ao fuzil metralhador deve-se na maioria dos casos attribuir uma missão principal diante delle;

no caso em que a missão normal do fuzil metralhador consistir num tiro de flanqueamento deve-se protegelo completamente, collocando a esquadra de volteadores entre elle e o inimigo.

videncias pa-  
constituir o  
no de fogo  
nsivo.

12 — Dois casos principaes podem se dar:

1º caso — Quando se está fóra da acção dos fogos inimigos: — As medidas são determinadas pelos escalões superiores (D. I., Bda. I., R. I., Btl. Cia.) em linhas geraes cabendo aos escalões subordinados determinar as minucias necessarias.

2º caso — Em contacto com o inimigo e sob pressão deste: — Aqui ao contrario, as medidas, em grande parte, são

iniciadas pelos escalões subordinados e não pelos escalões superiores.

Em qualquer dos casos, porém, para cada commandante se tratará primeiro de determinar o logar onde devem ser collocados os fogos (zona a bater) para depois saber onde collocar as armas correspondentes.

Repartição da  
P. R.

13 — A P. R. póde ser repartida em:

Sectores — correspondendo á D. I.

Sub-sectores — correspondendo á Bda. I. ou R. I.

Quarteirão — correspondendo ao Btl. I.

Sub-quarteirão — correspondendo á Cia. I.

Organização da  
P. R.

14 — A P. R. constituida por seu conjunto de posições de tiro de armas automaticas e petrechos formando Grupos de combate defensivos; estes reunidos sob um unico commando formam um Ponto de Apoio; varios Pontos de Apoio formam um Centro de Resistencia; e varios Centros de Resistencia formam a Posição.

As posições de tiro dos orgãos de fogo se communicam por meio de trincheiras que recebem o nome de **parallelas** (parallelas á frente de defesa) e normaes (normaes á frente de defesa).

Em uma posição póde haver varias parallelas que recebem o nome de:

— parallelas de vigilancia

— parallela principal de resistencia

— parallela de apoio

— parallela de deter (ou melhor de remate).

Reservas.

15 — Cada repartição da Posição póde ter a sua reserva. Esta se destina a:

a) realisar as barreiras inferiores;

b) reforçar com fogos a barreira principal;

c) a contra atacar;

d) a substituir os elementos esgotados de 1º escalão.

Apoio da Artilharia.

16 — O elemento principal do apoio da artilharia na defesa é o fogo de deter na frente e no interior da Posição.

Alem disso a Artilharia póde fazer a contra preparação e o apoio aos contra ataques.

# Soares de Sampaio & Cia. Ltd.

*Avenida Rio Branco n. 63 - 2<sup>a</sup> and*

*Rio de Janeiro*

Teleg. — GUIRIRY

Teleph. } N. 797  
              } N. 555

REPRESENTANTES NA EUROPA:

Sté. Anón, Soares de Sampaio & Cie

4, Rue Pasquier — PARIS

---

**Material fixo e rodante para  
Estradas de Ferro**

**PONTES**

**Estructuras Metallicas**

**TUBOS PARA AGUA -- GAZ -- ESGOTO**

**CONSTRUCÇÕES NAVAES**

**Carga - Passageiros**

**NAVIOS DE GUERRA**